UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

***CHIC SHOW E ZIMBABWE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
NOS BAILES BLACK PAULISTANOS***

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autor: JOÃO BATISTA DE JESUS FÉLIX

Orientadora: LILIA KATRI MORITZ SCHWARCZ

Área: ANTROPOLOGIA SOCIAL

Ano: 2000

JOÃO BATISTA DE JESUS FÉLIX

CHIC SHOW E ZIMBABWE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NOS BAILES
BLACK PAULISTANOS

BANCA EXAMINADORA

ANTÔNIO SÉRGIO GUIMARÃES (SUPLENTE)
KABENGUELE MUNANGA (SUPLENTE)
MARIA LÚCIA MONTES (TITULAR)
PETER FRY (TITULAR)

Para MARIA DE JESUS FÉLIX (em memória)
e ABAYOMI MANDELA SILVA FÉLIX

AGRADECIMENTOS	6
INTRODUÇÃO	9
1 – Definição do Objeto	9
2 - Uma trajetória militante	15
3 – Trajetória teórica.....	19
4 – Outras Ponderações.....	22
CAPITULO I SOBRE NOSSAS “RAÇAS”	27
1 – Os pioneiros.....	27
2 – A Democracia Racial	29
3 – A pesquisa da UNESCO	35
4 – Pequeno Histórico do Movimento Negro Unificado - MNU	39
CAPÍTULO 2 – O QUE FAZ ESTE PÚBLICO DANÇAR.....	43
1 – Falando dos Bailes	43
2 – Pequenos históricos da Chic Show da Zimbabwe.....	45
2.1 – CHIC SHOW	45
2.2 – ZIMBABWE	48
3 – Descrição do baile no Clube da Cidade	53
4 – Descrição do baile no Espaço Atual	61
5 – Circulando por entre os públicos desses bailes	65
6 – Preferências radiofônicas.....	67
7 – Preferências musicais internacionais	69
8 – Preferências musicais nacionais	75
CAPÍTULO 3 – COMO SÃO E O QUE PENSAM	78
1 – Perfil dos frequentadores.....	78
1.1 – Dados pessoais.....	78
1.2 – Grau de instrução e profissões	90
1.3 – Renda Familiar	96
1.4 – Relação com as Escolas de Samba.....	98
1.5 – O melhor da Sétima Arte	103
2. Postura Política.....	106
2.1 – O Herói Nacional	106
2.2 – Discriminação Racial.....	112
2.3 – O Movimento Negro (MN).....	118
2.4 – Órgãos estatais responsáveis pelas relações raciais	133

2.5 – Partidos Políticos	136
2.6 - Religiões	139
CAPÍTULO 4 – ENTRE O MN E O HIP-HOP	143
1 – Separação entre lazer e política ou vice-versa.....	143
2 – O MN e o HIP-HOP (MH2O)	145
3 – Uma nova forma de fazer política e dançar	156
4 – Que tipo de identidade podemos ver nesses bailes	169
CONCLUSÃO	180
BIBLIOTECA	187
ANEXOS	195
AGRADECIMENTOS 2.....	201

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho. Espero neste pequeno espaço não se esquecer de ninguém, mas de antemão acho essa proeza quase impossível, devido às muitas ajudas recebidas nesses quatro anos passados. Em todos os casos, vamos lá. Elas além de contribuírem para o desenvolvimento desta pesquisa foram sensacionais nos momentos de cansaço, exaustão e depressão.

Gostaria de iniciar agradecendo a meu pai Durvalino Félix, que preparou todo o terreno para que eu pudesse atingir este ponto. Celso Fontana é o maior responsável pelo meu ingresso no mundo acadêmico, tudo por causa de sua cobrança quanto à minha interrupção nos estudos. Ao meu amigo Décio, professor no colégio Santa Inês e no cursinho Universitário, que tanta força me deu nos momentos em que o cansaço ameaçava vencer-me.

Sou muitíssimo grato ao casal de livreiros e amigos Raul e Terezinha, que contribuíram vastamente para o sucesso de meus estudos, tanto na graduação como na pós-graduação, providenciando, sempre que possível, a maior parte dos livros utilizados durante todos os meus anos de estudo e pesquisa. Não posso deixar de lembrar-se de Neneca, filha do casal, a quem envio um grande abraço, pelos vários momentos de descontração que você me concedeu; sinto muita saudade.

A todos os professores que contribuíram para minha graduação, e alguns em especial, a saber: Álvaro Gullo, Andréia Maria A.C. Loparic (pelo desenvolvimento de meu raciocínio lógico), André Singer, Carlos Serrano, Cláudio Vouga, Emir Sader (por seus estudos que são bastante revolucionários), Fernando Augusto Albuquerque Mourão (pelas informações sobre as Relações Internacionais na África), Francisco M. de Oliveira (grande marxista), Franklin Leopoldo e Silva, Jéssita M. Nogueira Moutinho, João Baptista Borges Pereira (pelas informações e documentações sobre o MN contemporâneo), José Francisco Quirino dos Santos, José Jeremias de Oliveira Filho, José R. N. Chiappin (grande mestre liberal), Kabengele Munanga (por nossas conversas acerca das relações raciais-étnicas brasileiras), Leonel Itaussu A. Mello (que contribuiu com suas informações sobre ideologia e academia), Lúcio Kovarick, Manoela Carneiro da Cunha (em quem me baseei durante toda minha pesquisa), Maria Célia Paoli (por

ter acreditado em mim logo no início de minha vida acadêmica), Margarida Maria Moura, Maria Helena Oliva Augusto (pelo grande curso sobre individualidade e liberdade), Olgária Matos (por ter ajudado em meus pensamentos sobre identidade), Paulo Sérgio Pinheiro (grande combatente da violência policial e social), Reginaldo Pradi (por ter me ajudado nos levantamentos de minhas pesquisas), Régis de Castro Andrade (pelo curso sobre Política e Ideologia contemporânea), Sedi Hirano, Sérgio Adorno, Silvia Caiuby. A Flávio Pierucci sou grato pelo convite para a ANPOCS de 1995, onde pude apresentar os primeiros esboços do que estava pensando pesquisar. Ao professor Brás Araújo por ter me concedido uma bolsa de aperfeiçoamento, em 1994, que me possibilitou preparar todo este projeto de pesquisa. Quanto à professora Marilena Chauí, inspiradora deste trabalho, espero ter correspondido a pelo menos uma parte de sua expectativa.

Não pode deixar de lembrar John Cowart Dawsey, não só pelo curso na pós-graduação, mas pelas várias contribuições que você me deu fora das salas de aula. Assim como José Guilherme Cantor Magnani, pelos muitos subsídios apresentados em minha qualificação, espero ter entendido-as e, em consequência, tê-las aproveitados bem. O mesmo vale para o professor Mário Eufrásio.

Não poderei deixar de expressar minha gratidão a Mirella que contribuiu bastante na concepção do meu projeto. A Marcinha, companheira de graduação, pelas discussões acadêmicas. Sem deixar de lado a sua imensa paciência nos dias que precederam a seleção da pós; somente uma verdadeira amiga faria o que você beijos e abraços.

Também sou devedor a Kelly, Maria Lúcia da Silva, Adomair, que ajudaram na aplicação dos questionários no Clube da Cidade. Foi de muita ajuda a contribuição dada por Pedro Maiela, na tabulação dos questionários. Foram de grande valia os incentivos dados por Jaqueline e todos os professores do Centro Comunitário de Estudos “Paulo Freire” durante os últimos três anos. Para o Cel. Luiz Gonzaga de Oliveira, da Guarda Municipal, obrigado pela força.

A Luiz Henrique de Toledo (Kiki) e Piero de Camargo Leirner sou grato pela leitura e contribuição que deram. O mesmo digo do conjunto de pesquisadores que participaram comigo no Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro – NEINB.

As diversas conversas que tive com Luciana Mendonça, com Cleyde, com Andréas, sobre a problemática da identidade e da discriminação no Brasil, foram de grande valia. A todos os orientandos da Lilia Schwarcz, a saber: Ilana Goldstein (por suas amizades e incentivos dados nos momentos de angústias e depressão, que cheguei a ter), Alessandra El Far, Fraya Frehse, André Pacheco, Stélio Marras, Heloísa Pires de Lima, Paula Miraglia, Paula Pinto e Silva, Valéria Mendonça de Macedo e Florença Ferrari, pela discussão que tivemos durante o desenvolvimento do trabalho. Os ‘papos’ com Márcio Macedo (Kibe) sobre o movimento HIP-HOP foram de um valor inestimável, muitas das informações que constam nesta pesquisa sobre essa prática sócio-cultural foram passadas por este companheiro de luta e pesquisa. Os equívocos são de minha inteira responsabilidade.

A Antônio, José Teixeira Freitas (Zeca), Osmir, Laércio e Augusta (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) muito obrigado pela paciência por terem lido e contribuído com as várias revisões que foram realizadas. As falhas que permaneceram sem demagogia, também são de minha inteira responsabilidade.

Do MNU, muito ajudaram Wilson Roberto Levy, Suely Chan, Rafael, pela força. As fotos dos bailes foram feitas por Flávio Rocha e a Andréas.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de estudo, que me permitiu levar, em caráter exclusivo, boa parte deste trabalho até o fim.

Este trabalho não teria o formato que tem sem a participação de Cristiane de Oliveira Rosa, que viabilizou a impressão final do projeto.

Não poderia deixar de fora minha orientadora e companheira de pesquisa Lilia Katri Moritz Schwarcz, que tanto acreditou em mim. Sem sua participação esta dissertação não teria um começo, nem um desenvolvimento e muito menos um final.

INTRODUÇÃO

1 – Definição do Objeto

O propósito deste trabalho é fazer um estudo sobre a construção da identidade dos frequentadores dos bailes *black*; o da Chic Show¹, que ocorre no salão Clube da Cidade² e o baile da Zimbabwe, realizado no salão Espaço Atual³. O que se pretende verificar a partir desses dois grupos é se as pessoas se definem apenas como negro ou branco, como defende o Movimento Negro Unificado (MNU), ou se existe a conformação de uma identidade mais ampla que a bi-racial⁴. Na verdade, o esforço está concentrado em discutir a “identidade racial” em um local determinado de estudo, tendo em vista que a raça é um construto social, acionado em momentos diferentes.

Os bailes estudados constituem-se em dois *lócus* que têm como principal função proporcionar aos seus frequentadores uma forma de lazer específica, que é a de desfrutar da música para dançar. As pessoas também vão a estes espaços para encontrar amigos, namorar, conversar, beber, etc.⁵, enfim para exercer a prática da sociabilidade.

Não se trata aqui de realizar simplesmente uma etnologia dos dois bailes, nem de estudar a posição político-filosófica dos proprietários desses locais. Outros autores, com Hermano Vianna, em O Mundo Funk Carioca (1988), desenvolveram estudos sobre a prática social dos bailes *black*. Embora o meu objeto de estudo seja praticamente o mesmo, já que ambos analisamos bailes *black*, a grande diferença está no fato de que Vianna procurou fazer uma etnografia dos bailes *funk* da cidade do Rio de Janeiro, enquanto meu objeto de estudo será, além da descrição dos bailes propriamente ditos, uma análise das

¹ As duas equipes têm vários bailes, os quais são nomeados de acordo com o local onde ocorrem. Por este motivo faz-se necessário o uso da preposição “de” na denominação dos bailes.

² Sede própria, localizada no bairro Barra Funda, zona norte da capital paulista, na Rua Mário de Andrade, 31/51.

³ Espaço alugado, situado no bairro de Santo Amaro, zona sul da capital, na Av. Interlagos, 2.500.

⁴ Forma de identidade cultural que só leva em consideração o negro e o branco.

⁵ A média de comparecimento das pessoas nesses espaços é de pelo menos uma vez por semana no Zimbabwe e duas vezes no Chic Show. Esta diferença entre ambos existe porque no primeiro os bailes só ocorrem aos domingos e vésperas de feriados, enquanto no segundo são realizados às sextas, sábados e domingos e vésperas de feriados.

práticas sociais das pessoas que freqüentam esses bailes. A questão central reside na reflexão sobre a maneira pela qual esses atores sociais constroem suas identidades, no interior desses grandes salões de encontros noturnos.

Existem muitas diferenças entre os bailes analisados por Vianna e os que estudo. Cito alguns exemplos, somente a título de ilustração: enquanto os *Disk Jockeys* (DJs) cariocas ficam de costas para o público e na lateral do palco, em São Paulo eles permanecem de frente e no centro do palco. Esta diferença resulta em uma maior interação dos DJs paulistanos com o seu público. Nos bailes da cidade do Rio de Janeiro são estimuladas as rivalidades existentes entre os moradores dos morros e bairros da cidade, como forma de “animar” os participantes. Já nos bailes da Chic Show e da Zimbabwe, as provocações entre os bairros são deixadas de lado, frente à convocação das torcidas dos maiores clubes de futebol de São Paulo – Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos e Portuguesa – que, principalmente no Zimbabwe, são usados como fator de mobilização do público.

No Rio de Janeiro, as apresentações de artistas famosos, mesmo quando ao vivo, são feitas com o emprego de *play-back*⁶ em São Paulo, os artistas dispensam o uso do *play-back*. Outra distinção é que nos bailes do Rio de Janeiro existem atrações especiais, como *stripteases* (Vianna, 1988: 92). Nunca tive notícia de que tal prática tivesse ocorrido nos bailes paulistanos. Além disso, é preciso destacar que esses bailes são chamados no *funk*, ao passo que em São Paulo são designados como bailes *black*⁷. Esses pequenos detalhes vão definindo grandes campos e revelam como não se trata, exatamente, do mesmo fenômeno.

Outra distinção entre minha pesquisa e a de Hermano Vianna é que ele pretendia, além da etnografia, aplicar um questionário, mas, segundo suas palavras, frustou-se em seu intento porque, as pessoas que freqüentavam os bailes

⁶ Recurso muito usado pelos programas de televisão. É uma apresentação em que os músicos, apesar de estarem com os instrumentos, não os tocam. O mesmo acontece com o cantor, que segura o microfone, mas não canta. Todo o som vem de uma fita, de um disco ou de um CD. No uso do *playback* é mais comum os cantores colocarem a voz sobre a base gravada em fita.

⁷ Na década de sessenta, todos eram chamados de *funk* porque esta era a designação do estilo musical norte-americano que tocava nesses bailes. No Rio de Janeiro não ocorreu qualquer mudança na denominação dos bailes, até nossos dias. Em São Paulo, conforme foram ocorrendo mudanças nos estilos musicais adotados pelos artistas norte-americanos, as denominações dos bailes também foram sendo alteradas. Em meados dos anos setenta passaram a ser chamados de bailes *funk*. Na década de oitenta eram bailes *soul*, atualmente bailes *black*. Outras diferenças poderiam ser apontadas entre os bailes do Rio de Janeiro e os de São Paulo, no entanto, esse levantamento fugiria ao escopo deste trabalho.

por ele pesquisados mostravam-se bastante esquivas às suas perguntas: elas estavam mais interessadas em entrar no baile e dançar. Em meu caso ocorreu uma situação diversa: além de fazer uma etnografia dos dois bailes também consegui aplicar os questionários em ambos. Isso não torna o trabalho de Vianna menos importante ou interessante que este, só revela uma condução diversa.

Uma grande diferença entre os bailes de São Paulo e os do Rio de Janeiro está no estilo das músicas mais executadas em cada um deles. No Rio de Janeiro, a preferência musical é pelo *funk* nacional, com letras mais voltadas para temas românticos ou cômicos. Já em São Paulo a seleção baseia-se no *rap* nacional, que procura fazer denúncias contra a violência policial, a discriminação e a situação de exploração brasileira, denotando certa politização.

Pode-se notar que o movimento HIP-HOP, mais politizado e contestador, parece ser mais fraco nos bailes do Rio de Janeiro. Seus participantes, devido às letras de suas músicas serem carregadas de críticas político-sociais, não tiveram o mesmo espaço nos bailes que os grupos que optaram por um estilo mais romântico. O resultado foi que muitos participaram do movimento HIP-HOP carioca vieram a São Paulo na tentativa de apresentar os seus trabalhos para um público mais engajado.

Em São Paulo, o movimento HIP-HOP surgiu fora dos bailes, embora tenha adquirido seus primeiros contatos com o *rap* norte-americano neles. Nos bairros periféricos apareceram várias “posses” – reunião de grupos de *rap*, grafiteiros e dançarinos de rua – e a maioria dos bailes *black* abriu espaço para que esses grupos se apresentassem. No início, os responsáveis pelos bailes, em troca da apresentação, garantiam o acesso gratuito dos cantores aos eventos. A equipe Zimbabwe, por exemplo, percebendo que havia uma grande aceitação das apresentações nos bailes, lançou no mercado uma coletânea dos melhores grupos – Racionais MC’s, Thaide e DJ Hum, DMN, principalmente.

Para se ter uma noção da diferença entre esses dois estilos musicais, os cariocas procuram utilizar ao máximo os meios de comunicação para divulgar seus trabalhos; enquanto os paulistas ocupam bem menos este tipo de espaço da mídia⁸.

⁸ Um fator que afasta os *rappers* paulistas da mídia são as letras de suas músicas, carregadas de palavras de “baixo calão”.

Outro destaque interessante é que o *funk* carioca se inspirou no *miami bass* da cidade Miami (EUA), que é mais romântico e pouco político; já o *rap* paulistano tem sua base no *rap* de Nova Iorque (EUA), que assume uma postura de confronto com o sistema sócio-político norte-americano.

Vale ressaltar, ainda, que nos bailes do Rio de Janeiro a violência está muito presente entre os frequentadores. Já nos bailes de São Paulo, nos quase três anos em que realizei minhas pesquisas, nunca presenciei qualquer cena de violência no interior destes, e nas apresentações de muitos grupos de *rap* eram comuns mensagens para que prevalecesse a paz entre as pessoas naqueles recintos. Quero destacar que o ritmo romântico nos bailes cariocas não “acalma” as pessoas, assim como as letras paulistanas com mensagens de denúncia e de violência não as tornam mais violentas. O fato de levantar algumas diferenças explícitas entre os bailes do Rio de Janeiro e de São Paulo não significa que, dentro de cada uma das cidades, eles sejam todos rigorosamente iguais entre si. Muito pelo contrário, em São Paulo há vários tipos de bailes *black*⁹

Gostaria de citar os bailes dirigidos às faixas etárias acima dos 30 anos, embora na vá trabalhar com eles nesta dissertação. A importância desta menção é demonstrar que, de fato, existem vários formatos de bailes *black*. O fator determinante para a presença nesses eventos, além da faixa etária de seus frequentadores, é a indumentária. O traje exigido pelos organizadores é o “esporte chic”, que consiste em camisa social (sem gravata), calça de tergal, sapato de couro e meia social, para os homens. Para as mulheres, o traje exigido é o vestido longo. “estas regras” no vestuário, segundo os seus organizadores são, na verdade, uma forma de afastar os jovens, pois a maneira de vestir deste é totalmente diferente¹⁰. As músicas executadas para a velha guarda são mais antigas, chamadas pelos frequentadores de “nostalgia”. Os bailes são organizados com um espaço de tempo maior entre um e outro (a periodicidade mínima é mensal) e costumam acontecer em lugares mais “sofisticados”, como por exemplo: Clube Homs, na Av. Paulista; Casa de Portugal, na Av. Liberdade, ou em algum imóvel luxuoso e amplo alugado somente para o evento, no Bairro do Pacaembu. Em todos, destaca-se certo “luxo”.

⁹ O mesmo ocorre no Rio de Janeiro, embora Vianna entenda que esses bailes sejam “realmente muito parecidos uns com os outros” (Vianna, 1988; 14). Sua posição, talvez decorra do fato de ele ter estudado somente um tipo de baile.

¹⁰ Nos bailes para os mais novos a roupa é livre, não sendo permitido somente bermudas.

Mas, voltemos aos dois bailes por nós selecionados – Chic Show, no Clube da Cidade, e Zimbabwe, no Espaço Atual freqüentados por um público bastante jovem. A média de idade de cada baile é a seguinte: Clube da Cidade, homens, 22 anos; mulheres, 20 anos. Espaço Atual, homens, 20 anos, mulheres, 18 anos. Podemos notar que em ambos a faixa etária e de jovens, assim como as mulheres têm uma média de idade mais baixa que a dos homens¹¹.

Apesar de serem chamados *black*, ambos os bailes são freqüentados também por pessoas “brancas” e essas, aparentemente, não sofrem maior hostilidade por parte dos freqüentadores não “brancos”. Esta é mais uma diferença entre estes bailes paulistas e os cariocas, como podemos notar através do depoimento de Vianna, no livro O Mundo Funk Carioca (1988):

“Uma única vez minha condição de ‘Branco’¹² foi ressaltada. No baile da Associação dos servidores Cíveis, ao lado do Canecão, Zona Sul, eu estava conversando com vários integrantes do Funk Clube (...) quando chegou uma dançarina e perguntou, com a voz baixa para que não ouvisse: ‘- Quem é esse branco aí?’. Nunca tinha sido chamado de branco. Não sabia o que fazer numa situação dessas, mas não fiquei exatamente chocado e sim surpreso. As outras pessoas, percebendo que eu tinha escutado a pergunta, e tentando contornar um possível mal-estar, logo foram afirmando, com ares de quem pede desculpa, que eu era o Hermano, um cara legal, um jornalista que dá força para o funk ou algo assim. A ‘questão racial’ imediatamente desapareceu” (op.cit.; pág. 16).

Notamos neste depoimento de Vianna que o possível conflito (que poderia existir, por o pesquisador ser branco e estar freqüentando um espaço negro) é imediatamente evitado pelo simples fato de ele ter sido classificado como “um jornalista que dá força para o funk”. Aqui parece ter prevalecido a máxima ditada por Roberto da Matta em “Você Sabe com Quem está Falando” (1983), ou seja, que valeu nesse caso foi a condição de um jornalista que fala bem do funk – e que tem amizade com os dirigentes do baile. Mais ainda: este ator social, no caso, é “pessoa” e não “indivíduo”, para voltarmos aos termos de Matta.

Também é possível notar em São Paulo a presença de alguns casais mistos – “negros” com “brancas” e “negras” com “brancos” -, sendo que os

¹¹ Os homens do Clube da Cidade ficaram com a média de idade mais alta, as mulheres do Zimbabwe com a menor, cabendo às mulheres do Clube da Cidade e aos homens do Espaço Atual a posição intermediária.

¹² Destaque do próprio autor.

primeiros casais são majoritários. A quantidade de pessoas “brancas”¹³, embora possa parecer pequena, não chega a ser desprezível. Numericamente falando, podemos dizer que ela atinge 15% do público. Os bailes *black* constituem, portanto, espaços de sociabilidade, sobretudo para estas populações “negro-mestiços” e uma minoria branca.

Como se vê, estamos diante de universos interessantes para análise. Nesse sentido, o que pretende esta pesquisa é estudar que tipo(s) de identidade(s) pode(m) ser conformada(s) no interior de uma população previamente escolhida, constituída, majoritariamente, por “negros” e “mestiços”¹⁴. A pretensão principal é tentar entender as diversas formas de afirmação de identidade étnica existente entre estas pessoas, isto é, refletir sobre o uso que as pessoas fazem da identidade, como elas se vêem no mundo. Ou seja, ao contrário, esta complexidade de identidades deve ser entendida como meramente negativa, como uma maneira de negar a “negritude”, conforme afirma Moura (1988): “o total de cento e trinta e seis cores bem demonstra como o brasileiro **foge** de sua realidade étnica, da sua identidade, procurando, através de simbolismos de **fuga**¹⁵, situar-se o mais próximo possível do modelo tido como superior” (pág. 63). O modelo superior, na opinião de Moura, é o branco. Para este pesquisador, no Brasil ou a pessoa é “branca” ou “negra”. As outras formas de se auto-designar são subterfúgios para se negar as ligações com qualquer tipo de “negritude”. Este é um dos principais pontos a ser desvendados nesta pesquisa. Haveria uma definição essencial, ou seria possível pensar em critérios negociados, contrastivos e assim fluídos e situacionais?

¹³ Foram consideradas brancas, neste trabalho, todas as pessoas que tinham a cor de sua pele bem clara e outras características, que o senso comum considera serem deste grupo étnico, tais como: cabelos lisos, nariz afinado, olhos claros, etc.

¹⁴ Embora esta categoria seja bem difusa, gostaria de afirmar que neste trabalho “mestiço” será toda pessoa que fenotipicamente não possa ser reconhecida como sendo negra, branca ou amarela. Esta minha posição não tem qualquer fundamento científico, mas sim empírico.

¹⁵ Destaque meus.

2 - Uma trajetória militante

Quando eu militava “organizadamente” – como membro atuante e comprometido com sua organização – no Movimento Negro Unificado - MNU¹⁶, entre os anos de 1982 a 1992, algumas perguntas sobre as posições políticas e ideológicas assumidas por seus dirigentes viviam atormentando-me. Entre elas, as principais eram as seguintes: como era possível explicar o fato de o MNU defender a visão de que o candomblé é uma religião negra, mesmo tendo em vista que a maioria de seus militantes não participa desta religião? Por que o MNU diz que o samba é uma expressão de cultura negra, mesmo que a maior parte de seus militantes também não tem nenhuma participação nessa atividade? O mesmo ocorre com a capoeira: o MNU afirma que esta é uma manifestação cultural negra, mas seus militantes, como nos casos anteriores, encontram-se também afastados de qualquer contato mais estreito com esse jogo.

Estas minhas indagações estavam baseadas no seguinte raciocínio: o MNU reivindica para si, desde o seu surgimento no cenário político brasileiro, a condição de principal catalisador dos anseios da população negra brasileira e, nesse sentido, entende que pode, e deve, escolher quem são os seus representados. Seria admissível, portanto, imaginar que seus militantes se enquadrassem nesta conceituação. Ao escolher algumas atividades culturais como sendo “negras”, o MNU deveria, ao menos, levar em consideração, dessa maneira, se os seus militantes participam ou não das mesmas.

Por outro lado, se candomblé, samba e capoeira são considerados, na opinião do MNU, tão importante na vida cultural dos negros brasileiros, o esperado seria que os militantes do MNU participassem ao máximo dessas atividades, confirmando-as, desta forma, como expressões culturais negras. No entanto, o que se vê é o oposto: nem mesmo os seus líderes políticos o fazem.

Pensando que essas expressões culturais e simbólicas são manuseadas pelo MNU, segundo uma postura político-ideológica que seleciona diferenças, podemos ver sua utilização como forma de ratificar uma identidade “negra”, construída a partir da eleição de certos elementos. Nas palavras de Cohen (1978), os símbolos são utilizados pelos grupos étnicos como instrumentos estratégicos para se atingir um determinados objetivo político.

¹⁶ Mais à frente apresentarei um histórico deste grupo.

Apesar de não, não época em que essas indagações surgiram, uma “opinião antropológica” formada frente à atitude do MNU, em relação a essas atividades culturais definidas como “negras”, eu percebia que “alguma coisa” não estava bem explicada. O que me intrigava era o fato de que tanto a capoeira, como o samba e o candomblé foram atividades culturais perseguidas pelo Estado brasileiro no século XIX e, no início da República, num segundo momento, foram escolhidas como símbolos nacionais. De atividades culturais de “negros” e “mulatos”, que envergonhavam o país, passaram a ‘verdadeiros’ símbolos culturais brasileiros, numa sucessão que, segundo Schwarcz, pode ser entendida como “um processo crescente de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados” (1995; 57).

Vemos assim que o MNU, posteriormente, viria reafirmar a posição oficial, apesar de assegurar que “a Cultura Negra ou Afro-Brasileira é manipulada pelas classes dominantes” (MNU, s/d). o que se nota, portanto, é que o MNU assume uma posição política sobre a questão, mas não estende ser necessário que esta seja refletida nas práticas de seus militantes e mesmo na de seus representados. O que faz da capoeira, do samba e do candomblé elementos negros, na opinião do MNU, é a sua origem histórica e não a apropriação política. Esta posição é resultado da visão política do MNU, que entende que a cultura é algo que pode ser ‘manipulada’ por qualquer postura ideológica, com ou sem reconhecimento prévio. Para o MNU a cultura está totalmente subordinada à política, é mero reflexo e não é preciso refletir sobre o ‘universo cultural’ ‘manipulado’.

Outra dúvida que me afligia, nos anos em que fazia a minha graduação, girava em torno da definição de “negro”, elaborada pelo MNU. Em sua opinião, “negro” era “todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos dessa **raça**”¹⁷ (MNU, 1988; 18)¹⁸. O MNU “copiou”¹⁹ da sociedade norte-americana, portanto, esta construção “racial” de “negro”. Naquela sociedade, por outro lado, não existe o mestiço enquanto categoria: uma vez que a

¹⁷ Destaque meu.

¹⁸ Esta definição de negro foi construída pelo Movimento Negro Unificado – MNU, mas é aceita por todas as entidades que compõem o conjunto do MN.

¹⁹ Nesse momento eu ainda pensava a cópia como algo inferior ao original. Atualmente concordo com Roberto Schwarz (1987), que no artigo Nacional por Subtração, defende a proposição de que devemos levar em consideração, em nossas observações científicas a originalidade da cópia. Pois quem copia não opta pela totalidade do original, sim faz recortes e seleciona.

pessoa tenha um ascendente negro, não importa a sua fenotípia, será considerada negra. O meu problema estava localizado no seguinte ponto: se a visão de “negro” adotada pelo MNU estava baseada na definição “racial” norte-americana, em que todo “mestiço” é considerado negro, isto deslegitimaria, de alguma maneira, a posição do MNU sobre o que seria “negro” na sociedade brasileira? Uma vez que no Brasil a fenotípia tem enorme valor no momento em que se vai definir a classificação étnico-social da pessoa, como seria recebida uma proposta de identificação que não destacasse esse fato?

Segundo alguns autores nos EUA todo e qualquer “mestiço” de “negro” e “branco” é considerado “negro”, “... nos Estados Unidos há uma linha de cor a separar os brancos dos não brancos” (Nogueira, 1985; 60). “Historicamente, nos Estados Unidos qualquer pessoa com ancestrais negros era considerada negra, mesmo se parecesse branca” (Degler, 1976; 112). Segundo Rosenfeld, “na definição norte-americana, negro é todo aquele em cujas veias comprovadamente corra um fio que seja de ‘sangue negro’, de forma que o que importa não é a aparência e sim a descendência (sic) racial” (1993; 24). Diante dessas informações, podemos afirmar que, ao menos formalmente, não existe naquele país a categoria social “mestiça”.

Acontece que quem “define” se os “mestiços” seriam considerados “negros”, nos EUA, foram os “brancos”, como forma de impedir que os filhos que nascessem de relações entre os senhores “brancos” e suas escravas “negras” fossem considerados herdeiros de seus pais “brancos”. “Nos dias da escravidão e enquanto perdurou a segregação legal, um negro era definido por lei e pelos costumes como qualquer um que tivesse uma certa quantidade de ascendência negra – aproximadamente um oitavo. Mas já ocorreram casos no século XX em que qualquer quantidade de sangue negro levaria a que a pessoa fosse considerada, legalmente, como negra” (Degler, 1976; 112).

Segundo esse raciocínio, é possível entender que nos EUA, no século passado, ser “negro” significava ser impuro, enquanto ser “branco” representaria a pureza esta posição nos remete à discussão desenvolvida por Mary Douglas (1966), em Pureza e Perigo²⁰. Ou seja, o “branco”, por ser a “raça” superior,

²⁰ Embora a discussão de pureza e contaminação discutida por Douglas se refira, principalmente, à religião e à casta, é possível se fazer uma analogia com a questão de “raça” na sociedade norte-americana.

deveria evitar, nos EUA, contato com as “raças” inferiores, no caso a “indígena” e a “negra”. Todas as pessoas que nascessem de uma miscigenação entre “raças” seriam consideradas como participantes das “raças” inferiores. Isso porque, segundo este raciocínio, só pode haver pureza entre “raças” superiores. Em outras palavras, ser classificado como negro, nos EUA, significava ser considerado um ser contaminado, misturado e inferior (Douglas; 194).

Mas a situação atual é ainda mais complexa, conforme as palavras de Rosenfeld: “os negros constituem atualmente uma casta especial na América do Norte, separada da casta dominante branca por uma linha precisa e em princípio intransponível, situação esta que se manifesta também através da proibição legal de casamentos inter-raciais em vários Estados” (1993; 23).

Esse panorama não é, porém, idêntico no Brasil, onde o “mestiço” existe como categoria e possui um papel social bastante relevante. Ele como representação, teve vários papéis sociais na história brasileira. Se no século passado chegou a ser considerado símbolo maior de nosso fracasso, depois, já nos anos 30, passou a representar a grande saída para o nosso futuro como nação²¹.

Esse tipo de indagação continuava a instigar o meu raciocínio mesmo após ingressar no “mundo” acadêmico, em 1988. No decorrer do curso de Ciências Sociais, mas precisamente em, 1990, após um período de bastante turbulência política envolvendo um grupo de São Bernardo, do qual participava, e um conjunto de militantes do MNU de São Paulo e Campinas, foi aprovada, em uma Assembléia ocorrida em 15 de abril de 1991, a minha expulsão do quadro de militância do MNU. Não obstante, este fato não me afastou da militância do Movimento Negro. Em 1992 participei da fundação da Soweto: Entidade Negra, a qual me levou a contribuir na organização do 1º Encontro Nacional de Entidades Negras, ocorrido no Ginásio do Pacaembu, no mês de novembro de 1993. Após esta atividade afastei-me do Movimento Negro e passei a dedicar-me à academia.

²¹ Mais à frente apresentarei algumas posições teóricas sobre a miscigenação no Brasil.

3 – Trajetória teórica

Em meu terceiro ano de faculdade, em 1990, surgiu a primeira oportunidade de tentar obter explicações para algumas questões que me incomodavam. A professora Carmem Cinira²² ofereceu um curso optativo sobre “identidade Cultural”, no qual me inscrevi imediatamente.

O curso foi uma oportunidade para que eu começasse a vislumbrar o tamanho do problema em que estava me metendo, qual seja: estudar como se dá o processo da construção de identidade culturais.

A “primeira luz no final do túnel” não veio em sala de aula, mas sim nos corredores da faculdade, quando narrei à professora Lilia Schwarcz minha perplexidade ante o fato de que o MNU definia o candomblé, o samba e a capoeira como expressões culturais “negras”, mas não tinha essas práticas culturais como prioritárias para seus militantes. O que queria saber era se esta posição do MNU não invalidava esse tipo de construção de uma “identidade negra brasileira”. A resposta da professora Lilia foi direta: eu não deveria ver a identidade como um fenômeno definitivo e estático. A identidade seria uma construção política. Nesse sentido, a identidade está em constante processo de construção, ela é situacional, contrastiva e política (Cunha, 1985; 206). Em sua opinião, em vez de procurar verificar se era ou não correta a proposta de “identidade negra” do MNU, eu poderia estudar a eficácia dessa proposta junto a algum agrupamento social, em que a maioria das pessoas que o compusesse fosse constituída de “negros” e “mestiços”. Ou seja, o público-alvo do MNU²³.

Outro grande impulso que recebi para esta pesquisa foi a aula inaugural da FFLCH, dada pela professora Marilena Chauí, no ano de 1993, cujo tema foi “Racismo e Cultura”. Chauí terminou-a com as seguintes palavras:

“...Se escolhi, entre vários caminhos possíveis para a aula de hoje, aquele que aponta o modo como o discurso e as idéias anti-racistas acabam

²² Por questão de saúde ela só pode apresentar o curso, que foi desenvolvido pela professora Maria Lúcia Montes. Durante boa parte das aulas a professora Carmem Cinira permaneceu internada, vindo a falecer, mais ou menos, um mês antes do encerramento do curso. Atualmente a sala 24, do prédio da Filosofia e Ciências Sociais, chama-se Carmem Cinira; uma homenagem dos alunos a esta grande professora.

²³ Quando terminei os créditos no curso de Ciências Sociais resolvi fazer algumas matérias no Departamento de Filosofia, com o intuito de reforçar a minha formação teórica. Na Filosofia, os cursos ministrados pela professora Olgária Mattos em muito me ajudaram a ampliar minhas perspectivas e poder entender melhor os textos sobre identidade cultural.

operando como espelho para o racismo e oferecendo a este último argumentos para renovar-se e atualizar-se, é porque estou convencida de que as categorias de que dispomos para pensar o Brasil e para pensar o racismo não são suficientes para quebrá-los. Sei, como muitos sabem, que o mundo não se transforma por meio de idéias, pois as relações sociais são uma matéria opaca que determina nosso pensar e nosso agir. Mas acredito também que se não inventarmos um outro pensamento para os problemas que enfrentamos não atravessaremos a opacidade da matéria social, e nossa ação política intelectual será cega.

A questão que (...) procurei abordar aqui sugere que talvez nossa impotência para elaborar um discurso contra o racismo venha do fato de termos sempre elaborado discursos **anti-racistas**, quando talvez fosse o caso de elaborar um discurso **não-racista**...”²⁴ (págs. 15/16).

A aula de Chauí teve grande influência na elaboração de minha pesquisa, porque ao iniciar meu trabalho procurei manter uma discussão em que o conceito “raça” não fosse o meu principal balizador teórico. Resultado: ao término desta aula inaugural, decidi que o melhor a fazer seria não ter como parâmetro definidor da identidade o conceito “raça”.

Parcela considerável dos estudos sobre identidade “étnico-racial” no Brasil parte da premissa de que “negro” e “branco” são identidades primeiras e afirmativas. Quaisquer outras formas de identidade que derivem dessas devem ser consideradas identidades negativas, ou seja, secundárias. Em meu entendimento, ao invés de encontrarmos estudos sobre identidade, o que temos, muitas vezes, são estudos sobre a discriminação e exploração a que são submetidos os “negros” e “mestiços” em nosso país. como ambos os grupos são vítimas de discriminação, devido às suas origens “sócio-étnico-raciais”, a grande maioria dos estudos optou por igualá-los, isto é, entende-los como um só grupo social, não havendo nenhum motivo plausível, na opinião desses pesquisadores, para separá-los.

Esse entendimento, em minha opinião, é reforçado pela posição assumida pelo MNU que durante os anos 1970 acabou por influenciar as pesquisas acadêmicas e vice-versa. Primeiramente, o MNU procurou se apoiar nas pesquisas da equipe de Roger Bastide e Floresta Fernandes²⁵ e nos trabalhos da escola sociológica paulistana. Com esse respaldo político-científico, o MNU ocupou o

²⁴ Os destaques são da própria autora.

²⁵ Mais à frente falarei sobre os trabalhos desenvolvidos pelos diversos grupos coordenados por esses pesquisadores, com destaque à obra A integração do Negro na Sociedade de Classe (1965), de Florestan Fernandes.

espaço político e procurou fazer valer as suas posturas ideológicas, ao lado de outros movimentos sociais que entravam na agenda política da época.

Seguindo esse raciocínio, portanto, quero afirmar que este estudo não dará prioridade às discriminações de “raça” ou de “cor” existentes no Brasil, mas sim à construção de identidade dos pesquisadores. Para tanto, torna-se preciso um pequeno levantamento teórico dos estudos sobre “raça” e “mestiçagem” no país, para que fique mais claro o argumento que será desenvolvimento.

4 – Outras Ponderações

No final do século passado e no início do nosso século, uma série de cientistas procurou fazer prevalecer as suas posições sobre a questão da “raça” na sociedade brasileira. Tudo parece mostrar que, se a realidade não condizia com a teoria, era a realidade que não estava correta. Nina Rodrigues (1957), Sílvio Romero (1943), João B. Lacerda (1911), Euclides da Cunha (1995) e outros, com seus estudos sobre o problema da mestiçagem, e a despeito das diferentes abordagens, são pensadores centrais nessa corrente teórica. Trata-se de pensar na relevância que o determinismo racial teve na conformação de modelos teóricos e políticos; pensar que se ele não teve mais força como argumento teórico, permaneceu como representação.

Mais recentemente, se é fato de que esse tipo de postura não encontra mais tanto respaldo, é fato, também, que a voga é tentar dar lugar à fala do “nativo”, o que pode levar a situações igualmente comprometedoras. Se outrora “pecava-se” por excesso de imposição do saber científico sobre a “realidade”, atualmente pode-se incorrer em erro por falta de rigor e compromisso com esta fora de conhecimento. Em muitos estudos mais engajados sobre a condição dos “negros” e dos “mestiços” no Brasil, notamos que as opiniões difundidas pelo MNU são respeitadas como absolutas e, quando não se consegue confirma-las, as críticas são dirigidas aos pesquisadores, que não fazem parte do MN e que, por este motivo, não têm nenhum compromisso com as propostas desse grupo.

Alguns estudos²⁶ procuram demonstrar que o “mestiço” é “negro”, não importando que aquele apresente muitas resistências em ser identificado dessa maneira. No entanto, é preciso levar em conta a afirmação de Barth (1969), que define a identidade em termos de adscrição, ou seja, que ela é resultado de relações sociais em que é “negro” quem se considera e é considerado pelo grupo como tal. Assim, podemos notar que as proposições que só relevam um argumento purista, como defende o MN, são bastante frágeis. Muitas vezes, posicionar-se como “mestiço”²⁷ não surge como uma forma de negar qualquer laço genético com os

²⁶ Berriel, Maria M. O. Identidade Fragmentada, 1988; Souza, Irene Sales de Resgate de Identidade na Travessia do Movimento Negro, 1991.

²⁷ “Mestiço” é uma denominação muito abrangente. Não temos, nesta altura do texto, qualquer pretensão de ao utilizá-la dar conta da imensa variedade de identificação brasileira. Devido a esta

“negros”, mas sim como uma afirmação de sua condição sócio-étnica intermediária. Neste trabalho o maior compromisso é com a tentativa de demonstrar como e quando esse tipo de atitude ocorre. Foi nesse sentido que este estudo foi desenvolvido, tendo como objeto dois bailes *black* de São Paulo: o da Chic Show e o da Zimbabwe.

Pretendi fazer um estudo sobre a construção e manipulação da identidade dos frequentadores desses dois bailes e observar como o MNU é percebido²⁸ e/ou se é conhecido nesses locais. Com o desenvolvimento de minha pesquisa de campo notei, porém, que a primeira parte da investigação já era, por si só, bastante complexa. Assim, resolvi aprofundar neste trabalho somente a primeira parte, ficando para a conclusão a comparação entre a construção de identidade de ambos os grupos.

Todo o levantamento está pautado em pesquisa de campo realizada durante os anos de 1994/96, quando entrevistei frequentadores desses dois bailes, com o objetivo de levantar dados preliminares para uma análise posterior. No primeiro questionário que elaborei inclui muitas perguntas cuja referência básica estava ligada à minha experiência anterior como militante do MNU. Isso fez com que as questões fossem construídas de maneira muito limitada. Um bom exemplo dessa postura é a pergunta sobre cor, formulada inicialmente da seguinte maneira: “Para você, a sua cor é: a) negra; b) branca ou c) mestiça? (a resposta era fechada). Após várias respostas do tipo “mulata”, “parda”, “morena”, percebi que deveria alterar a pergunta, permitindo respostas mais abertas.

Modifiquei então a questão: “Para você, qual é a sua cor?” Mesmo com esta mudança, a pergunta mostrou-se insuficiente. Algumas pessoas respondiam assim: “minha cor é morena, mas a minha raça é negra”. Isso demonstrava que “raça” tinha certo significado para algumas pessoas dessa população, fato esse que despertou a minha “curiosidade acadêmica”. Como resultado, inseri uma nova pergunta sobre raça, em alguns questionários que foram aplicados somente no baile da Chic Show, porque o baile da Zimbabwe havia sido desativado, naquela época.

complexidade, em alguns momentos do trabalho esse mesmo termo será utilizado como referência aos não “brancos”, não “negros”, não “amarelos” e não “indígenas”.

²⁸ Aqui, estou utilizando o verbo perceber na forma berkeliana (1973), ou seja, como existência sensível.

Outra questão que tinha grande interesse para mim – como ex-militante do MNU – era saber quem seria o herói nacional para essas duas populações. Iniciei esta pesquisa no ano de 1994, momento que antecedia o tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares²⁹. Essa personalidade histórica é exaltada pelo MNU e pelo Movimento Negro e geral, para se contrapor à posição oficial, segundo a qual a Princesa Isabel fora a responsável pela libertação dos escravos no Brasil e que, portanto, deveria ser reverenciado pelos negros brasileiros como a sua maior heroína histórica e “redentora”.

Quando à data 13 de maio, o MNU nega-o como o dia da libertação dos negros, apesar de a data marcar oficialmente a abolição da escravatura. Por este motivo o MNU passou a considerar essa data como o “Dia Nacional de Luta Contra o Racismo”. Tal postura política baseava-se no argumento de que a “lei (Áurea) ficou no papel, encobrendo uma situação de dominação em que até hoje o negro se encontra: *jogado nas favelas, cortiços, alagados e invasões, empurrando para a marginalidade, a prostituição, a mendicância, presídios, o desemprego e o subemprego* e tendo sobre si, o peso desumano da violência e da repressão policial” (MNU, 1988. Destaque no original).

O resultado desta proposta do MNU foi que Zumbi acabou sendo assumido naquele ano, até mesmo pelo Estado brasileiro, não só como herói dos negros, mas como uma nova espécie de herói nacional. Essa longa explicação serve para indicar porque eu acreditava que o herói nacional escolhido pelos freqüentadores dos bailes deveria ser Zumbi dos Palmares. Das muitas surpresas que tive no decorrer dessa pesquisa, a resposta a essa pergunta foi uma delas. O herói da pesquisa terminou sendo uma personalidade contemporânea aos freqüentadores: Ayrton Senna da Silva, o corredor de Fórmula 1.

Outra preocupação foi fazer com que a pesquisa abrangesse somente as pessoas que, e minha opinião, seriam consideradas negras pelo MNU. Assumi este recorte por entender que, ao propor a discussão sobre a construção da identidade de um grupo, precisaria assumir uma hipótese inicial, para poder testá-la empiricamente. Os questionários só foram respondidos durante os bailes de domingo, não havendo nenhum motivo especial para esta seleção, que se deveu tão

²⁹ A data 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, foi escolhida para ser o “Dia Nacional da Consciência Negra”. No entender do MNU, Palmares foi “a *primeira e única* tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre, em que todos – negro, índios e brancos – realizariam um grande avanço político e social (MNU, 1988; contracapa. Destaque no original).

somente ao fato de que, no decorrer de boa parte do período em que a investigação foi desenvolvida, este pesquisador trabalhava em outra atividade durante a semana e estudava³⁰. Os organizadores dos bailes e os seus empregados não foram entrevistados. Os primeiros, porque entendi que seus discursos, já conhecidos por mim há longo tempo - nos anos de minha militância -, seriam elaborados e por demais “comprometidos” para satisfazer meus “anseios” como pesquisador. Em outras palavras, eles tentariam “fazer bonito” comigo. Já com relação aos empregados, decidi não os incluir na pesquisa, por entender que nossas relações iriam aumentar com o desenrolar da investigação. Como não os entrevistei nos primeiros dias, optei por não fazê-lo durante o desenvolvimento do trabalho como um todo.

O questionário foi dividido da seguinte maneira: na primeira parte ficaram as perguntas de cunho pessoal; na segunda aparecem as questões relativas às formas de lazer preferidas dos pesquisados. A terceira e última parte buscaram levantar as visões políticas e religiosas dos participantes dos bailes.

Tendo em vista os resultados da pesquisa, a dissertação está dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo procuramos fazer um levantamento teórico sobre as relações “étnico-raciais” no Brasil, dos cientistas do começo do século XIX até nossos dias. Finalizamos com uma pequena apresentação do Movimento Negro Unificado (MNU), entidade que é considerada referência maior do Movimento Negro (MN) contemporâneo. No capítulo dois, apresentamos e analisamos os dados, colhidos nos dois bailes que nos revelam, basicamente, as preferências dos entrevistados no campo artístico. Na primeira parte do terceiro capítulo apresentamos perfil sócio cultural dos pesquisados: já na segunda, procuramos descrever quais eram as principais visões e posturas político-ideológicas do grupo pesquisado. Por fim, no capítulo quarto a nossa intenção foi procura apresentar e explicar o que são o MN e o Movimento HIP-HOP. Fechamos esta parte do trabalho com a opinião sobre que tipo de identidade temos nestes dois bailes *black*.

Nos “Anexos” apresentamos algumas letras de músicas do grupo “Racionais MC’s”, que foram os mais citados de nossa pesquisa.

³⁰ Às pessoas que aplicaram questionários sob minha orientação, reitero os meus agradecimentos.

Esperamos, com as análises dos questionários, ampliarmos uma visão sobre a representação de grupos negros paulistanos. A se destacar a idéia da existência de uma visão de mundo plural e um diálogo preferencial com o HIP-HOP, no lugar de fala política do MN. Falta, agora, expor os resultados e compartilhar as conclusões.

CAPITULO I SOBRE NOSSAS “RAÇAS”

1 – Os pioneiros

Muitos autores, tais como Sílvio Romero (1943), Nina Rodrigues (1957), Oliveira Vianna e outros, dedicaram-se à análise das relações “raciais” e da mestiçagem no Brasil, o que pode exemplificar a grande preocupação que essas questões despertam em nossa sociedade. A escravidão brasileira legou para a história do país a problematização da desigualdade sócio-racial. Tal situação fez com que muitos “homens de ciências” – como se autodenominavam, então, os letrados vinculados às instituições de pesquisa e ensino no país – se sentissem na obrigação de tentar entender e explicar o destino de um país, com uma população de grande contingente de ex-escravos e de mestiços. Uma das maiores razões para esta preocupação baseava-se no fato de que, no final do século XIX e início do século XX, boa parte dos homens de ciências, principalmente da Europa, defendia a inviabilidade da mestiçagem. Nesse sentido, uma sociedade que tivesse grande proliferação desse fenômeno genético estaria irremediavelmente destinada ao fracasso, tanto social como político e cultural (Cruz Costa, 1967; Skidmore, 1976 e Schwarcz, 1993).

O Brasil, devido à enorme taxa de miscigenação presente em sua sociedade, despertou a curiosidade de muitos desses cientistas, dentro e fora do país, desde os primeiros momentos da colonização. Em outras palavras, o que esses senhores gostariam de saber era o que um país, já tão miscigenado – com um destino “funesto” tão evidente – faria para tentar modificar essa sina terrível. Além disso, em finais do séc. XIX parecia importante verificar se as opções feitas pelas miscigenações teriam alguns efeitos benéficos.

Internamente podemos perceber a consolidação de pelo menos três principais posições frente às teorias européias: para alguns cientistas o futuro de um país “miscigenado” só poderia, de fato, ser funesto, isso devido, tão somente, à miscigenação (Nina Rodrigues, 1957). Outros entendiam que esse mesmo fenômeno social não era tão prejudicial assim e que o branqueamento se imporia (Sílvio Romero, 1949). Outros ainda compreenderiam que essa mesma questão era de pouca ou nenhuma importância, já que o problema se resumia à educação

(Manoel Bomfim, 1993). As posições se dividiam, mas mostravam, em seu conjunto, perplexidade em relação à questão. Foi só nos anos 30 que temos o tema se transformando, como mostra, entre outros, Schwarcz, em Espetáculo das Raças, 1993.

2 – A Democracia Racial

Gilberto Freyre foi um estudioso que procurou contribuir com a discussão sobre a identidade do brasileiro, já em outro contexto político e intelectual. No prefácio do livro Casa Grande & Senzala, 1933, o autor afirma que, após ter tomado contato com Franz Boas, em Colômbia (EUA), procurou explicar a questão da miscigenação, descartando a “raça” como fator determinante e introduzindo a noção de cultura³¹.

Nesse sentido, o primeiro desafio de Freyre foi considerar “fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio” (1978; XXIII/XXIV). Ele teve contato com modelos explicativos anteriores, como Nina Rodrigues, Sílvio Romero, João B. Lacerda, Oliveira Vianna e outros, que pretendiam, por meio da determinante racial, definir o “real” caráter do brasileiro e as várias tentativas de se explicar a problemática da miscigenação. Por este motivo, afirma no prefácio da primeira edição de Casa-Grande & Senzala: “dos problemas brasileiros, (não havia) nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação” (idem; XXIII)³².

Freyre procurou analisar as relações sócio-raciais brasileiras tendo como modelo as condições de vida existentes entre os habitantes da “Casa-Grande” e os da “Senzala”. Em Casa-Grande & Senzala, 1933, o autor procurou descrever uma sociedade em que a participação tanto do “negro” como do “mestiço” tivesse um destaque bastante relevante. Como a sua proposta era fazer um estudo culturalista das relações sócio-raciais brasileiras, Freyre buscou dar relevo à influência que esses grupos tiveram sobre o estilo de vida dos senhores de engenho. Tal influência, segundo Freyre, se fez sentir principalmente na culinária, nas vestimentas e na sexualidade.

Alguns estudiosos costumam defender a idéia de que a contribuição de Gilberto Freyre foi a de que, pela primeira vez, ‘positivar’ a mestiçagem brasileira. Segundo Skidmore: “Casa-Grande & Senzala virou de cabeça para baixo a

³¹ Uma boa obra sobre este autor é Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre, de Ricardo Benzaquem de Araújo, 1994.

³² Neste meu trabalho a miscigenação também é parte relevante, como fenômeno em si, mas através de alguns de seus desenvolvimento, como a construção da identidade dos freqüentadores dos bailes.

afirmação de ter a miscigenação causado dano irreparável (à sociedade brasileira). O *pot-pourri* étnico do Brasil, dizia Gilberto Freyre, era, ao contrário, uma vantagem imensa” (1976: 210). Apesar da opinião de Skidmore, o que notamos é que a miscigenação não era entendida no Brasil pré-Gilberto Freyre, simplesmente como um “dano irreparável” havia também posturas que defendiam ser ela um mal necessário, ou um “fato e pronto”, como dizia Sílvia Romero.

O enorme sucesso – pois esta obra em muito influenciou a visão de mundo da sociedade brasileira – alcançado por Casa-Grande & Senzala não está somente relacionado às opiniões assumidas por seu autor, mas sim na grande capacidade que Gilberto Freyre teve em conseguir dar destaque a várias teorias apresentadas anteriormente favoráveis à mestiçagem, mas separadas entre si. Segundo Schwarcz, ao reuni-las Freyre conseguiu oferecer “uma espécie de nova racionalidade para a sociedade multirracial brasileira” (1995). Além desta “mistura” teórica ele procurou se basear na teoria culturalista norte-americana “sem abandonar totalmente os pressupostos raciais dos mestres brasileiros”, o que levou a obra de Freyre a revelar uma “singularidade da mestiçagem (brasileira), inventando os termos da equação e positivando o modelo” (Schwarcz, 1995; 54). Já Skidmore (1976) afirma que a postura teórica assumida por Freyre:

“...agradou aos brasileiros, pois ajudava a explicar a origem da sua própria personalidade. Ao mesmo tempo, era a primeira vez que os leitores recebiam um exame erudito do caráter nacional brasileiro com uma desinibida mensagem de otimismo: os brasileiros podiam orgulhar-se da sua civilização tropical, original e etnicamente mestiça, cujos vícios sociais – que Gilberto Freyre não subestimou – deviam atribuir-se principalmente à atmosfera de monocultura escravista que dominava o país até a segunda metade do séc. XIX. As conseqüências danosas da miscigenação provinham não da mistura de raça em si mas da relação malsã de senhor e escravo debaixo da qual se fizera” (pág. 211).

Como podemos notar, Freyre, com sua obra Casa-Grande & Senzala, ofereceu uma explicação acadêmica sobre uma questão que tanto incomodava os intelectuais e políticos brasileiros. Em novos termos se reinterpretava o Brasil como uma sociedade “mestiça”. É interessante notar também que, nessa obra, Freyre descarta logo no primeiro capítulo os indígenas. Para ele, a maior, quiçá a

única, contribuição dada pelos nativos de nosso contingente foi o útero materno, de onde saíram os primeiros brasileiros. Nada mais³³.

A sociedade mostrada por Gilberto Freyre, nesta obra, é uma sociedade em que os portugueses entram com o poder político, a civilização e o capital, e os negros com parte da cultura. A miscigenação brasileira é explicada histórica e culturalmente: os portugueses, por já terem tido um longo contato com os mouros no continente europeu, não tiveram problema alguma para se relacionar com as mulheres africanas aqui no Brasil. Devido a esse passado mestiço anterior, os filhos que surgiram dessas relações foram incorporados à convivência da Casa-Grande. Esta postura assumida pelos portugueses foi denominada por Gilberto Freyre, anos mais tarde, de luso-tropicalismo³⁴.

Freyre destacou a contribuição cultural do africano, que para ele já era detentor de uma “cultura superior não só à dos indígenas como à da grande maioria dos colonos brancos” (Freyre, 1978; 299). A violência existente no regime escravista brasileiro era explicada através desta cultura menor dos europeus.

No desenvolvimento do enredo de Casa-Grande & Senzala, as relações entre escravos e senhores vão ficando cada vez mais adocicadas, a ponto de o autor afirmar que:

“Os pretos e pardos no Brasil não foram apenas companheiros dos meninos brancos nas aulas das casas-grandes e até nos colégios; houve também meninos brancos que aprenderam a ler com professores negros. A ler e a escrever e também a contar pelo sistema de tabuada cantada” (idem; 415).

Casa-Grande & Senzala inicia uma nova fase na história intelectual do país. Após sua publicação as relações “raciais” brasileiras passam a ser vistas como altamente positiva³⁵. Freyre, não contente com o sucesso alcançado, passa a ser o nosso maior divulgador, internacionalmente falando, através de suas obras posteriores, de nossas relações “raciais” amistosas. Na obra Interpretação do Brasil, de 1947, que é uma coletânea de diversas palestras proferidas por Freyre nos EUA, em várias ocasiões o autor afirma e reafirma que o colonizador luso não

³³ Em um depoimento dado à TV Cultura, num programa sobre o livro Casa-Grande & Senzala, exibido pela primeira vez, em maio de 1994, Gilberto Freyre afirma “que somente a índia fêmea contribuiu para a colonização do Brasil”.

³⁴ Para maiores informações sobre este tema consultar Omar Ribeiro, 1996, Do Saber Colonial ao Luso Tropicalismo.

³⁵ A importância de Casa-Grande & Senzala, está em sua proposta teórica culturalista que se propunha a desvendar o que fazia do Brasil uma nação multirracial. A maneira de relatar e as fontes utilizadas causaram bastante impacto, devido ao seu ineditismo.

teve a mesma postura de separação e de distanciamento, com relação a seus escravos, que os colonizadores anglo-saxônicos na América do Norte. Ou seja, ele procurou divulgar para o mundo todo que no Brasil existia uma real “democracia racial”, em que “brancos” e “negros” conviviam fraternalmente. Outro fator que muito contribuiu para o sucesso internacional de nossa representação de “democracia racial” foi que Portugal abraçou imediatamente o “lusotropicalismo” proposto por Freyre³⁶. De posse dessa teoria, Portugal tentou justificar as suas colônias na África. Em sua visão, as diferenças sociais existentes no Brasil seriam “o resultado da consciência de classe mais do que de qualquer preconceito e raça ou de cor” (Freyre, 1947; 188).

Apesar de ser um grande defensor da “democracia brasileira”, Freyre tinha conhecimento das discriminações que os negros e mestiços sofriam no Brasil. No livro Ordem e Progresso, escrito em 1957, obra em que propôs fazer um estudo extenso sobre a sociedade brasileira (para tanto aplicou 1.500 questionários, em todo país, atingindo pessoas das mais diversas estratificações sociais), podemos destacar alguns depoimentos em que as pessoas demonstram possuir profunda discriminação contra os “negros” e os “mestiços”. Aqui vão alguns exemplos:

“Já Heitor Modesto (d’Almeida) nascido em Minas Gerais, em 1881, depois de recordar ter recebido, ‘em menino, com grande simpatia, a abolição dos escravos’, pois os escravos eram ‘um anexos da família’, alguns tendo ficado com os Modesto ‘o resto da vida, depois de libertos’, confessa sempre ter gostado ‘mais de negro que do mulato’, considerando o mulato ‘inimigo natural do branco...’” (pág. 352).

“Do padre Florentino Barbosa, nascido em 19881, na Paraíba, são essas as palavras: ‘Não aprovo o casamento de negro com branco pela disparidade de tendências, costumes, etc.’. Quanto ao casamento próximo com pessoa de cor, ‘não (o) recebera bem’” (págs. 355/6).

“Quando ao brasileiro de Pernambuco, Adolfo Faustino Porto. Nascido em Olinda, em 1887, depois de se dizer livre de preconceito de raça, reage de modo diferente à pergunta específica ou concreta sobre o assunto: “Pode parecer uma chocante contradição com o que atrás consignado, acerca de minha atitude para com os negros, em resposta ao quesito 16 do inquérito, a ressalta que faço, ao responder ao quesito 16^a. Devo estabelecer uma graduação, ao justificar meu ponto de vista pessoal sobre coloração

³⁶ O “lusotropicalismo” não está presente em Casa-Grande & Senzala, mas foi sendo incorporado à teoria de Freyre ao longo do desenvolvimento de seus estudos sociológicos.

pigmentaria , o qual me parece fundo, ao mesmo tempo, em motivos estéticos e fisiológicos. O branco, nessa gradação, vem em primeiro lugar, seguindo-se-lhe o índio, o mulato e, por fim, o negro. A cor preta nunca me agradou. Ele não é uma síntese, como a branca. É a própria ausência de cor, na série prismática. Luto, trevas, fumo se associaram na formação de um complexo que remonta, talvez, a minha meninice e a que também não é estranha a influência da ‘história de Trancoso’, com personagens que eram ‘negros velhos’ perversos e de hórrido aspecto. De sorte que, para ser rigorosamente verdadeiro, devo afirmar que não receberia bem o casamento de filho ou filha, irmão ou irmã, com pessoa de cor preta.” (1990; 357).

É possível fazer a seguinte reflexão sobre a “democracia racial” ela pode ser entendida como um “mito”³⁷ nacional brasileiro. Mesmo aqueles que não reconhecem a sua existência não propõem uma sociedade sem a sua presença. Isto demonstra que o imaginário social do brasileiro, seja ele “branco”, “negro”, “mestiço” – talvez até mesmo “indígena” – não concebe uma sociedade em que as relações “sócio-raciais” sejam conflituosas. Neste sentido, podemos afirmar que a “democracia racial” parece ser um valor bastante caro para os brasileiros.

A “democracia racial” tem par o brasileiro a mesma função que o “credo americano”, que, para Myrdal, é o “cimento na estrutura variegada (daquela) nação” (Rose, 1968; 41). Este “credo” defende a “dignidade essencial do indivíduo, da igualdade básica de todos os homens e de certos direitos inalienáveis à liberdade, à justiça e às mesmas oportunidades representam, para o povo americano, o significado da primeira luta da nação pela independência” (idem; 42). Para Myrdal, “os negro americanos sabem que constituem um grupo oprimido que, mais que qualquer outro na nação, sofrem as conseqüências de o Credo na ser ali observado. A fé que nele depositam, entretanto, não é simplesmente um meio para pleitear seus direitos. Do mesmo modo que os brancos, acreditam que, como uma parte de si próprio, o Credo impera nos Estados Unidos” (ibidem; 41).

Se atentarmos para o fato de que a “democracia racial” no Brasil é pensada no campo religioso (sincretismo), no social (miscigenação) e no econômico (igualdade de oportunidades), apesar de sua duvidosa existência, poderíamos afirmar que ela pode ser entendida na mesma chave do “fato social total” maussiano, isto é, ela pode exprimir “ao mesmo tempo e de uma só vez

³⁷ Aqui mito está sendo entendido como “um modo de significação”, como “uma fala” social . (Barthes, 1972; 131). Uma outra fonte é Feijoada e Soul Food, Fry, 1982.

todas as espécies de instituições: religiosas, jurídicas e morais - e estas políticas e familiares ao mesmo tempo...” (Mauss, 1988; 53). Nesse sentido, o brasileiro, seja ele “negro”, “mestiço”, “branco” ou “índio”, não consegue propor uma sociedade em que as diferenças “raciais” sejam respeitadas e garantidas; mesmo porque não consegue, entre os mesmos delimitar fronteiras de cor. Essa situação é bastante diversa da experimentada pela sociedade americana, que se pauta em modelos biológicos de delimitação racial.

O negro brasileiro também entende que é bastante prejudicado em nossa sociedade, mas a idéia da “democracia racial” permite-lhe exigir igualdade de tratamento e uma real integração com os “brancos”, o que não notamos na sociedade norte-americana: lá a democracia social demonstrou-se possível embora a sociedade seja dividida em “raça” e grupos étnicos, inconciliáveis entre si, pelo menos no campo político-ideológico dominante naquele país. Apesar das divisões sociais, os negros americanos querem um tratamento igual do Estado, mas também pretendem ver respeitadas a suas diferenças.

A representação de “democracia racial” brasileira só sofrerá um forte ataque na década de 1950, justamente quando a UNESCO, após entender que esta forma de convivência pacífica sustentada pelo governo brasileiro entre “raças” era bastante salutar, assumiu a posição de estudar este fenômeno para poder melhor divulgá-lo em outras sociedades racistas no mundo: África do Sul e Estados Unidos, principalmente. Não podemos esquecer que o mundo ainda tinha muito viva na memória, neste período, as atrocidades ocorridas na 2ª Grande Guerra Mundial, assim como estavam em pleno desenvolvimento as lutas anti-colonialistas na África e na Ásia.

3 – A pesquisa da UNESCO

Após várias discussões ocorridas em colóquios internacionais entre intelectuais das Ciências Sociais, a UNESCO aprovou em sua 5ª Conferência Geral, ocorrida em julho de 1950, na cidade de Florença, Itália, a realização de uma pesquisa sobre relações raciais no Brasil. O mentor intelectual de tal proposta foi Arthur Ramos, cientista social brasileiro que havia falecido há oito meses (Maio, 1997).

A proposta inicial era que se fizesse pesquisa em alguns países da América Latina, para se conhecer a realidade sobre as relações raciais harmoniosas existentes neste continente. Ou seja, inicialmente a UNESCO defendia a elaboração de um estudo comparativo (Maio, 1997; 51). Alguns representantes de países tais como “El Salvador e da França ponderam que a pesquisa sobre contatos raciais num só país limitaria uma possível generalização dos seus resultados” (Idem; 52).

Devido à grande divulgação da “democracia racial” brasileira feita, tanto por Gilberto Freyre como por outros intelectuais, tais como: Donald Pierson, Arthur Ramos, ou mesmo pelo governo brasileiro, segundo Skidmore:

Entre os *scholars* estrangeiros que realizaram extensas investigações de campo no Brasil estavam Charles Wagley (Columbia University) e Roger Bastide (École Pratique des Hautes Études – Paris). Wagley e seus alunos trabalharam em estreito contato, na Bahia, com Thales de Azevedo (Universidade da Bahia), enquanto que Bastide trabalhou com Florestan Fernandes, em São Paulo, também com a ajuda de fundos da UNESCO. Uma terceira pesquisa patrocinada pela UNESCO foi feita por René Ribeiro (Instituto Joaquim Nabuco) e no Rio de Janeiro por Luís Costa Pinto (Universidade do Brasil)” (Skidmore, 1976; 236).

Depois de a divulgação dos resultados obtidos, principalmente, pela equipe coordenada por Roger Bastide e Florestan Fernandes, a tão falada “democracia racial” brasileira passou a sofrer ataques cada vez mais virulentos. Isso porque das descobertas feitas pela equipe destes estudiosos levaram alguns cientistas a criticar as fantasias da sociedade brasileira em relação a seus conceitos de relações “raciais”. Os estudos realizados por cientistas como: Octavio Ianni, As Metamorfoses do Escravo (1988); Oracy Nogueira, Relações Raciais no Município de Itapetininga (1955); Fernando Henrique Cardoso, Capitalismo e

Escravidão no Brasil Meridional (1960), dentre outros, demonstraram que o que se tinha no Brasil era uma sociedade em que os “negros” e os “mulatos” não possuíam, de fato, os mais elementares direitos sociais. A relação entre os “brancos”, “negros” e “mestiços” era desigual, mas esta disparidade era vista como sendo “natural”, não como resultado de qualquer discriminação racial contra os “negros” e “mestiços”.

Floresta Fernandes, em sua obra A Integração do Negro na Sociedade de Classes (1965), defende que a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil se deu de modo que o “negro”³⁸ e o “mulato” não fossem integrados à nova sociedade. Após esta primeira fase de total desajuste do “negro” e do “mulato” à nova forma de produção, estes foram sendo integrados gradativamente, mas, inicialmente, somente em função marginalizadas. A discriminação se deu de maneira tão sutil que o “negro” e o “mulato” não tiveram como se colocar contra a situação que lhes foi reservada. Por ela nunca ter sido assumida claramente no Brasil, as suas vítimas não tiveram condições de tomar consciência de sua existência para combatê-la. Segundo o autor, todo ataque preconceituoso era acompanhado por uma explicação de que esta posição não tinha qualquer ligação com o fator “racial”, nem com a cor, mas era sim um reflexo da situação educacional e social que o “negro” e o “mulato” viviam em nossa sociedade.

Este racismo encoberto, disfarçado, fez com que o “negro” e o “mulato” não conseguissem entender que sua condição de inferioridade social foi construída, que era resultado de uma discriminação em que a “raça” era “fundida” com a situação de classe social. Segundo Fernandes, os “brancos” defendiam a discriminação racial para não perderem seus privilégios na sociedade dividida em classes. Os “negros” e os “mestiços” entendiam que, para conseguir galgar uma posição melhor, deveriam ter a mesma postura que os “brancos”, não percebendo que, ao assumir esta posição, legitimavam os interesses dos “brancos” das classes médias e das elites. Com esta atitude, eles estavam ao mesmo tempo abandonando qualquer possibilidade de combater a discriminação e ao racismo brasileiro.

Para Florestan Fernandes, o que de fato existia no Brasil era um paralelismo entre estratificação racial e social, resultando em uma perspectiva em

³⁸ As aspas nos termos “negros” e “mulatos”, nesta altura do texto são para tentar reproduzir a mesma postura que Fernandes assume em sua obra.

que a condição desvantajosa do “negro” e do “mulato” passava a ser entendida como natural. Este paralelismo fazia com que os brancos cultivassem explicitamente um “preconceito retroativo”, na opinião de Lilia Schwarcz (1995), um “preconceito de ter preconceito” (Fernandes, 1965: 299).

Após a divulgação os resultados das pesquisas desenvolvidas pelas equipes coordenadas por Bastides e Fernandes, em que a “democracia racial” revelou-se como um “engodo”, ou uma enorme “falácia”, a UNESCO abandonou o projeto de divulgar todos os dados. Esta posição foi adotada não porque discordasse das conclusões, mas sim porque os resultados não se prestavam à sua intenção inicial, que era a de combater o racismo no mundo.

Não podemos afirmar que em A Integração do Negro na Sociedade de Classes Florestan Fernandes tenha encontrado uma sociedade muito diferente da vista por Freyre. Porém, o que para Freyre era positivo passou a ser considerado extremamente prejudicial para os “negros” e “mulatos” por Fernandes. Para ele, a não inclusão do “negro” e do “mulato” na nova sociedade, com o fim do trabalho escravo, resultou em um enorme atraso no processo de inserção na “sociedade inclusiva”. O que se entendeu como uma “democracia racial” era um “preconceito retroativo” o que não permitia a essas populações, os “negros” e os “mulatos”, defenderem-se, devido à forma “mascarada”, “dissimulada” e “disfarçada” como se manifestava.

Se Florestan Fernandes não via “democracia racial” nas relações “sócio-raciais” brasileiras, também não era contra a sua existência. Somente partindo desse pressuposto é possível se entender a seguinte afirmação, deste autor: “(...) seria preciso atingir esse padrão (sociedade com uma forte democracia social), que nos protege contra as ameaças do racismo, mas também nos afasta da verdadeira trilha da “democracia racial” (idem; 297).

Em outra parte do texto Fernandes escreve: “ouviam-se, por fim, o clamor da ‘gente negra’, soando, pela primeira vez, o clarim que convocava todos os homens a cumprirem os ideais da fraternidade humana e da democracia racial” (ibidem; 6). Já Ribeiro, outro autor que combate o preconceito/discriminação brasileiro, num texto escrito trinta anos após Fernandes, diz: “Tudo isso demonstra, claramente, que a democracia racial é possível, mas só é praticável conjuntamente com a democracia social. Ou bem há democracia para todos, ou não há democracia para ninguém, porque a opressão do negro condenado à

dignidade de lutador da liberdade corresponde o opróbrio do branco posto no papel de opressor dentro de sua própria sociedade” (id. IBID., 1995; 227).

O que podemos perceber nos dois textos é que, apesar de a sociedade brasileira ser tão autoritária e opressiva, social e politicamente falando, e também sempre discriminar e oprimir os seus “negros” e “mestiços”, a “democracia racial” é de fato um mito, antropológicamente falando, ou seja, um valor sociológico que dá sentido e justifica as relações sociais desta nação.

4 – Pequeno Histórico do Movimento Negro Unificado - MNU

Antes de começar a análise propriamente dita dos bailes negros, é necessário traçar, mesmo que brevemente, o perfil do MNU, movimento que, de alguma maneira, motivou inicialmente, mesmo que por contraposição, este estudo.

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), foi fundado em 1978, ainda durante a ditadura militar. Na época de sua criação nenhum segmento social podia fazer qualquer manifestação pública sem o consentimento dos responsáveis pela “segurança” do sistema político vigente. Ele surge, em um primeiro momento, como forma de protesto contra a discriminação racial sofrida por quatro atletas negros, no Clube de Regatas Tietê, localizado no bairro do Bom Retiro, zona central da cidade de São Paulo. Outro motivo foi a tortura que resultou na morte do operário Robson Silveira da Luz, ocorrida no 44º Distrito Policial de Guaianazes.

Quando fundado, tinha a pretensão de representar a união de todas as entidades negras brasileiras, mas esta meta jamais foi atingida, porque alguns grupos negros não concordaram com o lançamento do MUCDR. Na opinião de certas lideranças dessas organizações, o lançamento do MUCDR estava ocorrendo sem que antes fosse feito um trabalho de “conscientização de base” e por esse motivo optaram por não participar da nova entidade. O maior representante dessa postura política foi Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN).

O MUCDR foi um projeto pensado inicialmente por negros que se autodenominavam trotskistas e que militavam na Liga Operária – depois transformada em Convergência Socialista -, organização que editava o jornal Versus. O MUCDR foi resultado da somatória de vários grupos sociais que existiam naquele período. A grande novidade trazida por ele foi a tentativa de juntar à luta dos negros brasileiros contra a discriminação Ato Público de 07 de julho de 1978, lançamento público do MUCDR, ocorrido nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, foram convidados a discursar representantes sindicais, de grupos homossexuais, da comunidade judaica, comunistas e lideranças estudantis.

Outra novidade foi o movimento assumir um caráter nacional³⁹. Logo no momento de sua criação o MUCDR contou com o apoio de grupos dos seguintes estados da União: São Paulo; Rio de Janeiro; Minas Gerais; Bahia e Pernambuco. Em sua “Primeira Assembléia de Organização e Estruturação Mínima”, Abdias Nascimento, militante do Movimento Negro, que havia retornado recentemente de um auto-exílio nos Estados Unidos⁴⁰, defendeu uma luta contra a discriminação racial a ser assumida somente pelos negros. Nesse sentido, em sua opinião, o nome do grupo deveria ser Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR). Essa nova denominação prevaleceu até o Primeiro Congresso do MNUCDR, ocorrido em 1980, na cidade do Rio de Janeiro, reunindo delegados do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo. Foi discutido que o Movimento Negro deveria lutar contra todo e qualquer tipo de opressão, exploração e discriminação, e não somente garantir a oposição à discriminação racial. Assim, foi proposto que o nome do grupo deveria ser Movimento Negro Unificado (MNU), o que foi nessa ocasião aprovado. Este é o nome da entidade até nossos dias.

Para não diminuir drasticamente a sua base o MNU passou a afirmar que negro era toda e qualquer pessoa “que possui na cor, no rosto, ou nos cabelos, sinais característicos dessa raça” (MNU, 1988; 18). Com esta plataforma percebe-se que a opção de identidade negra defendida por esse grupo procura se utilizar da “marca” e da “origem” (Nogueira, 1985) em sua construção.

Abdias Nascimento não contribuiu somente para a alteração da denominação do grupo; influenciou também na construção de uma posição político-ideológica do MNU: através de seus discursos ele passou a informar as pessoas sobre as posturas assumidas pelo Movimento Negro americano. Além de Abdias, algumas leituras foram de grande serventia para a formação dos primeiros quadros políticos do MNU, tais como: Alma no Exílio, de Eldridge Cleaver (1971); A Integração do Negro na Sociedade de Classes, de Florestan Fernandes (1965); Pele Negra Máscara Branca, de Franz Fanon, etc. A análise dessas obras, somadas à militância de esquerda de boa parte de seus fundadores, levaram o MNU a somar a luta de classes à luta anti-discriminação racial. Dessa maneira, o MNU

³⁹ Isto só havia ocorrido anteriormente com a Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 (Pinto, 1993; 90).

⁴⁰ Para maiores informações consultar Memórias do Exílio, Cavalcante e Ramos (1976).

teve uma forte influência das plataformas dos negros norte-americanos, assim como das pesquisas desenvolvidas pelas equipes dos professores Roger Bastide e Florestan Fernandes.

Assim, podemos afirmar que a desistência da UNESCO em veicular os resultados das pesquisas sobre a existência da “democracia racial” no Brasil, não impediu que o MNU procurasse exatamente nos produtos desses trabalhos grande parte das premissas para a construção de seus argumentos contra as discriminações e preconceitos raciais existentes em nosso país. Sobre este fenômeno Floresta afirmou:

“A ausência de racismo institucional, por sua vez, contribuiu para que esses resultados (da pesquisas da UNESCO): 1) recebessem acolhidas muito favorável por parte dos radicais e ativistas negros, que viram neles um prolongamento e um aprofundamento das tentativas de mascaramento racial encetadas pelos principais mentores do ‘protesto negro’ nas décadas de 30 e de 40; 2) fossem aceitos com simpatias e incorporados pelo branco incorformista, de personalidade democrática e identificado com a mudança de mentalidade ou de costume” (1977; 71).

Apesar de na ter logrado unir todas as entidades negras, o MNU conseguiu, através das propostas publicadas em vários de seus documentos e panfletos, influenciar profundamente outras organizações negras, mesmo aquelas que não aceitaram participar de sua fundação. As opiniões sobre “o que é ser negro no Brasil” assumidas pelo MNU, foram adotadas por quase todo o conjunto do Movimento Negro.

As diferenças mais destacadas entre o MNU e outras entidades do Movimento Negro estão na forma de organização destas que, por serem municipais, não concordavam em se submeter a uma liderança nacional, que seria o MNU. Alguns, por serem cristãos, não apoiavam a opção religiosa afro-brasileira também defendida pelo MNU, outros, por terem uma postura política conservadora, também discordavam de sua opção pela esquerda. Essas situações fizeram com que o MNU assumisse, pouco a pouco, a condição de mais uma organização negra entre todas as já existentes no Movimento Negro. Melhor dizendo, o MNU não conseguiu ser a “Central Geral do Movimento Negro Brasileiro”, mas acabou se organizando como mais um dos diversos grupos do Movimento Negro já existentes.

Uma das contribuições do MNU para a sociedade brasileira foi a tentativa de mudar a maneira de se identificar um negro. Como já foi dito anteriormente, o MNU procurou na sociedade norte-americana esta nova forma de significação. Para o grupo seria negro toda e qualquer pessoa que tivesse um ancestral negro. Apesar de adotar a posição dos EUA, o MNU fez suas adaptações com relação a essa postura, levando em conta a fenotípi, o que, como vimos, não ocorre naquele país.

Outra contribuição do MNU foi ter aproximado a luta de classes da questão “racial”. Isto é, por influência dos trotskistas do jornal Versus, o MNU passou a considerar que a condição sócio-econômica da população negra brasileira era fruto da exploração de classe em conjunto com a sua origem étnica. Ao assumir tal posição, o MNU acabou por defender a necessidade de se nacionalizar a luta anti-discriminação.

O MNU, em sua luta contra a discriminação e preconceito racial no Brasil, também não deixa de clamar, em seu Programa de Ação, “*por uma autêntica democracia racial*” (MNU, 1978; 19). Como podemos perceber, esta situação reforça a conclusão de que a “democracia racial” é, utilizando uma expressão de Myrdal (1968), “um credo brasileiro”⁴¹.

⁴¹ Textos sobre o Movimento Negro que merecem ser consultados: Maria Ercília Nascimento, A Estratégia da Desigualdade (1988); Movimentos Sociais: os negros, culturas e resistência, de Neusa Gusmão e Ana Lúcia Valente (1988) e Movimento Negro: da marca da inferioridade racial a construção da identidade étnica, Luciana Ferreira M. Mendonça (1996).

CAPÍTULO 2 – O QUE FAZ ESTE PÚBLICO DANÇAR

1 – Falando dos Bailes

Quando decidi que faria uma pesquisa sobre a construção de identidade, surgiu a seguinte dúvida: onde desenvolver tal estudo? Escolhi realiza-la nos bailes da Chic Show e da Zimbabwe porque, nesse momento, já conhecia os seus organizadores e sabia da viabilidade do trabalho. Durante meus anos de militância no MN havia tido várias conversas com Luizão e com Williams – ambos fundadores e proprietários, o primeiro da Chic Show e o segundo da Zimbabwe. Além disso, em muitas ocasiões eles me disseram que a o MN pretendia representar os negros, mas eles não entendiam o porquê o MN não desenvolvia nenhuma atividade político-militante com o público que freqüentava os bailes por eles organizados, ou mesmo em qualquer outro baile *black*.

Outro motivo que me levou a selecionar estes dois bailes foi a pretensão de estudar a construção da identidade entre pessoas que não militantes do MN, que de uma maneira e outra estava fora de minha perspectiva. Cheguei a cogitar a idéia de direcionar meu estudo para algumas escolas de samba, por ter relações muito estabelecidas com o “mundo do samba”, local onde já desenvolvi várias atividades culturais. Entretanto, junto à população sambista eu teria grandes dificuldades em conseguir um distanciamento entre pesquisador e pesquisados. Assim, em concordância com a orientadora, entendi que devia estudar um grupo em que fosse menos conhecido, com a finalidade de atingir um maior estranhamento em relação ao meu “objeto” de estudo. Estes dois bailes foram escolhidos, também porque, apesar de eu manter uma relação social bastante antiga com os seus organizadores, não era conhecido pelos freqüentadores de um modo geral.

Por outro lado, o baile da Chic Show, que ocorria no Clube da Cidade, foi selecionado por ser o único dos bailes *black* realizado em sede própria⁴², o que lhe garante uma maior autonomia em comparação com as outras equipes. A pesquisa na Zimbabwe ocorreu no Espaço Atual – na Av. Interlagos, 3.060 – pois

⁴² Chic Show, além de ser considerada a maior de todas as equipes de bailes *black* de São Paulo, é a única de São Paulo que tem sede própria. Segundo Luizão, esta é fruto da ousadia da equipe.

o outro baile desta equipe, que eu pretendia estudar – às quartas-feiras, no salão Santana Samba, próximo à Estação Santana do Metrô – havia sido desativado. Com a mudança de local, resolvi desenvolver a pesquisa no baile de Interlagos. A opção pela Zimbabwe também se mostrou oportuna⁴³, pro entender que dois bailes poderiam trazer mais informações que somente um, além de garantirem uma perspectiva comparativa.

⁴³ Esta equipe foi organizada, primeiramente, por um grupo de militantes do MN.

2 – Pequenos históricos da Chic Show da Zimbabwe

2.1 – CHIC SHOW⁴⁴

A Chic Show foi fundada por Luiz Alberto da Silva – o Luizão -, em 1968. Pelo fato de ter muitos discos e um bom equipamento de som, ele era muito convidado para animar as festas e os bailes da época nos bailes de Pinheiros, Vila Madalena, Butantã, Bonfiglioli, Ferreira, Vila Sônia e no município de Taboão da Serra. O comentário das pessoas quando precisavam de aparelhagem de som para as festas era sempre o mesmo: “só o som e a discoteca do Luizão são capazes de animar a nossa festa”.

Com o aumento dos pedidos, Luizão começou a perceber que não era mais possível manter a atividade de forma amadora. “- Nesse momento, decidi criar uma equipe de som e o nome escolhido foi Chic Show, pois, em sua opinião, tratava-se de um ‘título pomposo’”. Para ele, o pessoal que “curtia” os seus bailes era de uma nova geração, com um gosto musical diferente, mais “chique”. Nesse sentido, o nome Chic Show casava bem com as atividades desenvolvidas pela equipe.

Os bailes, que antes estavam reduzidos aos aniversários, casamentos e festas particulares, transformaram-se, com a criação da Chic Show, em atividade profissional de todos os fins de semanas e em local fixo. Primeiramente os bailes ocorreriam no quintal da casa da “Bica”, local coberto com uma lona, como proteção contra as chuvas, localizado na Rua Morato Coelho, no bairro de Pinheiros.

A primeira “sede” oficial dos bailes da Chic Show⁴⁵, em 1968, localizava-se no salão da Cooperativa do Carvão, em Pinheiros, na Fernão Dias. Os bailes continuaram ocorrendo somente aos domingos, até 1971. A “sede” seguinte foi o salão São Paulo Chic, nos anos de 1971 e 72, pertencente à Escola de Samba Camisa Verde e Branco, no qual se manteve a forma de “domingueiras”.

⁴⁴ Texto baseado em depoimento de Luiz Alberto da Silva, fundador da Chic Show.

⁴⁵ Na opinião de Luiz, a casa da Bica, por ter sido um local improvisado, pertence a uma antiga forma de organização da Chic Show.

Com a idéia para o salão “São Paulo”, em 1971, a Chic Show ampliou as suas atividades, levando-as para outras localidades da cidade de São Paulo, tais como Mansão Azul (Jabaquara), Clube Homs e Clube Alepo (Jardins), Guilherme Jorge (Vila Carrão).

Em 1975, a Chic Show resolveu dar a sua maior “cartada”: organizar um baile/show na Sociedade Esportiva Palmeiras. O pedido de aluguel do salão apresentado à diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras foi aprovado, mas com uma condição: se não comparecessem pelo menos dez mil pessoas, eles não alugariam mais o espaço para este tipo de atividade. O primeiro baile/show contou com a presença de Jorge Ben, e compareceram 16 mil pessoas. Frente a tal resultado, foi feito um contrato anual com a Sociedade Esportiva Palmeiras, que garantia o aluguel do salão, pelo menos, uma vez por mês, durante o ano.

A segunda atração foi Tim Maia. Depois dele vieram outros cantores famosos, tais como: Gilberto Gil, Djavan e Sandra de Sá. O primeiro show internacional ocorreu com James Brown, em 1977. Depois vieram Gloria Gaynor, Earth Wind & Fire, Jimmy Bo Horne, todos na década de 70. Os shows internacionais tinham periodicidade bimestral.

Com as dificuldades que as produções na Sociedade Esportiva Palmeiras traziam, nos anos de 1980 e 1981, a Chic Show decidiu ampliar a sua área de atuação para outros municípios e se consolidar na periferia de São Paulo. Em 1981, com a estabilidade econômica da Chic Show, Luizão refletiu que era o momento de comprar uma “sede” própria para a equipe. O local escolhido foi uma antiga oficina de tratores, localizada na Rua Mário de Andrade, no bairro Barra Funda, próximo ao salão São Paulo Chic, até então a “sede” de seus bailes, alugada da Escola de Samba Camisa Verde e Branco.

Uma vez adquirida a nova sede ficou fechada um ano para reformas, sendo aberta definitivamente em 1982, com o nome de Clube da Cidade – atual “sede” própria da Chic Show. Após a inauguração do Clube da Cidade, as atividades no Palmeiras tornaram-se cada vez mais espaçadas, não mais ocorrendo todos os meses do ano. Os bailes no Clube da Cidade começaram a ser organizados às sextas, sábados e domingos. Em 1988, foi feita uma reforma no Clube com a intenção de dar ao local um visual mais sofisticado, com uma entrada toda espelhada e bem iluminada, com uma bilheteria bem arejada e envidraçada, que o caracteriza até hoje.

Atualmente a Chic Show é um empresa de show *business*, composta por: Clube da Cidade (salão próprio); Sambarilove (casa noturna); Sunset; Projeto Radial; Danis; Showpapo; Atlético de Osasco; Ponto de Encontro; Diamante (todos salões alugados); uma gravadora, a Five Stars, com músicos de samba e *rap* contratados. Também há algumas marcas registradas pela Chic Show, que são: Musicália; Clube Um e Sambarilove. A Chic Show tem 48 funcionários registrados e, aproximadamente, 700 *free-lancers*, que fazem a segurança dos eventos. Existem dois programas de rádio vinculados ao projeto: Musicália (aos sábados, das 10 da manhã às 15 horas) e Sambarilove (aos domingos das 10 da manhã às 13 horas). O primeiro é apresentado por Élcio Silva (Fião) e o segundo por Luizão. Como se vê o empreendimento prosperou e ganhou novas ramificações: de um simples baile, a Chic Show transformou-se em um “bom negócio”.

O atual quadro diretivo da Chic Show é o seguinte: Luiz Alberto da Silva (Luizão), responsável pelas atividade artísticas do grupo; Élcio Silva (Fião), finanças; Carlos Henrique da Silva (Família), responsável pela Sambarilove, localizada no Bixiga; Marco Antônio (Macum), que cuida das casas Sunset e Atlético de Osasco; Sérgio Alcides (Sé), responsável pelas casas Danis e Ponto de Encontro; José Amâncio (Quitão), apoio técnico às discotecas de todas as casas e DJ das casas Projeto Radial e Clube da Cidade. Luizão ajuda ainda Quitão na preservação e na aquisição da discoteca. Contando com uma organização mais complexa, a Chic Show distancia-se de seu projeto e de seus propósito primeiro. Esta situação transformou-a na maior equipe de baile de São Paulo.

2.2 – ZIMBABWE⁴⁶

A Zimbabwe começou há cerca de vinte anos, mais exatamente em 1975. Foi criada pelos jovens negros Williams, Serafim, Paulo e outro de apelido “Black”⁴⁷, que na época freqüentavam as domingueiras realizadas no Clube de negros, denominado Aristocrata Clube, localizado no centro da cidade. A equipe responsável pelos bailes que ocorriam no Aristocrata, naquele período, decidiu parar de organizá-los e, por este motivo, esses quatro rapazes foram convidados a assumir o novo evento

Apesar de serem muitos amigos, eles não tinham uma equipe formada no momento do convite e, como ao queriam perder a oportunidade, resolveram montar uma equipe “às pressas”. No início o nome da equipe foi “A Pá do Soul”. A palavra “pá”, aqui, significa muita gente, era uma gíria da época. Já o *soul*, na opinião de Williams era a *black music*, que os negros da cidade de São Paulo mais apreciavam naquele momento.

Williams, ao tomar conhecimento das lutas contra o colonialismo, que ocorriam na África, propõe aos seus companheiros que o nome da equipe seja mudado para Zimbabwe⁴⁸, como forma de se solidarizarem com as lutas dos africanos. O nome, devido à sua origem africana, trouxe um pouco de problema para eles, pois as pessoas não conseguiam memorizá-lo e só com o passar do tempo é que foram se acostumando. Além disso, poucos entendiam o nome e, portanto, a homenagem.

A Zimbabwe sempre foi uma equipe móvel, isto é, sem um local fixo para suas atividades. Alguns bailes porém, segundo seus criadores, marcaram época: no Aristocrata Clube, Blum (ambos localizados na zona central); Guilherme Jorge (zona leste), São Paulo Chic e Santana Samba (ambas na zona norte)⁴⁹.

A Zimbabwe hoje é um grupo com duas equipes de baile, a própria Zimbabwe, com três casa fixas; e “Mistura Fina”, de sem “nostalgia”, conforme a

⁴⁶ Texto baseado em depoimento gravado com Williams Carlos Santiago, em 1995, um dos fundadores da Zimbabwe.

⁴⁷ Segundo Williams, atualmente ele não faz mais parte do grupo.

⁴⁸ País localizado ao sul de Moçambique, noroeste da África do Sul, recém-liberto do domínio inglês, na época da criação da equipe e anteriormente denominado por Rodésia.

⁴⁹ Todos os nomes são referência aos salões onde os bailes aconteciam.

gria local, para uma faixa etária mais elevada. Também compõem o grupo a gravadora Zimbabwe Records, com 43 artistas contratados. O empreendimento possui ainda dois programas de rádio, o “Mistura Fina” – diário, das 22 horas à 1 hora da madrugada – e no sábado, das 19 horas às 22 horas. Existem 40 pessoas, todos negras, segundo Williams, contratadas pela Zimbabwe 26.

A gravadora foi montada porque os proprietários sentiram a necessidade de promover os seus próprios artistas e baixar os custos das apresentações deles em seus bailes. Antes da gravadora, quando queriam contratar um artista, tinham que trazê-lo de fora, do Rio de Janeiro, principalmente, ou do exterior. Para se ter uma noção da importância dessa política basta dizer que a gravadora Zimbabwe Records lançou os seguintes grupos musicais: Racionais MC’s, Negritude Jr., Cravo e Canela, dentre outros.

Até o momento a equipe organizou um único show internacional, em coligação com outras equipes *black* – a Black Mad e a Chic Show -, quando trouxeram o grupo norte-americano “Rod and Culler”, em 1986.

A composição da diretoria da Zimbabwe é a seguinte: Williams Carlos Santiago, diretor artístico; Luís Antônio Serafim, diretor administrativo e Paulo Bonifácio, que trabalha somente na Zimbabwe equipe, promovendo os shows e eventos do grupo.

Fotos: Flávio Rocha

Luizão (à direita) "Chic Show".

Fotos: Flávio Rocha

Bilheteria do Clube da Cidade.

Fotos: Flávio Rocha

Bilheteria do "Espaço Atual".

Fotos: Flávio Rocha

Apresentação do DJ, no Clube da Cidade.

Fotos: Flávio Rocha

Equipe de DJ's do "Espaço Atual".

3 – Descrição do baile no Clube da Cidade

Num domingo de tempo bom, 17 de janeiro de 1994, às 19 horas, chego ao Clube da Cidade, para iniciar meu trabalho de pesquisa. Conhecia somente os seus organizadores, os quais procurei não contatar, pois já havia feito os acordos necessários anteriormente.

Logo constatei a existência de duas filas para entrada: a dos homens e a das mulheres, que era bem maior, que a dos homens, sendo que a primeira era organizada do lado direito de quem entra e a segunda do lado esquerdo. Esta separação ocorria justamente porque as mulheres, até às 20 horas não pagavam e a bilheteria esta localizada no lado esquerdo. Ao questionar os organizadores sobre o motivo pelo qual as mulheres não pagavam para entrar na primeira hora, a resposta foi que, desta maneira, os homens seriam “muito mais atraídos para o baile”: uma vez dentro, para impressionar as garotas, procurariam gastar mais nos bares. A tática deve ser bastante eficaz, pois durante toda a minha pesquisa, que durou dois anos, esse sistema prevaleceu. Os preços dos ingressos eram: R\$ 3,00, para os homens e as mulheres, após às 20 horas, R\$ 1,50.

Do lado de fora, em frente ao salão, na “ilha” central da Rua Mário de Andrade, ficam instaladas várias barracas, que vendem cervejas, bebidas “quentes” (conhaque, whisky, aguardente) e sanduíches (hot-dog, pernil e calabresa). Muitas pessoas permanecem o tempo todo nessas barracas, não tendo qualquer preocupação em entrar no salão. Após as nove horas a rua passa a receber a ronda de viaturas da polícia civil, que geralmente é composta por amigos dos organizadores.

A entrada para o salão é a mesma, tanto para os homens como para as mulheres, um local com todas as paredes espelhadas, o que lhe dá um aspecto bastante luxuoso. Segundo Luizão, “- a entrada do Clube da Cidade é a mais luxuosa existente em São Paulo”. As mulheres, somente elas, devem ter às mãos um documento com fotografia, para comprovar idade superior a quatorze anos. A média etária das mulheres pesquisadas foi de 19 anos e a dos homens 22 anos.

Tanto as mulheres como os homens (as primeiras após apresentarem a documentação, os segundos após entregarem os ingressos) passam por uma revista bem minuciosa, que envolve bolsas, chapéus, bolsos e apalpadelas pelo

corpo todo. A revista é feita por pessoas do mesmo sexo, ou seja, mulheres revistam mulheres e homens revistam homens. Só existe uma diferença: ao final deste procedimento os homens devem bater com muita força os seus pés no chão, um de cada vez. Fomos informado de que esse procedimento é recomendado para evitar que se possa esconder qualquer tipo de arma debaixo dos pés, dentro dos sapatos. Nota-se, portanto, que além de ser alardeada pelo público do Espaço Atual, a violência é percebida como um perigo próximo.

Ao entrar no Clube da Cidade tem-se acesso ao bar principal, que é separado do salão de baile por uma parede, com uma passagem de ligação, entre ambos, bastante ampla. Esta passagem quase chega a isolar o som do baile do ambiente de bar e foi por isso mesmo que utilizei este local para realizar as entrevistas.

O salão é amplo. Quem nele ingressa vê uma placa afixada na parede, do lado direito, com os seguintes dizeres: “Conforme Decreto nº 22.044 de 21/03/86. Este Estabelecimento é dotado de: 1 – equipamento de combate a incêndio; 2 – Luz de Emergência; 3 – Alarme de Emergência; 4 – Brigada Contra Incêndio; 5 – Portas com Barras Anti-Pânico e a Lotação máxima permitida é de 1.040 pessoas”. No entanto, em todos os bailes em que estive presente, esta lotação foi, em muito, superada. Pode-se calcular que no auge do baile, por volta das 22 horas, freqüentavam a casa, a cada domingo, quase quatro mil pessoas⁵⁰. Com esta lotação ficava difícil a locomoção, até mesmo para se dançar. Algumas pessoas chegaram a afirmar que “deveria “haver um limite de pessoas no espaço”, ou que “não deviam deixar entrar tanta gente, porque fica muito abafado, sem ventilação”. Outros afirmaram achar o local “pequeno e o público excessivo”. Apesar da grande aglomeração, o baile é bastante elogiado pelos freqüentadores, com frases d tipo: “excelente, aqui o pessoal se diverte mais”, ou “baile bom, com gente bonita, casa confortável, bem estruturada. Seus donos estão de parabéns”.

Nas laterais do salão, no piso inferior, estão localizados bancos germinados com a parede, nos quais as pessoas aproveitam para descansar ou para namorar durante o baile. Existe um mezanino, ao qual é possível se chegar por duas escadas laterais, muito amplas. Nesse local está instalado um segundo bar,

⁵⁰ Até o fechamento desta pesquisa esse fato continuava a se repetir.

menor que o principal. Embaixo da escada à esquerda fica situado um terceiro bar, o menor deles. Há “caixas” próxima a todos eles, onde são compradas as fichas.

Nos fundos, montou-se um pequeno palco, onde ficam todos os comandos do som e dos equipamentos de imagens. As caixas de som estão dispostas nas laterais do palco com, aproximadamente, dois metros quadrados em cada lado do palco. Na parte central do palco, com recuo de uns 2,5 metros está uma mesa de equipamentos, comandada pelo DJ's⁵¹, responsáveis por tudo que toco e se projeta nos bailes. Aos domingos ele são em número de três – Macarrão, Quitão e Easy Nylon. Os DJ's têm uma importância fundamental nos bailes. São eles que determinam, através das músicas, o clima da festa. Diferentemente do que ocorre nos bailes do Rio de Janeiro, onde os DJ's ficam de costas para o público (Vianna, 1988; 45), aqui em São Paulo eles permanecem de frente e têm total controle sobre o baile. Nos cantos do palco ficam os discos que serão tocados no baile, acomodados em enormes caixas de madeiras. Devido à enorme quantidade de discos, nem todos são utilizados. Não se usa CD nestes bailes. Isso porque, os DJ's costumam manipular os discos com as mãos, voltando, avançando ou acelerando as músicas, criando com isso um efeito sonoro denominado *scratch*.

Os DJ's, além de serem responsáveis pelas músicas, também, cuidam da animação do baile. Para tanto, ele procuram se utilizar de corais que acompanham o som. No entanto, quando o refrão da música é em inglês, eles substituem as palavras originais por outras que tenham sons aproximados, compondo verdadeira paródias, geralmente machistas e carregadas de erotismo. Como por exemplo:

“teco tereco teco
A coisa ta ficando preta
Faz mais de uma semana
Que eu não como uma buceta”.
“Menina do rostinho lindo
Eu vou te levar para a Barra Funda
A sua mãe não vai gostar
Eu vou comer a sua bumba”.
“A menininha chegou e me disse
Meu namorado não é mais aquele
Pau na bunda dele”.

⁵¹ Neste baile o DJ desempenha também as funções de Mestre de Cerimônia (MC).

Pra primeira namorada 'rola'
Pra segunda namorada 'rola'
Pra terceira namorada 'rola'
O que elas gostam de pagar 'rola'
O que elas gostam de chupar 'rola'
No que elas gostam de sentar na 'rola'".

Outra forma de animação são “palavras de ordem”, que procuram exaltar os Clubes de futebol, principalmente os paulistanos: Corinthians, São Paulo e Palmeiras.

Os banheiros estão localizados nos fundos laterais do salão, sendo que o masculino fica à direita de quem entra e o feminino à esquerda. Em ambos existem placas afixadas com a mensagem “é proibido molhar os cabelos”. Segundo me informaram, depois de molhar os cabelos a pessoa ao dançar pode fazer alguma gesto mais abrupto com a cabeça e desse modo jogar água para todos os lados, incomodando outras pessoas ou criando uma situação que pode gerar conflitos. Outro motivo é a limpeza do local, pois a água dos cabelos ao cair no chão mistura-se com os resíduos deixados pelos sapatos dos frequentadores, dificultando a limpeza na manhã seguinte. Se essa é a explicação pragmática, o ato fala também de um costume que vale destacar.

Ao lado do banheiro masculino fica a “chapelaria”, ao preço de R\$ 1,00, por pessoa. Os pertences dos frequentadores – bolsas., blusas, revistas, etc. – são colocados em sacos plásticos pretos, amarrados e guardados no escritório.

No início dos bailes os DJ's tocam músicas amenas, que não têm grande sucesso entre o público. Com o passar do tempo, porém, o ritmo vai aumentando e as músicas tornam-se progressivamente mais aceitas. As músicas de maior sucesso nesse baile não são as que podem ser ouvidas nas rádios mais conhecidas de São Paulo, mas sim as que tocam nas rádios mais apreciadas por esse grupo específico. Nota-se, nesse sentido, uma seleção rigorosa. Entre os homens, as emissoras de rádio mais ouvidas são: 105 FM, com 23%; Metropolitana FM, com 18% e em terceiro lugar, Transcontinental FM, com 14%. Entre as mulheres: em primeiro lugar ficou a 105 FM, com 27%; logo após Transcontinental FM, com 27%; na terceira posição ficou a emissora Manchete FM, com 22% e em quarto lugar a Metropolitana FM, com 13%.

As rádios mais citadas foram, portanto, a 105 FM e a Transcontinental FM, que tocam, prioritariamente, pagode⁵² e música *black* nacional. Quando esta pesquisa foi iniciada, elas se revezavam na primeira colocação entre as rádios mais ouvidas na Grande São Paulo. É interessante destacar que ambas estavam instaladas fora da capital: a primeira ficava em Jundiaí e a segunda em Guarulhos. As demais são rádios que reservam espaços em suas programações para pagode, principalmente. Como exceção fica a Metropolitana FM, que possuía vários programas especializados em *rap*, inclusive em *rap* nacional – com o programa Rap Brasil –, que foram muito citados pelos pesquisados. Na Chic Show já podemos perceber que a preferência dessas pessoas, no que se refere aos programas de rádios, fornece uma indicação de convergência grupal. Isto é, a preferência radiofônica em muito contribui na reunião dessas pessoas. O que podemos destacar é que as preferências musicais e radiofônicas demonstram que a decisão de freqüentar estes bailes é resultado de múltiplas posturas assumidas anteriormente. Uma delas tem a ver com um certo gosto musical que vincula som, cor e situação social. Mais à frente, este texto, procuraremos saber se isto tem a ver com as diversas estratégias de construção de identidade.

Voltando ao baile, quanto às instalações eletrônicas do salão, destaca-se no teto, bem ao centro, um grande globo de espelhos e as demais iluminações da casa. Mais à frente está um aparelho de vídeo, que projeta *clips* musicais em uma tela fixada acima do palco. Esta tela permanece recolhida quando não está sendo utilizada.

O centro do salão é, em geral, ocupado pelos homens, que dançam entre si, separados, sem qualquer participação feminina. No início dos bailes pode-se ver grupos masculinos “ensaiando” passos, que serão apresentados no palco, mais tarde. Nestes momentos as mulheres não participam, e talvez por este motivo deixem de ocupar o centro do salão. Quando se toca *rap* acontece um revezamento entre as pessoas que ocupam esse centro: saem os que estavam ocupando até então, entrando os *breakers*, com suas danças que mais parecem exercícios físicos ou rodas de capoeira, tais os malabarismos que eles executam. Quando são tocadas músicas românticas, “lentas”, a maioria dos “casais” que

⁵² Pagode é uma palavra que tem origem lingüística bantu. Significa festa, reunião. Atualmente foi resignificada como sinônimo de samba, principalmente para designar os novos grupos de samba que surgiram em São Paulo.

dançam são formados por mulheres que, diferentemente dos homens, dançam juntas. Os poucos casais heterossexuais⁵³ são formados por namorados ou pessoas muito íntimas entre si, proximidade essa que pode ser notada na maneira sensual como dançam.

Quando o final do baile se aproxima é feita a apresentação, no palco, de vários grupos de danças. Formados exclusivamente por homens. A escolha do melhor ocorre por meio da aclamação do público. Os vencedores ganham somente os aplausos da platéia. Alguns grupos acabam por se “profissionalizar”, apresentando-se outros bailes, tendo como pagamento o ingresso gratuito. Na escolha do melhor grupo, as mulheres são as que mais participam. Este fato faz com que os grupos procurem se apresentar da maneira mais sensual possível, rebolando, insinuando “*striptease*” e outros trejeitos especiais.

Enquanto o baile vai se desenrolando no salão, um certo público permanece no espaço reservado para o bar principal, nem sempre bebendo, mas “paquerando” e conversando. É preciso dizer que os bares só servem bebidas alcoólicas e refrigerantes. Nenhum tipo de alimento é comercializado nesse recinto.

Foi justamente junto a este público que desenvolvi a minha pesquisa. Essas pessoas que ficam se movimentando entre o baile e o bar, têm nesse tipo de espaço um local de lazer privilegiado.

Também as roupas utilizadas chamam a atenção. As vestimentas são bastante diversificadas. Os homens estão proibidos de usar bermudas. Muitos rapazes vão ao baile com bonés, denominados, por eles, de “bombetas”, alusivos a grupos de *rap*, internacionais ou nacionais, ou times de basquete norte-americanos. As pessoas não podem ficar sem camisas no interior do salão⁵⁴. As mulheres vestem mini-saias, ou calças cumpridas, mini-blusas ou camisas que destacam suas silhuetas. De toda maneira, há um certo “rigor” quando é exigido dos homens um tipo de indumentária. Com isso cria-se também um “consumo de estilo” (Zaluar, 1998) muito peculiar.

Os *rappers* têm uma forma bastante própria de se vestir, que consiste em utilizar roupas largas como “cavalo” bem caído. A moda pegou de tal maneira que

⁵³ No caso, o termo na se refere à opção sexual dos pesquisados.

⁵⁴ A ordem no baile é mantida com a presença de vários seguranças, identificados com jalecos pretos, que trazem a palavras “segurança” estampadas nas costas.

se ampliou, aponto de algumas pessoas, que não faziam parte do Movimento Hip-Hop (composto por grafite, dança e poesia) estarem vestidas desta maneira, fato esse que gera bastante contrariedade. Na opinião de alguns *rappers*, essas pessoas não seriam “dignas” de se fazer passar por um militante do seu movimento político-cultural. O que podemos perceber com essa atitude é que elementos deste grupo se sentem diferentes dos demais, e valorizam sua indumentária como uma forma especial de identidade partilhada. Enfim, quando entre eles, novos conflitos aparecem, esses revelam novas identidades em jogo.

A roupa aqui, tem para o Movimento Hip-Hop praticamente a mesma função semiótica que o cocar e as penas têm para os indígenas (Novaes, 1993). Embora, vejamos que no caso deles este símbolo não foi criado pelos “outros” do grupo – no caso os playboys -, mas por eles mesmos. Mas se os estímulos são diversos o resultado acaba sendo o mesmo. A diferença de origem leva o Movimento Hip-Hop a protestar quando seus sinais diacríticos são apropriados por pessoas que, por mais que sejam próximas dele, não são seus participantes.

Entrada do Clube da Cidade.

Fotos: Andreas

Fachada do Clube da Cidade

Fotos: Flávio Rocha

Chegada dos frequentadores do Clube da Cidade.

4 – Descrição do baile no Espaço Atual

O baile da Zimbabwe é realizado num local alugado pela equipe, denominado Espaço Atual. Sua capacidade é de mil e quinhentas pessoas, bem menor que a do Clube da Cidade. Na parte externa do baile, na rua, à direita existe um “boteco” bastante simples, onde são servidos alguns salgados – esfihas, coxinhas, pastéis, torresmo, lanches simples e frios, do tipo pão com mortadela, misto frio ou pão com queijo -, bebidas alcoólicas e refrigerantes. A trezentos metros, aproximadamente, do outro lado da rua, há uma padaria com uma variedade maior de produtos comestíveis, porém pouco freqüentada pelas pessoas do baile.

Na Zimbabwe todas as pessoas são obrigadas a comprar o ingresso: os homens pagam R\$ 3,00 e as mulheres R\$ 1,50. A entrada para o salão ocorre por uma porta bem ampla, com um tapume de madeira no meio, cuja finalidade é dividir o público em duas partes: os homens entram pelo lado direito e as mulheres pelo esquerdo. Esse tapume, que também visa impedir a visão do interior do salão por quem esteja fora, transforma-se num anteparo entre a rua e o salão. Tanto os homens com as mulheres são revistados ao entrarem no salão. Como no baile anteriormente descrito, a revista é feita por pessoas do mesmo sexo. Diferentemente da revista que ocorre no Clube da Cidade, porém, aqui os homens não são obrigados a bater com os pés no chão, o que indica um controle menos ostensivo e rigoroso. Não existe o serviço de chapelaria, e por este motivo, as pessoas que vão a este baile não costumam levar bolsas.

Tanto a fachada como a bilheteria deste salão não têm a mesma suntuosidade do Clube da Cidade. Nesse sentido, podemos dizer que ele não guarda coerência com o preço di ingresso e com o luxo daquele baile. O interior é um espaço único, com um palco ao fundo e no meio. No centro do teto existe um globo de espelho, assim como toda a iluminação do baile. Não há exibição de *clips* nesse baile.

Os banheiros ficam localizados na lateral esquerda do palco e neles não há material de propaganda, sobre qualquer mercadoria do interesse dos freqüentadores do baile. O bar está do lado esquerdo e é controlado pelos responsáveis do Clube sede. A caixa do bar fica no próprio balcão, à esquerda.

Como no baile anterior, são servidas somente bebidas; quem sentir fome é obrigado a sair do salão e, como não é permitido sair e depois retornar sem Agar novo ingresso, as pessoas já vão ao baile “previamente alimentadas”. Existem algumas mesas – por volta de dez – na lateral do baile e próximas ao bar⁵⁵. Portanto, a maior parte dos freqüentadores permanece de pé ou dançando.

O centro do salão é ocupado tanto pelos homens como pelas mulheres. No entanto, não existe uma integração maior entre os sexos, isto é, as mulheres dançam entre si, o mesmo acontecendo com os homens. No início do baile podemos observar alguns grupos masculinos ensaiando passos para se apresentarem mais tarde no palco. Aqui também, somente os homens vão ao palco. Quando perguntamos para o DL “Vira-Lata” sobre o motivo de tal ocorrência, a sua resposta foi direta: “-As mulheres não tem coragem”. Somente isto, em sua opinião. De toda forma um certo comportamento visual se manifesta. No momento das apresentações novamente as mulheres são os “alvos” dos homens, pois estes tentam dançar de maneira sensual e provocativa, tirando gritinhos e assobios das mulheres.

O DJ manipula bastante as paixões dos freqüentadores pelos clubes de futebol, como forma de animá-los. Por outro lado, não há qualquer alusão às zonas geográficas da cidade de São Paulo⁵⁶.

A indumentária dos freqüentadores desse baile é bem mais diversificada e simples, se comparada à dos freqüentadores do Clube da Cidade. Os homens, em sua maioria, utilizam bermudas e camisetas alusivas aos clubes de futebol de sua preferência. Alguns deles trazem nos seus bonés referências a times de basquete norte-americanos. As mulheres usam calças de brim, em grande parte, ou mini-saias, blusas ou camisas sociais, por exemplo. De forma geral, as pessoas parecem bem mais à vontade nesse local, permanecendo sem camiseta. Por outro lado, e apesar do nome do baile, nesse caso não notamos tantas pessoas vestidas à moda *rap*.

As músicas que abrem o baile, no Espaço Atual, também são as de menos sucesso entre os freqüentadores. Assim como no Clube da Cidade, as músicas preferidas desse público não são as que tocam nas rádios comerciais que eles mais ouvem. Nesse baile um tipo de música bastante executada é o *rap* nacional, com

⁵⁵ As demais mesas do recinto ficam guardadas no canto direito, ao fundo do salão.

⁵⁶ Posteriormente demonstrei o porquê desse fato.

destaque para o grupo Racionais MC's, artistas contratados da gravadora Zimbabwe Records, a responsável pelo baile. As rádios mais ouvidas pelos homens são: 105 FM, com 68%; seguida pela Metropolitana FM, com 16%. Entre as mulheres as preferências reveladas por programas de rádio foram: 105 FM, com 48,5%; seguida por Metropolitana 11%. A seleção nesse baile é diversa da do Clube da Cidade, mas com uma convergência bastante forte, para a 105 FM, que, por sua vez, apresentava programas de todas as equipes de bailes. A Metropolitana tem uma posição bem mais consolidada aqui. Talvez porque nesse local a música mais tocada seja o *rap*, principalmente nacional, e esta rádio tinha em sua programação grande espaço para este estilo musical. De toda a maneira, tal levantamento reforça a idéia de que, pelo menos no que se refere ao rádio, essas pessoas – bem mais que a Chic Show – têm preferências bastante convergentes. Neste baile notamos que a Zimbabwe, através da seleção das músicas executadas nos bailes, procura influenciar o seu público.

Vimos como nos bailes existe a construção de modelos identitários, a partir da seleção de traços musicais específicos. Nesse sentido, e mais uma vez, faz-se da identidade algo mais: uma invenção de diferenças.

Fotos: Flávio Rocha

Apresentação no palco "Espaço Atual".

Fotos: Flávio Rocha

Frequetador sem camisa, "Espaço Atual".

5 – Circulando por entre os públicos desses bailes

Além destes bailes *black*, o público, tanto do Clube da Cidade como do Espaço Atual costuma freqüentar outros locais com as mesmas características desses *lôcus*, tais como: Projeto Radial; Sun Set; Sambarilove; Musicália – todas da Chic Show -; Skema Som; Santana Samba. Mistura Fina; Birinight; Black Mad; etc. Eles afirmam que preferem ir a esses bailes, pois, neles “não são discriminados”, “se sentem bem”, “encontram pessoas iguais a eles” ou “por poderem conhecer novas músicas negras”.

Notamos que os argumentos demonstram que a decisão de freqüentar esse tipo de estabelecimento não representa uma postura baseada unicamente nas predileções musicais, mas sim, prioritariamente, uma forma de se evitar locais em que, teoricamente, não se é bem recebido. Ou seja, a decisão é, de alguma maneira, bastante política, apesar de sua afirmação não ser explícita. Nesse sentido, podemos dizer que estamos diante de dois grupos de pessoas que têm, além de uma mesma preferência musical, uma postura bem semelhante no momento de optar por um local de lazer. Dessa maneira, e segundo Cohen (1978), podemos identificar que, levando-se em conta as suas preferências de lazer, esses dois públicos formam um grupo que se auto-identifica, seja pela cor, seja pela “raça”, seja pela etnia.

Uma outra preferência interessante dessas pessoas é que tanto os homens como as mulheres costumam ir ao cabeleireiro. Os salões em que se fazem penteados *black* segundo os freqüentadores, são os mais procurados.

Quando não se referiam a um salão especial, os entrevistados afirmavam que iam a casas de pessoas que trabalhavam prioritariamente com cabelos carapinhas. O que chama a atenção é que os homens não demonstraram, em geral, qualquer constrangimento em dizer que freqüentavam cabeleireiros, em vez de barbeiros, profissão que para estes públicos deve estar em extinção.

Aqui, não podemos deixar de informar que há uma diferença entre o público em geral e os participantes do *HIP-HOP*, pois estes não vão ao cabeleireiro. Eles preferem raspar as suas cabeças, o que não necessita de um especialista. Quando muito alguns utilizam, por pouco tempo, o cabelo no estilo

black Power, popular na década de 1970, mas logo retornam para o penteado normal do grupo.

Quanto à indumentária, a maioria das pessoas prefere vestir roupas de *griffe*, por exemplo, Wrangles; Zoomp; Pakalolo; TNT; 775; Explosão, que são compradas, preferencialmente, nos shopping. Foi possível notar que estas pessoas optam por gastar, prioritariamente, suas economias em roupas. Novamente, os participantes do *HIP-HOP* procuram diferenciar-se dos demais, escolhendo uma forma de se vestir própria, que consiste em calças bem largas e com o ‘cavalo’ baixo, as camisas em número maiores, e quando usam camisetas estas além de grandes, devem sempre trazer estampas com referências a grupos de *rap* norte-americanos ou times de basquete desse mesmo país.

Nos dois bailes, não notamos uma diferença muito destacada entre os homens e as mulheres no que diz respeito à vaidade, tanto em relação aos cabelos quanto ao vestuário. O destaque fica com os militantes do *HIP-HOP*, que procuram utilizar estas formas de apresentação social como uma maneira de diferenciar-se dos demais.

Há uma seleção no vestuário, nas preferências de penteados entre os freqüentadores desses dois nichos de lazer, que fazem parte na construção da identidade deles. Outro fato interessante é como, a partir de um mesmo local pode-se ampliar a convivência entre, pelo menos, dois grupos de pessoas distintas MS não antagônicas, que revelam experiências diferentes mas partilhadas. Vale destacar porém como o grupo utiliza o lazer, os costumes e as marcas exteriores como forma de construir uma identidade, mesmo que de maneira indireta.

6 – Preferências radiofônicas

As músicas que mais tocam nesses dois bailes, como vimos, não são as mesmas que se podem ouvir nas rádios mais comerciais⁵⁷ de São Paulo – Jovem Pan, Transamérica, 89 FM, etc. – e nos programas musicais da TV. Esta é uma característica dos bailes *black* brasileiros. Na obra de Vianna (1988) já percebemos tal particularidade, quando o autor informa que os discos mais tocados nos bailes eram os ‘importados’, que não eram comercializados nem executados nas rádios comerciais brasileiras. As aquisições de tais obras artísticas, desconhecidas ou mesmo raras em nosso país, aumentavam o *status* da equipe responsável pelo baile. Vianna afirma que havia “casos de pessoas que viajavam a Nova York (sic) única e exclusivamente para compra discos. Saem do Rio no vôo da noite, chegando a Manhattan pela manhã, compravam os discos e (voltavam) PR o aeroporto, dormindo mais uma vez no avião, de volta para o Rio” (pág. 42).

O período que Vianna estuda ainda não havia sido dominado pela ‘globalização’, que atingiu também o mundo fonográfico permitindo que um disco/CD lançado nos EUA rapidamente seja vendido pelo mundo afora, incluindo o Brasil. O que notamos é que a preferência desta nova geração que participa de bailes *black*, apesar desse novo fator político-econômico, continua a se diferenciar dos gostos mais divulgados pela mídia, já que as músicas que ela prefere continuam a não ser executadas pelas grandes rádios. Foi nesse sentido que julguei ser bastante importante perguntar sobre o que essas pessoas mais ouviam nas rádios.

Tantos os homens como as mulheres dos dois bailes ouviam, basicamente, programas de rádio que tocam, prioritariamente, “pagode”, “rap” e “*black music*”. Outro fator que influencia, e muito, a escolha destes programas é que as equipes de bailes, as Escolas de Samba e os bares por eles freqüentados procuram anunciar nessas rádios, principalmente na 105 FM e na Transcontinental, as suas atrações musicais da semana, ou do mês. Dessa maneira, a rede se

⁵⁷ Quando digo “mais comerciais” não quero afirmar que as rádios que eles ouvem não sejam comerciais, mas sim, como pude verificar posteriormente, que apesar de as rádios mais ouvidas nesses dois bailes – Transcontinental e 105 FM – serem as campeãs de audiência, elas não conseguiam ter anunciantes de peso em sua programação, sob o argumento de que a população que as sintonizava não tinha um poder de consumo tão elevado, que interessasse a estas empresas.

completa. São esses anúncios que sustentam economicamente as rádios, e essas executam as músicas prediletas do público interessado em seus comerciais.

Para entendermos a importância da radiofonia para essas populações, destacamos o fato de que quando perguntamos aos homens se eles tinham costume de ouvir rádio, o resultado foi que, no Clube da Cidade, 77,3% e no Espaço Atual, 98%, afirmaram que sim. Já no caso das mulheres, tanto entre as frequentadoras do Clube da Cidade, como do Espaço Atual, 100% responderam positivamente. Como podemos notar, esses públicos dão uma enorme importância ao rádio. Além dos argumentos já levantados, não se pode esquecer a explicação de que a televisão é um meio de comunicação bem mais caro que o rádio, o que dificultaria bastante a divulgação das atividades das equipes por esta mídia.

Decorre daí o fato de que o número de programas na televisão voltados para este público é quase nulo. No período em que apliquei os questionários havia somente um programa sobre bailes *funk*, de uma equipe do Rio de Janeiro denominada “Brasil 2000” – mesmo nome do programa -, exibido na CNT, nas tardes de sábado. Esse programa, por sua vez, não foi citado nenhuma vez pelos pesquisados, provavelmente por só abranger a realidade do Rio, ou porque o estilo de música que se toca é o *funk* carioca, que não tem nenhuma influência nesse bailes. Outra experiência televisiva foi o programa “Axé, Se Liga Brasil”, exibido na TV Bandeirantes, de São Paulo, no início de 1998. Foi apresentado durante dois meses e tirado do ar, segundo a direção da Bandeirantes, por falta de “audiência” e de patrocinador. A quase que ausência, na televisão, de programas voltados para esse público pode servir de indício para explicar a grande preferência pelo rádio nestes bailes. Destaca-se, ainda, uma visão divergente em relação a esse “país globalizado”. Mesmo diante da forte influência televisiva, o rádio mantém para essas populações seu potencial de inserção. Parece ser, por excelência, o “veículo de troca” desses grupos que, em função de sua situação econômica, têm no rádio sua saída diária, a companhia de todas as horas.

7 – Preferências musicais internacionais

Este levantamento foi feito com o intuito de desvendar as preferências dessas populações com respeito à música estrangeira. A importância deste quesito reside no fato de a música americana ser a mais tocada nesses bailes. O que me interessava saber era se a preferência dos frequentadores ficava restrita às músicas ouvidas nos bailes, ou se abrangia outros artistas e estilos.

A preferência musical internacional dos homens dos dois bailes recaiu sobre o *rap* em primeiro lugar, seguido pelo pop, pelo *soul music*, a seguir o *reggae*⁵⁸, o *Rhythm and Blue (R&B)*⁵⁹ e por último o *ragga* ou *raggamuffin*⁶⁰. O interessante aqui é terem ficado em primeiro lugar, no Clube da Cidade, o grupo *rapper* “Public Enemy” e o astro pop “Michael Jackson”. Já no Espaço Atual “Public Enemy” continuou em primeiro e o cantor pop foi para a terceira colocação.

Destaco este fato porque o primeiro é um grupo que adota, em suas músicas um discurso profundamente racializado e político, procurando com esta posição “defender as raízes africanas (e fazer muitas referências) a Malcolm X e ao líder mulçumano Luois Farrakan” (Andrade, 1996)⁶¹. Por outro lado, Michael Jackson sempre teve um estilo de música mais romântico e, devido ao problema de vitiligo⁶², aproveitou para fazer grandes alterações em sua “fenotipia”, que nenhuma relação tem com sua doença. Por exemplo: nota-se o afinamento do nariz e dos lábios e o alisamento dos cabelos. Essas mudanças são interpretadas de forma bastante diferente nos EUA e no Brasil. Lá, apesar dessas alterações externas, ele continua sendo considerado negro, pois, como já falado anteriormente, naquele país o que importa não é a fenotipia, mas sim a genotipia. Ora, num país em que uma pessoa de pele clara, nariz e lábios finos, olhos claros e cabelos escorridos – exterioridades consideradas próprias de um caucasiano – é

⁵⁸ Estilo musical surgido na Jamaica.

⁵⁹ Atualização do antigo *soul music*, no Brasil esse ritmo é chamado também de *charm*, como qualquer outro ritmo musical *black* mais melódico.

⁶⁰ Mistura dos ritmos *rap* e *reggae*.

⁶¹ Em 1991, esse grupo fez duas apresentações no Brasil, na cidade de São Paulo, em eventos organizados pelas equipes Black Mad e Chic Show, no estádio do Ibirapuera. O grupo convidado a fazer a abertura daquele evento foi o Racionais MC's, devido às letras de suas músicas serem as mais próximas das letras do Public Enemy.

⁶² Segundo ele mesmo afirmou em um programa de TV, comandado por Oprah, exibido no Brasil em 1994, pela Rede Globo.

considerada “negra”, se tiver qualquer “negro” em sua ancestralidade, só se poderia esperar esta posição frente à alteração física de Michael Jackson. Afinal de contas, ele nasceu com as características de “negro” e numa “família negra”.

No Brasil, no entanto, M. Jackson passaria por “branco” ou mesmo “mestiço”, facilmente. Aqui as pessoas parecem entender que existem dois Michael Jackson, um “negro” – o mais antigo – e outro “branco” – atual. Talvez este fato ocorra devido à miscigenação acompanhada do modelo de “branqueamento”, que permite que uma pessoa seja considerada “negra”, “mulata”, “morena”, de acordo com sua ascendência, fenotipia e condição social. Diante de um fenômeno como o de Michael Jackson, os brasileiros conseguem aceitar que esta pessoa, em vida, possa mudar a sua localização étnico-racial. Conforme escreveu Neusa S. Souza, em Tornar-se Negro (1983), no Brasil, as pessoas não nascem “negras”, elas ‘ganham’ a consciência desta condição. Já para Ivone Maggi (1991), ser “negro” é uma marca cultural, dada pelo passado escravista. Nesse sentido, é compreensível a mudança de identidade cultural que Jackson sofreu em nosso país, pois a identidade étnico-racial não é um fato consumado para nós, mas sim algo que é constantemente construído e negociado. Mas essa já outra questão. Voltemos à música.

A escolha por ídolos tão distintos demonstra que, mesmo para os homens desses bailes, a questão “racial”, simbolicamente falando, poder até ter uma certa importância, mas ela não é fundamental no momento em que faz, suas opções musicais. Caso contrário, Michael Jackson não teria uma preferência tão destacada, como o grupo Public Enemy. Na verdade, mais uma vez, é o “consumo da moda” e do estilo que se impõe em detrimento do conteúdo.

O interessante, reforçando, Michael Jackson ter conseguido tal destaque entre os homens desses dois bailes, que demonstraram apoiar grupos de *rap* nacionais bem mais radicais no que se refere à problemática do “negro” em nosso país. O fato de Michael Jackson ter sido menos lembrado do que o grupo Racionais MC’s, assim como a outros grupos de *rap*, não tira o interesse da sua condição de um dos mais citados. Afinal, entre os músicos nacionais, a distância entre os Racionais MC’s e os outros grupos também foi bem grande.

Vale à pena destacar que o “antigo Michael Jackson” tocava e ainda toca demais nestes bailes. Pelo menos até *Thriller* (1982), quando o seu processo de “transformação” começou a ser mais percebido e acionado. Segundo os

organizadores tocassem mais o “jovem Michael Jackson”, por ser um ritmo musical, “preferido nos dois bailes”. Como se vê, longe do tema imediatamente político, a questão é sempre a dança.

A presença da *black music* é bastante expressiva nesses locais porque, afinal, ela representa a própria razão de ser dos bailes *black*, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro. Os bailes surgiram com, ou por causa dela, nos anos 1960. de lá para cá a *black music* sofreu muitas alterações: *soul*, *funk*, *break* (dança) e *rap*. Essas alterações foram acompanhadas de modo diferente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, mas mantêm uma identidade enquanto som *black*.

O *reggae* estilo também muito lembrado, é entendido aqui no Brasil como “música negra”. Acontece que a sua receptividade é bastante diferenciada nas populações dos vários estados de nosso país: na Bahia e no Maranhão ele é a música dos negros, sendo apropriada por muitos blocos afros⁶³, como um ritmo carnavalesco. Em São Paulo, as bandas de *reggae* são compostas por brancos das classes altas e médias e apreciadas, em sua maioria, também por pessoas dessas camadas sociais. Nos bailes *black* tocassem muito pouco este estilo de música, mas é interessante o fato de ele ter sido tão citado pelos frequentadores desses locais.

Em uma conversa com Luizão, ele me contou que em outra casa da Chic Show, a Showpapo, localizada em São Bernardo do Campo, resolveu tocar uma seleção de *reggae* e acabou sendo vaiado pelo público. É interessante destacar que, em nenhum dos dois bailes, ouvi ser executado um *reggae*, durante todo o período em que durou a pesquisa. Apesar do relato do Luizão e da ausência da execução deste ritmo nos bailes, ele foi bem citado nos questionários, o que demonstra que boa parte das pessoas gosta deste estilo musical, ou reconhecem sua importância, mas abrem mão dele quando “o negócio é dançar”.

Vale ressaltar que nas rádios mais ouvidas por esses grupos também não se toca *reggae*, o que significa que esse tipo de som é consumido em outros meios, ou em outros programas. Destacamos, anteriormente, que essas pessoas tinham uma preferência bem específica; agora podemos afirmar que a

⁶³ Segundo testemunho de um baiano, Luís Orlando da Silva – participante do Conselho consultivo do Bloco-Afro Olodum -, no dia em que Bob Marley morreu ocorreu uma enorme comoção em Salvador, parecendo que ele havia sido um artista brasileiro, mais precisamente baiano. No Rio de Janeiro as maiores bandas de *reggae* são compostas por negros moradores da Baixada Fluminense, em sua maioria.

particularidade de seus gostos, no que diz respeito à música internacional, não faz com que fiquem somente na dependência dos bailes e das rádios que mais gostam, mas sim que elas ampliam este ‘leque’. Isto é, elas não se comportam simplesmente como uma “tribo”, que tem só uma única primazia musical, tal como os *punk*; mas antes procuram ter um catálogo maior e selecionam diferentes sons conforme a ocasião.

Com relação às mulheres, as preferências não foram tão evidentes, como as encontradas entre os homens nos dois bailes. No Clube da Cidade, o *rap* também foi o mais citado dos estilos musicais internacionais. Tal preferência está, porém, bem diluída. Para se ter um exemplo, o representante do *rap* mais lembrado foi o grupo “Fugges” (*rap*), que ficou em terceiro lugar. Antes deles aparecem “Whitney Houston”, seguida por Michael Jackson – ambos cantores pop. O destaque é que mesmo não tendo nenhum representante entre os mais citados, na soma total o *rap* conseguiu uma quantidade de referência muito acima dos outros estilos. Tudo isso demonstra que essas mulheres realmente vão ao baile no intuito de ouvir músicas e, sempre que possível, dançar, mesmo que somente entre elas. Com esta posição, elas assumem um comportamento bastante diferente do dos homens, que demonstram que vão ao baile para, primeiramente, ouvir músicas politicamente engajadas (ou ao menos falar delas) e depois, se possível, dançar.

Na segunda posição ficou o pop, gênero mais variado no que diz respeito ao estilo, aos cantores e grupos, com representantes negros e brancos. O *soul music* e o *R&B* – ritmos mais lentos tendendo para o romântico – ficaram com a terceira colocação, sendo que em quarto restaram os “parentes musicais”, *reggae* e *ragga* – “pai” e “filho”, respectivamente.

No Espaço Atual, o gênero mais citado pelas mulheres foi o pop, seguido pelo *soul music*. O *rap* aparece em terceira posição, na quarta ficou o *R&B*, e em quinto os “congêneres” *reggae* e *ragga*. As mulheres desse baile foram as únicas que não deram uma posição de destaque para o *rap*. Elas ficaram com os sons mais dançantes e priorizaram as músicas mais “apropriadas” para um baile. O interessante é que na pergunta sobre preferências nacionais, as entrevistadas garantiram a primeira colocação para o *rap*, mas quando o assunto é música internacional a seleção recai nos gêneros dançantes.

Apesar de não ter a mesma concentração entre os mais votados – o que ocorreu na música nacional – o *rap* internacional parece exercer uma grande influência sobre essas pessoas, em ambos os sexos. Por exemplo, se compararmos os dois sexos, os homens continuam mais “realistas” – isto é, querem ouvir nos bailes músicas que falem de seu cotidiano – e as mulheres mais “idealistas”: parecem preferir ouvir ritmos que permitam a prática da ação específica de quem vai a um baile, que é dançar. Pode-se afirmar que os homens vão ao baile mais para ouvir músicas, enquanto que as mulheres vão mais para “curtir”, apreciá-las e dançar. Talvez por este motivo podemos notar muitas mulheres dançando juntas, o que não acontece com os homens, que só dançam em conjunto quando estão ensaiando os passos para futuras apresentações no palco, ou quando são executadas músicas do “movimento” HIP-HOP, o *rap*.

Os frequentadores destes bailes não compreendem inglês⁶⁴, por este motivo não podemos dizer que a influência que o *rap* americano exerce sobre essas populações seja devido às suas letras politizadas. Mas é possível, porém, entender que esta ascendência possa ter surgido devido aos *clips* que são exibidos, tanto nos bailes – Clube de Cidade, por exemplo – como pela MTV. Nesses vídeos surgem negros e negras em condições bastante favoráveis. A linguagem primordial é, desta vez, a transmitida pelas imagens e não pela palavras. Ou ainda, por uma certa “importação de mensagens” que se faz por idéia dispersas e não pela tradução imediata.

Michael Jackson, novamente, é muito citado pelas mulheres tanto do Clube da Cidade como as de Espaço Atual. Não se descarta como explicação deste fenômeno o fato de ele ser considerado o maior *showman* internacional e ter suas músicas lançadas nas grandes redes de televisão. Um destaque interessante é o fato de Madonna ter sido muito citada entre as mulheres, w quase não ter sido lembrada pelos homens (obteve apenas uma citação em cada baile)⁶⁵. Talvez, nesse caso, tenha-se imposto o modelo feminino, a despeito da cor e da “raça”.

⁶⁴ Andrade (1996) afirma: “por desconhecimento do idioma norte-americano, os jovens *breakers* não entendiam o significado das letras de *rap*. Detinham-se apenas no ritmo do novo estilo musical, batizando-o de ‘tagarela’”.

⁶⁵ O que poderíamos aventar, na tentativa de explicar este fato, é que a música da Madonna influencia mais as mulheres desses dois bailes, que são mais “românticas”, que os homens, mas “contestadores, pelo menos no campo musical. Possivelmente pelas atitudes de grandes desprendimento sexual que essa artista tem assumido em vários momentos de sua vida profissional, também deve provocar algum reflexo sua imagem de mulher liberada.

Como vemos, “raça” é um elemento “situacional”, aparece conforme o lugar e o contexto.

Notamos, portanto, que, no que diz respeito ao estilo musical, os dois bailes são bastante próximo, o que já era de se esperar, afinal ambos são considerados bailes *black* e apresentam frequentadores com média de idade idêntica. Logo, não precisamos ficar espantados diante de tal semelhança. Mas, como já demonstramos anteriormente, apesar dessas similitudes, estamos diante de dois bailes *black* bem distintos.

8 – Preferências musicais nacionais

A maioria das músicas executadas nos dois bailes é de origem norte-americana, restando um espaço bem menor para as nacionais. Dentre elas, os gêneros que mais se destacaram foram o samba, o *funk* e o *rap* nacionais.

Vejamos, nesse sentido, como se manifestaram os frequentadores dos bailes. Levando em consideração os gêneros e estilos das músicas escolhidas pelas mulheres do Clube da Cidade e do Espaço Atual, teremos o seguinte quadro: o samba ficou em primeiro lugar; o *rap* em segundo; a MPB em terceiro e o ritmo *black* em quarto lugar. No Espaço Atual, entre as mulheres não houve nenhuma citação do(a)s cantore(a)s do ritmo *black*. Vale ressaltar que somente elas deixaram de fazer menção a esses artistas.

Notamos, explicitamente, que os homens preferem o *rap*, enquanto que as mulheres preferem o samba. O *rap* foi o estilo musical mais citado entre os homens que participaram dos dois bailes e as mulheres do Espaço Atual, ficando em segundo lugar entre as mulheres do Clube da Cidade. Dentre os grupos de *rap*, o Racionais MC's foi o único que obteve a maioria das citações entre os públicos dos dois bailes: entre homens e mulheres, eles alcançaram 50% das indicações. Interessante destacar que esse estilo de música, o *rap*, é bastante engajado. As letras de suas músicas são profundamente politizadas, comprometidas com as lutas contra a discriminação, o preconceito, o racismo, a violência policial e à marginalização do negro brasileiro, procurando, também, manter uma visão que abrange a exploração econômica à qual está submetida a classe trabalhadora de forma geral⁶⁶.

O grupo Racionais MC's assume uma posição político-ideológica considerada de esquerdo-revolucionária, ao menos na opinião dos seus integrantes. Nas campanhas eleitorais esse grupo sempre procurou apoiar o Partido dos Trabalhadores (PT). As letras de suas músicas, mesmo quando mais

⁶⁶ Para se ter alguma noção quanto ao comprometimento do *rap* na luta contra a opressão sofrida pelo negro e pelo mestiço no Brasil, relatarei um ato ocorrido no ano de 1994. O grupo de *rap* denominado “Consciência Humana”, cujos componentes eram todos brancos, afirmava, em uma de suas letras “que a cor da pele não importava, na luta contra a pressão no Brasil”. Um dos componentes do grupo foi agredido fisicamente, por um outro *rapper*, do grupo “Poder Negro”, que usava o codinome artístico ‘Crânio’. Em várias ocasiões em que este grupo se apresentou nos encontros de *rappers*, a platéia, em sua imensa maioria, ficava de costa para o palco, como forma de protestar contra a letra da música em questão. Por esses motivos, podemos perceber que o *rap* é muito mais do que um estilo musical.

amenas, só se referem às condições de vida marginalizada do negro no Brasil. Os temas principais de suas letras são as denúncias contra o racismo e o preconceito de cor, a marginalização social do negro, a violência policial, o sistema carcerário e as péssimas condições de vida das populações que vivem nas periferias das cidades.

Quando perguntamos se os Racionais MC's seriam uma entidade do MN, prontamente Mano Brown, seu “líder”, respondeu que sim, revelando que não se consideram simplesmente artistas, mas também militantes. Com efeito, em todas as apresentações o grupo tem a preocupação de passar mensagens políticas, já que as músicas são como discursos político-ideológicos proferidos pelo líder Mano Brown⁶⁷. A mesma preocupação pode ser notada nas apresentações do Thaide e DJ Hum, que procuram incentivar o seu público a estudar.

Tudo isso poderia levar a uma interpretação que destacasse a politização dos freqüentadores dos bailes. Nesse sentido, podemos afirmar que as pessoas desses bailes, ao escolherem os Racionais MC's como o grupo musical de sua maior preferência, não estão, necessariamente, de acordo com a postura político-ideológica assumida pelos mesmos. Isto é, elas não são, necessariamente, defensoras dos postulados “revolucionários” defendidos por estes *rappers*. Ou seja, elas podem não seguir o que eles pregam, mas, com certeza, não estão em desacordo com o discurso. Na verdade, parecem consumir antes a moda e depois o conteúdo político que, nesse caso, vem a reboque.

O samba, em São Paulo, atualmente mais designado como pagode⁶⁸, foi o estilo de música mais citado pelas mulheres do Clube da Cidade, ficando em segundo lugar entre os homens dos dois bailes⁶⁹. O principal tema de suas músicas é o “amor”, a “paixão”, ou as “decepções amorosas”. Devido à alta presença do

⁶⁷ Na época em que a pesquisa foi desenvolvida, os maiores sucessos dos Racionais MC's eram “Fim de Semana no Parque” e “U Homem Na Estrada”. Em anexo a essa dissertação estão as letras de ambas as músicas – esta última foi ganhadora do prêmio Sharp, de 1994, como melhor letra de música. As duas letras foram gravadas no disco chamado “Raios-X do Brasil”, que se inicia com a seguinte mensagem, na voz de Ed Rock: “- 1993, fudidamente voltando, Racionais MC's, usando e abusando de nossa liberdade de expressão. Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país. Você está entrando no **mundo de informação, auto-conhecimento, denúncia e diversão**. Esse é o Raios-X de Brasil. Seja bem-vindo”. Destaque meus.

⁶⁸ Pagode, anteriormente, significava uma “reunião” informal onde se cantavam ritmos populares, principalmente samba, com o acompanhamento de percussão, cavaquinho, violão, etc. (Aurélio). Atualmente também se refere a grupo de samba, principalmente, de São Paulo.

⁶⁹ Faço a diferenciação entre os termos – samba e pagode – porque, no Rio de Janeiro, vários sambistas, dentre eles Bezerra da Silva e Jamelão, não admitem serem chamados de cantores de pagode, mas sim de samba. Para eles, pagode não é ritmo musical, mas sim festa ou encontro de pessoas.

tema “amor” em suas letras, o pagode paulista é denominado, pejorativamente, como “pagode de corno”. O comprometimento político, no que se refere especificamente à situação dos “negros” e “mestiços”, assim como à luta dos trabalhadores, em geral é quase nulo. Uma exceção pode ser encontrada no grupo Negritude Jr, que tem grande proximidade com os Racionais MC’s. Mas o seu vínculo fica expresso apenas nas participações em algumas músicas dos Racionais MC’s e na presença destes últimos em certas músicas do Negritude Jr⁷⁰.

Pelas indicações musicais nacionais podemos notar que os homens, nesse quesito, têm uma postura mais politizada que as mulheres, que priorizam as emoções. No que diz respeito às preferências musicais nacionais dos freqüentadores destes dois bailes *black*, utilizando uma metáfora, podemos dizer que os homens são aristotélicos e as mulheres platônicas. Os homens ao escolherem os estilos musicais que mais gostam assumem uma postura mais política que estética, o que já não ocorre com as mulheres. Os primeiros vêem na música uma forma de confirmar posturas políticas, que consideram corretas, enquanto que para as mulheres parece ser uma expressão cultural, que serve, prioritariamente, para a diversão.

Nos dois casos, porém, parece existir uma distância grande entre letras/mensagens e o som que leva à dança. Tendo o lazer à frente, os freqüentadores dos bailes. Algumas horas, pelo menos, abrem mão do conteúdo e misturam “o doce pagode” com o “*rap* revolucionário”. O local faz a preferência editar o uso. Mais uma vez há uma diferença entre o que se diz e o que se “faz”. Falar de política fica bem, mas não ao bem quando a hora é de dançar.

⁷⁰ Estou falando somente sobre as letras das músicas, não sobre as atitudes que eles assumem no cotidiano.

Capítulo 3 – COMO SÃO E O QUE PENSAM

1 – Perfil dos freqüentadores

1.1 – Dados pessoais

Durante a minha pesquisa, conforme informei anteriormente, apliquei um questionário entre os freqüentadores, a fim de conhecer inicialmente seus dados pessoais, depois suas preferências e, posteriormente, as suas posições com relação ao MN, sobre os partidos políticos, religião e, de uma maneira geral, sua concepção de mundo. A dimensão de amostra foi de 126 mulheres e 84 homens entrevistados no Clube da Cidade e de 35 mulheres e 45 homens no Espaço Atual.

Iniciei este trabalho fazendo a seguinte pergunta: “Para você, qual é a sua cor?” Dei, l a princípio, as seguintes opções de resposta: a) negra; b) mestiça; c) branca – com resposta fechada para os pesquisadores. Esta formulação se mostrou, porém, bastante problemática, pois muitos pesquisados respondiam “parda”, “morena”, “mulata”; indício de que precisaria ser feita uma mudança na forma de inquirir. Posteriormente a pergunta continuou a mesma, mas a resposta passou a ser aberta.

As respostas sobre a cor entre os homens, do Clube da Cidade, foram as seguintes:

Tabela 01

COR	%
Negra ⁷¹	055,0
Preta	013,0
Morena	012,0
Mestiça	006,0
Parda	006,0
Branca	003,5
No registro está Parda	003,5
Azul ⁷²	001,0
Total	100,00

⁷¹ Duas pessoas complementaram a informação de que foram registradas como “morenas claras”.

⁷² Com esta resposta ele quer afirmar que é tão escuro que chega a ser azul.

Entre os homens da Zimbabwe obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 02

COR	%
Negra	045
Morena	027
Preta	009
Parda	005
Raça Negra	002
Mestiça	002
Mulata	002
Morena Escura	002
Morena Jambo	002
Jambo	002
Branca	002
Total	100

Entre as mulheres do Clube da Cidade as respostas foram:

Tabela 03

COR	%
Negra	069,0
Morena	008,1
Mestiça	005,5
Preta	004,0
Parda	004,0
Mulata	003,2
Branca	003,2
Morena Clara	001,6
Jambo	000,8
Marrom	000,8
Raça Negra ⁷³	000,8
Total	100,0

⁷³ Complementou dizendo que na certidão (de nascimento) está parda.

Na Zimbabwe as mulheres declararam:

Tabela 04

COR	%
Negra	040
Morena	028
Preta	008
Mulata	006
Mestiça	006
Leite com Café	003
Morena Escura	003
Morena Clara	003
Parda	003
Total	100

Como podemos notar, os homens do Clube da Cidade, em 83 questionários, utilizaram-se de 7 formas para nomear as suas cores. As mulheres, nesse mesmo local, em 126 questionários, usaram 10 formas. No Espaço Atual, os homens e as mulheres utilizaram 9⁷⁴ cores para denominar sua cor de pele; os primeiros em 45 questionários, as segundas em 35. Algumas pessoas responderam que sua era negra, mas nos registros constava a cor parda. Este dado parece demonstrar que algumas pessoas assumem a sua “cor” como uma forma política explícita de se identificarem. Há, portanto, uma diferença entre a cor declarada e a cor percebida. Com efeito, nesse contexto é um uso social e político que parece imperar.

Em alguns ambientes costuma-se concluir que as pessoas, ao se declarar pardas, morenas, escuras, etc., estão querendo negar qualquer ligação com uma possível negritude, mesmo que distante. Seria muito problemático atribuir preocupação semelhante a estas pessoas, pois elas freqüentam estes bailes para se sentirem entre iguais, e não para serem discriminadas, segundo vários testemunhos ouvidos no período da pesquisa. Podemos então afirmar que, nesse contexto protegido, elas não teriam grande problemas com o conceito “negro”. Em minha opinião, portanto, esta variedade de termos é uma expressão da maneira maleável de identificação existente na sociedade brasileira. Essa é a

⁷⁴ Embora o termo mestiço não se refira à cor, aqui achamos melhor entendê-lo como mais uma cor.

moção de “cor social” tão empregada na discussão acadêmica brasileira que destaca o uso elástico da cor⁷⁵.

Destaco aqui o fato de que sete pessoas – três homens do Clube da Cidade, quatro mulheres e um homem no Espaço Atual – afirmaram serem brancas. Quando foi solicitado que explicassem por que freqüentavam aquele baile – pergunta feita a todos os pesquisados – a maioria respondeu que se sentia bem entre as negros. Duas mulheres afirmaram inclusive que adoravam “negrões”.

Quanto às pessoas que se identificaram como brancas, também não haveria muito sentido em afirmar que elas teriam vergonha de algum provável ancestral negro, porque se assim fosse, procurariam freqüentar outros tipos de lugares. Na verdade, entrevistei essas pessoas esperando que elas se considerassem no mínimo “mestiças”, mas fui surpreendido, de novo, pelo fato de se definirem como brancas.

Uma das entrevistadas, que afirmou que sua cor era branca, quando perguntei se ela já havia sofrido algum tipo de discriminação, respondeu afirmativamente. Logo imaginei que ela me relataria um fato ocorrido entre ela e os freqüentadores do baile, pois é bastante comum que as pessoas brancas, por não serem “bem” tratadas nos espaços negros, protestem, mesmo quando não cumprem todos os “protocolos” exigidos pelo grupo visitado: respeitá-los e não assumir posturas de superioridade social⁷⁶. Mas qual não foi a minha surpresa quando ela relatou uma discriminação ocorrida por ela ter uma filha, em sua opinião negra. Ou seja, ela se acha branca, mas não via qualquer problema em ter uma filha natural negra. Estamos diante de um caso em que para a mãe ocorreu um enegrecimento de sua prole. No caso, não foi esse fato que lhe desagradou, e sim a discriminação que sua filha sofreu.

No Espaço Atual entrevistei uma mulher que criticou o DJ Vira-Lata e dois componentes do grupo Racionais MC's, Ed Rock e Ice Blue, por eles só namorarem mulheres brancas; postura da qual ela discordava profundamente. Este

⁷⁵ Uma obra interessante sobre este assunto é Relações Raciais no Brasil, de Hasenbalg e Silva (1992).

⁷⁶ Magnani, em Festa no Pedacão (1984), nos relata o caso de alguns fãs brancos do cantor Gilberto Gil, que foram a um baile da Chic Show, ocorrido na sede da Sociedade Esportiva Palmeiras, onde ele faria uma apresentação. Com o “atraso” do evento, os fãs teriam se posto a vaiar a organização do evento. Resultado da ousadia: tiveram que ser retirados do local com escolta, para não serem ‘linchados’ pelo público negro e mestiço presente.

fato He dava vontade de destruir todos os LPs do grupo. Terminada a entrevista ela solicitou que eu entrevistasse uma amiga dela. Afirmar que a pesquisa só abrangia pessoas “negras” ou “mestiças” e que a amiga era branca. Ela replicou que esta sua amiga havia sido namorada do “Vira-Lata” e que gostava de frequentar aquele baile. Perguntei por que ela não condenava o relacionamento do “Vira-Lata” com sua amiga. Ela me respondeu que a sua amiga era diferente, e pronto. Para ela, o fato de membros dos Racionais MC’s relacionarem-se com brancas é algo totalmente condenável, mas a sua amiga branca pode se relacionar com negros, que está tudo na mais perfeita ordem. Podemos fazer aqui uma espécie de paralelo com o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda (1979), que traz para o público suas preferências pessoais, no momento de emitir opiniões acerca das relações sociais. Vemos, nesse caso, que a relação pessoal suplanta as relações sociais; para ela um negro namorar uma branca é tão reprovável que, para demonstrar sua indignação, ela afirmou que iria quebrar todos os discos dos Racionais. Mas quando a branca é a sua amiga, sua avaliação muda radicalmente e ela passa a aprovar essa relação.

Sobre os termos “negro” e “preto”, embora possa parecer, à primeira vista, que tenham o mesmo valor, na prática Isso não acontece. A opção por um dos termos, muitas das vezes, é reflexo da posição política e situacional ocupada pela pessoa. O termo preto é utilizado, principalmente, pelos *rappers*, que defendem que negro é cor, e não raça, e por esse motivo é uma palavra ofensiva e humilhante. Para eles as pessoas conscientes devem se considerar pretas. Esta postura é expressa em várias letras de *rap*, os Racionais MC’s têm uma música em que dizem: “não seja um negro limitado, mas sim um verdadeiro preto culto e informado”⁷⁷. Apesar dessa perspectiva dos *rappers*, não existe uma posição de confronto aberto entre o Movimento HIP-HOP e o MN. Muito pelo contrário, existe até militantes que atuam em ambos os movimentos. Apesar de preferir o termo preto, o movimento HIP-HOP não o toma como tão definitivo e determinante, como pode parecer. Como exemplo temos, mais uma vez, os Racionais MC’s, em outra música, “Voz Ativa”, do mesmo LP, afirmam “se você se considera negro, para (sic) negro você será”⁷⁸.

⁷⁷ Gravada no LP “Escolha Seu Caminho” (1992), pela Zimbabwe Records.

⁷⁸ Na obra *Retrato em Branco e Negro* (1987), Schwarcz mostra que o termo “preto” referia-se ao escravo submisso, enquanto que “negro” era sinônimo de quilombola.

Podemos notar que mesmo havendo esta diferença de postura – entre uma pessoa que se identifica como preta e outra que utiliza o termo negro – esta variação não é tão profunda, a ponto de criar uma situação de confronto, pois os *rappers*, mesmo entendendo que o melhor seria o termo preto, como afirmamos anteriormente, não descartam totalmente a palavra negro. O mesmo raciocínio pode ser utilizado para o UM, pois este grupo também não abandona a palavra preto como forma de identificação, ele só não utiliza com tanta frequência este termo porque ‘negro’ é uma palavra que está na própria definição do movimento⁷⁹.

Apesar de não haver conflito entre o Movimento HIP-HOP e o MN, o primeiro não abre mão de sua posição, acerca do termo “preto”. Quanto ao segundo, esta divergência tem uma importância reduzida, a ponto do MN defender que não vale a pena aprofundá-la. O MN acredita que esta divergência está limitada ao campo da semântica, pois para eles preto e negros são, basicamente, a mesma coisa.

Vale ressaltar que o MN, ao ‘importar’ as definições acerca da negritude dos EUA, assume o termo que naquele país é desprezado pelos negros militantes de lá: negro (*nigger*). Já o movimento HIP-HOP escolheu o termo que nos EUA é utilizado pelo MN, isto é, preto (*black*). Enquanto naquele país a escolha entre um termo e outro é determinante na postura política ideológica, por aqui tal situação já não ocorre. O MN apenas assume uma preferência pela palavra “negro”, enquanto que “preto” é utilizado secundariamente. Já o HIP HOP, apesar de procurar assumir uma postura mais definida a favor de “preto”, não tem grande constrangimento em utilizar o termo “negro.

Segundo Maggie, “no Brasil se usa negro porque se quer colocar a diferença na cultura, enquanto nos EUA, os *black* querem ser americanos e exigem direitos iguais aos dos brancos. Lá, os termos preto e branco são usados porque se quer comunicar que a diferença é social, enquanto no Brasil se fala do negro porque se quer comunicar que a diferença está na cultura, na origem” (1993: 79). Seguindo o raciocínio dessa autora, vemos que tanto o MN como o HIP-HOP, quando optam por um dos dois termos, fazem-no pensando,

⁷⁹ Na dissertação *Movimento Negro Juvenil*, apresentada na Faculdade de Educação da USP, em 1996, Eliana Nunes de Andrade descreve um grupo de *rappers* que pertencem ao MNU, na cidade de São Bernardo do Campo.

principalmente, em fortalecer uma identidade étnico-racial na sociedade brasileira, embora possamos entender também suas escolhas como parte de um conjunto de posturas políticas assumidas por estes dois movimentos e historicamente construídas.

Uma das freqüentadoras, por exemplo, perguntou ao pesquisador qual seria a cor dela, numa possível demonstração de indefinição “étnico-cromática”. Uma outra, ao ser perguntada sobre a sua cor, passou a sofrer uma forte pressão das outras amigas, muitas delas mais escuras, que utilizavam as seguintes frases: “- Vê lá o que você vai responder”, “- Quero só ver o que ela vai falar”, “- Olha lá, você é negra”, “- Quero só ver, afinal você está sempre com a gente”, etc. A pressão foi tão intensa que foi preciso que o pesquisador interviesse para diminuir o constrangimento da pesquisada. Após tanta coação ela terminou por responder “negra”, tanto para cor como para raça. O que notamos neste caso é que foi devido à situação criada pelas outras amigas que a entrevistada demonstrou uma cumplicidade na resposta, e se assumiu como negra. Após ter tomado tal posição tudo parece ter ficado resolvido e não se falou mais no assunto.

No universo dos pesquisados cento e onze pessoas responderam que sua cor era “morena”, “mulata”, “parda”, etc. Quando se perguntou a essas mesmas pessoas por que freqüentavam aquele baile, muitas responderam, como vimos, que “- lá se sentiam entre iguais”, que “- Não havia discriminação naquele baile”, “- por se sentirem bem”, etc. Com essas respostas podemos entender que, ao assumirem uma certa cor, elas não estariam querendo tomar uma posição “anti-negro”, pois se assim fosse, não poderiam afirmar que se sentem entre iguais nestes bailes. Nem mesmo podemos concluir que com esta postura estão tentando obter uma maior aproximação com alguma provável, parte branca da sociedade, como afirma Moura (1988). Na verdade, percebemos que não é possível ser descartado o argumento de que essas pessoas procuram fazer uso de formas de identificação que estão disponíveis na sociedade brasileira, ou então, que o tema não é motivo de maior reflexão. Enbranquece-se com facilidade no país, com ou sem “consciência política” de tal manipulação.

O resultado dessa pergunta nos remete à conclusão de que essas pessoas buscam utilizar uma forma bastante múltipla e diversificada de identificação, no que diz respeito à sua “cor”. O que vamos procurar verificar daqui por diante é se esta pluralidade de “cores” esconde alguns problemas mais relevantes e que

impedem a aceitação de uma “identidade negra”, tal como a defendida pelo MN. Dessa forma, pretendemos entender se estas pessoas procuram, na variedade de cores afirmada, encontrar subterfúgios para não serem identificadas como negras, apesar de freqüentarem um baile black, ou se, ao contrário, essa não é mesmo uma questão relevante. Até o momento estamos notando o fenômeno inverso do que defende o MN e ainda Clóvis Moura. Mas não custa aguardar.

Nas perguntas sobre a cor, priorizou-se, portanto, a percepção das pessoas. Afinal, cor é um dado que pode ser percebido empiricamente, ou ideologicamente. Já “raça” é um conceito ‘científico’, político e ideológico, e mesmo simbólico que, como tal, não é a “percebido”, mas sim vivido e partilhado entre grupos determinados.

Como algumas pessoas, ao serem perguntadas sobre sua cor, fizeram alusão à raça, ficou decidido incluir nos últimos questionários – aplicados somente no Clube da Cidade⁸⁰ – uma pergunta sobre esse conceito⁸¹. Este subconjunto abrangeu somente 48 mulheres e 33 homens.

O resultado alcançado foi o seguinte, entre os homens:

Tabela 05

RAÇA	%
Negra ⁸²	076
Preta	009
Brasileira	003
Povo Afro	003
Branca	003
Forte	003
Total	100

⁸⁰ Esta atitude foi assumida porque o baile do Espaço Atual, no ano de 1996 foi desativado.

⁸¹ Não queríamos com esta pergunta assumir uma posição teórica em que o conceito raça passasse a ter o mesmo valor que ele tinha nas antigas escolas teóricas.

⁸² Uma pessoa afirmou não saber, mas achava que era da raça negra ou africana.

Sobre “raça” as mulheres do Clube de Cidade responderam da seguinte maneira:

Tabela 05

RAÇA	%
Negra	078
Não souberam responder	010
Branca	004
Africana	002
Misturada	002
Morena	002
Para mim é negra ⁸³	002
Total	100

Algumas pessoas sequer estenderam a pergunta, outras responderam “povo brasileiro”, “brasileiro”, “forte”, “morena”, etc. Este fato demonstra explicitamente que para esse público a categoria raça não é tai comumente utilizada, ou que associam “raça à “nação”. As pessoas buscaram nomear a sua cor, levando em consideração o que elas “sentem”, “vêem”, “percebem”. Não é nem um pouco abusivo afirmar que elas não estão procurando negar a “raça” negra, mas sim tentando ser o mais “coerente” possível com sua visão de mundo. Um rapaz que portava um *bottom* com a inscrição “Negro é Lindo”, ao ser indagado sobre qual seria a sua cor, prontamente respondeu: “- Negra”. Quando perguntamos sobre qual seria a sua raça, ele corrigiu-se: “- Minha cor é morena e minha raça é negra”. Quer dizer, cor é algo que pode ser negociado, ‘raça’ não, ele pode se ver como moreno na cor, as quando se fala de ‘raça’ ele só pode ser negro, pois o conceito volta à sua matriz biológica e política expressa em seu *bottom*.

Vários outros freqüentadores responderam: cor “morena”, “mulata” e “negra” para falar de raça. Um deles, apesar de se dizer negro, destacou que muitas pessoas não concordam com essa sua definição, e, paradoxalmente, pela sua fala notamos que respeitava a opinião dessas mesmas pessoas.

As respostas obtidas representam uma demonstração de que a “cor” e a “raça” são categorias distintas para essa população, mas, às vezes, pode haver uma grande aproximação entre esses mesmos termos. É possível notar semelhança

⁸³ Completou a informação com a seguinte frase: “- Mas os outros dizem que não”.

quando ouvimos pessoas que primeiro respondem que são de cor negra, mas após serem perguntadas sobre a “raça”, não titubeiam e decidem trocar a cor por morena para assumir o termo negro para raça.

Destaca-se, portanto, que em uma sociedade que aposta tanto na miscigenação, e que se representa de tal forma, é bastante coerente que “raça” não seja um conceito tão utilizado, ou mesmo reconhecido. O “branqueamento” foi inclusive assumido por muitos negros, como forma de permitir que seus descendentes atingissem uma melhor condição de vida. Pensando dessa maneira, é não fora de propósito afirmar que o problema do “negro” brasileiro é mais “estético” do que “ideológico”, pois para que haja miscigenação, sem uma política de repressão oficial, é preciso que existam pessoas, de ambos os lados, que concordem que praticá-la. Quer dizer, “alguém negro” que queira “melhorar” sua prole, precisa encontrar uma outra pessoa “branca” que aceite “regredir” seus descendentes, num primeiro momento, para que o país possa progredir “racialmente” no futuro. Isto se concordamos com o modelo e a representação do “embranquecimento”. Mas a questão é ainda outra. Não é o caso de discutir se há ou não branqueamento e sim de reconhecer uma “representação branqueada” dessa mesma sociedade.

Sumariando os perfis gerais que foram conseguidos até aqui, podemos dizer, em primeiro lugar, que existe uma grande confusão entre “cor” e “raça”. Antes de serem termos excludentes, apareceram de forma alternativa, dependendo do lugar e de quem pergunta, da situação e longe da posição política explícita e unívoca. Nesse caso, é o “uso social” que se destaca.

No que se refere às questões de “cor” e “raça”, não notamos grandes diferenças entre os dois bailes. Em ambos, o que se destacou foi a diversificação no tocante à identificação. Além da grande similaridade no que diz respeito à “cor” e à “raça”, existe outra semelhança marcante. Quanto à origem, a imensa maioria dos freqüentadores veio de São Paulo. Entre as mulheres do Clube da Cidade, 90,4% nasceram no Estado de São Paulo, já entre as freqüentadoras do Espaço Atual este montante chegou a 86%. Entre os homens do Clube da Cidade, 80% são originários de São Paulo. No baile do Espaço Atual, eles chegaram a 88%.

Temos, em ambos os bailes, uma analogia bem próxima no que diz respeito a “cor”, “raça” e nascimento, mas quando examinamos o local de moradia, dois argumentos bem distintos apresentaram-se. No que se refere ao Clube da Cidade, além de ser próximo da linha de metrô “leste-oeste”, existem mais opções de transporte coletivo, que facilitam os deslocamentos dos frequentadores de suas residências até este baile⁸⁴. Essas condições permitiram que o público do Clube da Cidade se apresentasse como bem mais “cosmopolista” que o do Espaço Atual. Isto é, notamos que o primeiro é frequentado por pessoas não só de todas as regiões da capital, como de várias cidades da Grande São Paulo, tais como: Guarulhos, Osasco, Santo André, Diadema, São Bernardo do Campo, Taboão da Serra, Carapicuíba, Cotia, Poá, Caieiras, Suzano, Itapevi e Cajamar. Um entrevistado, que mora em São Vicente afirmou que uma vez por mês costuma promover a vinda de uma caravana daquela cidade ao Clube da Cidade.

As mulheres do Clube da Cidade, apesar de também serem originárias das mais variadas regiões da Grande São Paulo, em sua maioria são oriundas da zona norte da cidade, da mesma área da localização do baile, numa demonstração de que elas não se movimentam tanto à procura de um baile. Já os homens, em sua maioria, vêm da zona leste, ficando a norte em terceiro lugar. Como os eles pagam para entrar no baile durante todo o período de sua duração – o que não acontece com as mulheres, que não pagam nas primeiras duas horas -, o esperado seria que as primeiras viessem de regiões mais diversificadas, para aproveitar essa regalia. Mas não foi isso o que percebemos. Podemos notar que os homens são “atraídos” a essa localidade, provavelmente, pelo grande número de mulheres presentes, eles vêm das mais diversas localidades, ainda que essas sejam de bairros bem distantes do local do baile. Essa nossa conclusão pode ser confirmada ao compararmos os dois bailes e vemos que no Espaço Atual, diferentemente do Clube da Cidade, o público é composto, quase que exclusivamente de moradores da zona sul, das áreas próximas àquele baile⁸⁵. O que devemos destacar, no

⁸⁴ Como exemplo, podemos apontar a vizinhança com o Terminal Intermodal da Barra Funda – Metrô, duas linhas de trens interurbanas, ônibus municipais, intermunicipais e interestaduais, além de duas avenidas de grande fluxo de ônibus, que são a Av. Pacaembu e a Av. Marechal Deodoro (continuação da Av. São João). Na primeira trafegam coletivos que ligam as zonas sul e norte e na segunda, conduções que ligam a zona oeste ao centro da cidade e à zona leste.

⁸⁵ Nas suas proximidades só existem duas grandes vias de acesso por ônibus municipais: uma que propicia uma ligação com a região do aeroporto e dali para o centro da cidade (Av. Interlagos) e

primeiro baile, é que há uma equilibrada distribuição sexual, o que não acontece no segundo.

outra que liga vários bairros com o centro de Santo Amaro, o bairro mais importante da zona sul paulistana (Av. Nossa Senhora do Sabará).

Para se ter uma idéia da localização regionalizada do Espaço Atual, descrevo o meu itinerário, saindo da zona norte, bairro do Lima, até lá: saía de minha casa, às dezesseis horas, com o intuito de chegar às dezenove horas e trinta minutos, no Espaço Atual. Para tanto pegava um ônibus até a estação do metrô Santana, de lá ia até a Estação Conceição e depois tomava um coletivo para o baile. Para retornar precisa me retirar por volta das vinte e duas horas e trinta minutos, para não perder o último trem do metrô. Para uma pessoa de uma outra zona poder ir até esse baile a precisaria ter um automóvel ou então abrir mão de assistir ao final do baile, momento em que as paqueras entre os freqüentadores se consolidam, isto é, não desfrutar do melhor da festa.

1.2 – Grau de instrução e profissões

*“Vários botecos abertos
Várias escolas vazias”.*

A Periferia Segue Sangrando, de Gog, do Grupo Câmbio Negro

No tocante ao grau de instrução, alguns dados chamaram a atenção. O resultado acerca do grau de instrução dos homens freqüentadores do baile do Clube da Cidade foi o seguinte: 29,7% tinham o 1º grau incompleto; 13% terminaram o 1º grau; 27,3% possuíam o 2º grau incompleto; 22,6 completaram o 2º grau; 0,5% atingiram o 3º grau e somente 01% completou o 3º grau. No Espaço Atual, entre os homens, 67% tinham o 1º grau incompleto; 13% terminaram o 1º grau; 11% possuíam o 2º grau incompleto e 09% completaram o 2º grau.

Já entre as mulheres do Clube da Cidade, a pesquisa nos levou aos seguintes números: 14,2% tinham o 1º grau incompleto; 11% chegaram a completar o 1º grau; 42% não completaram o 2º grau; 26% estavam com o 2º grau completo; 04% tinham o 3º grau incompleto, e 1,5% conseguiram terminar o 3º grau. Já no Espaço Atual as mulheres apresentaram as seguintes escolaridades: 51% tinham somente o 1º grau incompleto; 14% conseguiram terminar o 1º grau; 26% não terminaram o 2º grau e apenas 03% finalizaram o 2º grau.

Notamos que as mulheres do Clube da Cidade têm um nível de escolaridade bem maior, quando comparado ao dos homens. A maior concentração tanto dos homens como das mulheres, está localizada no 2º grau, com 49% para os primeiros e 68% para as segundas. Apesar do baixo número de pessoas no 3º grau, aí também as mulheres levam vantagem com relação aos homens: 1% e 1,5%, respectivamente. O fato de poucas pessoas nesses bailes terem concluindo o 3º grau, entre as mulheres, poder ser explicado pelas médias de idade do grupo: 19 anos. O mesmo argumento não serve para explicar o fenômeno entre os homens. Eles têm média maior, 22 anos, como já informamos. Uma das várias conseqüências do maior nível de escolaridade das mulheres do Clube da Cidade está refletida nas profissões mais qualificadas desempenhadas por elas, como veremos a seguir.

No Espaço Atual, a escolaridade é bem mais baixa, sobretudo quando comparada com o nível de escolaridade do Clube da Cidade. No primeiro, a maioria das pessoas não passou do 1º grau: 80% dos homens e 65% as mulheres. As mulheres, tal como no Clube da Cidade, também têm uma formação melhor

que a dos homens: 31% delas está terminando ou terminou o 2º Grau; enquanto apenas 20% dos homens estão nesta mesma faixa de escolaridade. Nenhuma das pessoas nesse baile chegou ao 3º grau. Esta distinção pode ser explicada porque os freqüentadores do Espaço Atual moram, em sua maioria quase que absoluta, na zona sul, a mais pobre e abandonada de todas as regiões da cidade de São Paulo⁸⁶.

“Para todas as famílias
Que perderam pessoas importantes
Não se acostume com este cotidiano violento
Que esta não é sua vida,
Não é minha vida...”

Fórmula Mágica da Paz, de Mano Brown, Racionais MC's, 1977.

Talvez esta baixa escolaridade possa explicar a menor perspectiva profissional. Como veremos adiante, entre os freqüentadores do Espaço Atual e os do Clube da Cidade. Ela também é reflexo do grande abandono que sofre a região sul da cidade de São Paulo, tanto pela Prefeitura da cidade como pelo governo do Estado. Esta é a zona de maior violência urbana do Estado de São Paulo: é nela que ocorre a imensa maioria das chacinas em São Paulo.

Apesar de tal evidência, é fato que, durante o período de três anos em que desenvolvi esta pesquisa, jamais ocorreu, em qualquer dos dois bailes, uma única briga entre os freqüentadores. Entretanto, em várias ocasiões no baile da Zimbabwe, algumas pessoas perguntavam se eu estivera presente no domingo anterior. Quando minha resposta era positiva, indagavam a que horas havia ido embora, para logo em seguida relatar conflitos ocorridos em minha ausência. Essas brigas sempre teriam ocorridos, ou quando não comparecia para fazer minha pesquisa, ou quando já tinha ido embora.

O que se percebe é que algumas pessoas do Espaço Atual parecem julgar ser importante informar sobre uma característica bastante difundida a respeito dos bailes *black*, na periferia da cidade de São Paulo: a violência entre parte de seus freqüentadores. Na verdade, eles pareciam procurar reforçar essa imagem como demonstravam não temer freqüentar este espaço cultural, podemos fazer um paralelo como conceito de “cultura do terror”, desenvolvido por Taussing (1993). Segundo este autor, a imagem que os opressores constroem dos oprimidos

⁸⁶ Numa escala de classificação por sexo, no que diz respeito à escolaridade, temos: e, primeiro lugar, as mulheres do Clube da Cidade; em segundo lugar os homens do Clube da Cidade; em terceiro as mulheres do Espaço Atual e em último os homens do Espaço Atual.

também pode ser adotado por estes, como forma de assumir uma certa posição de prestígio frente ao opressor.

Esta imagem de um espaço onde prevalece a violência é reforçada em várias letras de *rap*. Na música Hei Boy, dos Racionais MC's, é relatada uma situação entre moradores de um bairro da periferia da cidade e uma pessoa da “classe média” ou “burguesia”, que resolveu visitar aquela localidade. A letra começa com o primeiro perguntando para o segundo o que Lee fazia naquele local. Após várias acusações sobre os papéis sociais assumidos por ele e seus pais, frente às desigualdades sociais existentes em nossa sociedade, o morador diz que, devido à sua presença inoportuna, ele seria roubado e proibido de retornar lá⁸⁷. Essa música demonstra, entre outras coisas, como a imagem difundida de que a periferia é muito violenta acaba sendo utilizada, pelos próprios moradores dessas regiões da cidade⁸⁸, para garantir um certo poder frente a um representante das classes sociais mais beneficiadas⁸⁹.

Voltando ao baile, o interessante, nesse caso, é o fato de que em algumas das ocasiões em que supostamente ocorreram as tais cenas de violência, me foi relatado o uso de armas de fogo, mas ninguém jamais foi ferido nesses conflitos. Tal constatação reforça a possibilidade de que muitos desses relatos fizessem parte de uma representação ritualizada em que os freqüentadores parecem ter a necessidade de afirmar que, de fato, não temem a violência, pois ela não os atinge, mas sim somente aos estranhos do “pedaço”. Na verdade, essa violência serve para selecionar os que podem freqüentar aquele local: os “de dentro” e os “de fora”.

Outra questão a destacar é que apesar de ter ouvido tantos relatos de violência e de conflitos que teriam ocorridos após os bailes do Espaço Atual,

⁸⁷ Nos anexos consta a letra desta música na íntegra.

⁸⁸ Gostaria de informar que todos os *rappers* paulistanos são moradores da periferia. Mesmo os que conseguiram grande sucesso e como resultado obtiveram uma enorme melhoria econômica, assumem a postura política de não mudarem para outras localidades com melhor infra-estrutura.

⁸⁹ Quero dizer que, para os freqüentadores do Espaço Atual, era importante demonstrar, para o pesquisador, como eles não temem ir a um local em que a violência ocorre quotidianamente. Esta postura não é partilhada pelos grupos de *rap*. Como exemplo, na introdução da música Fio da Navalha, também dos Racionais MC's, é dito: “-Pode crê, a rapaziada toda reunida, vamos tira a onda, quero ver todo mundo à vontade sem treta (gíria que significa briga, violência, confusão)”. Outro *rappers*, Nauldinho – bastante citado como um dos preferidos desses públicos – em uma de suas letras afirma: “-Violência não ta com nada. Se liga aí rapaziada”. O que notamos é que para o *rap* a violência deve ocorrer em espaços distantes do freqüentado por este público.

jamais foi constatada a presença de alguma viatura policial rondando as cercanias do baile.

Com relação a essa presença invisível da violência, Hermano Vianna também teve uma experiência semelhante à minha. Vejamos o seu relato:

“Eu sempre fiquei desconfiado com relação a essas histórias “excessivas” sobre brigas, tiros e assassinatos. Vi muita briga em baile, mas nunca escutei o som de um tiro. De vez em quando alguém me falava sobre o assassinato que houvera no baile a que eu não fora, nos vários tiros que tinham sido ouvidos depois que eu fora embora. Quando eu me mostrava incrédulo, todos tentavam me convencer de que bailes eram realmente lugares muito perigosos e que eu nunca devia fazer minhas pesquisas desacompanhado. Assim, meus informantes assumiam o papel de anjos protetores, sempre tentando me dizer até onde eu podia ir e por onde podia andar com segurança. O discurso da violência seria também uma forma de afastar os estranhos dos bailes, principalmente dos melhores bailes, “justamente” aqueles que são mais perigosos” (1998: 88).

Durante minha pesquisa, um dos freqüentadores afirmou que eu havia sido bem recebido pela “turma da pesada” do bairro. Quando lhe perguntei o motivo de sua opinião, ele me falou que eu nunca havia sofrido qualquer ataque pessoal, em todos os dias em que lá estive, e que ele viu que algumas pessoas pertencentes à “turma da pesada” me concederam entrevista. Da minha parte, porém, com exceção de um entrevistado que respondeu ter o “tráfico como profissão”, não consegui identificar mais ninguém como participante da tal “turma da pesada”. Segundo meu informante, porém, tive contato com muitos que nunca se identificaram.

Ao relatar, aos organizadores, do Espaço Atual, que havia ouvido tais depoimentos, eles imediatamente desmentiram tal versão: a imagem da violência parece ser uma característica presente no imaginário dos freqüentadores do baile, o que não é partilhada, por sua vez, com os responsáveis pelo mesmo. Ao juntarmos a esta informação o fato de o *rap* também combater a violência nos espaços em que ocorrem os bailes, podemos concluir que para este público, a violência, de fato, é uma forma possível de assumir o controle do espaço. Só freqüentam este local as pessoas que estão envolvidas com as suas condições de vida. Os “de fora” não são nem um pouco bem-vindos. Nesse caso, quando não há violência, ela poder bem ser “anunciada”.

Como podemos notar, estamos diante de dois bailes que, apesar de serem definidos e se auto-definirem igualmente como *black*, são bastante distintos entre si, no que tange à postura frente à violência. Muito provavelmente, como o Espaço Atual é quase todo composto por moradores da zona sul, pode assumir a violência como demarcadora de seu espaço frente aos seus “outros”. Já o público do Clube da Cidade não pode apresentar a mesma posição, provavelmente por ser aquele composto por um público bem mais eclético, no que diz respeito à localidade das residências de seus frequentadores.

Para as pessoas da zona sul, local do Espaço Atual, a violência é motivo até de poesia. Lembramos que foi nesta região que surgiram dois componentes dos Racionais MC's – Mano Brown e Ice Blue –, que denunciam a violência da região. O primeiro sucesso deste grupo chama-se Pânico na Zona Sul (1992). Reforçando outra vez a analogia com Taussig, o que temos aí é uma população apartada do restante da cidade, que procura tirar proveito dessa situação, mostrando para o visitante do baile, de outra região – o pesquisador, no caso – que a violência tão decantada e denunciada existente nas proximidades de suas casas não a assusta.

Assim que tomamos contato com os bailes pesquisados, logo percebemos que estávamos diante de dois bailes *black*, com populações bastante distintas. Visualmente, notamos que a indumentária dos frequentadores do Clube da Cidade era muito mais esmerada e suas regras bem mais exigentes. As atitudes dos frequentadores do Clube da Cidade eram bem mais “conservadores”, por exemplo: ninguém tirava a camisa, por mais calor que houvesse no salão, o que já não ocorria no Espaço Atual.

Quando perguntamos para os frequentadores dos bailes quais as suas profissões, as respostas demonstraram que as mulheres do baile do Clube da Cidade são melhores colocadas no mercado de trabalho. A maioria dos homens do Clube da Cidade eram *Office-boys*, ajudantes mecânicos, feirantes, funcionários públicos, etc. já as mulheres, deste mesmo baile dedicavam-se, principalmente, às seguintes profissões: auxiliares de escritório, secretárias, recepcionistas, oficiais administrativas, operadoras de computador, bancárias e professora⁹⁰.

⁹⁰ Houve uma gerente do banco Bradesco, da agência da Praça da República, uma das mais importantes da cidade. Segundo seu testemunho, sua mesa de trabalho era conhecida, tanto pelo funcionários, quanto pelo público da agência, como “quilombo”, pois os negros quando vão àquela

A melhor colocação das mulheres do Clube da Cidade pode ser reflexo, como já foi citado, do maior nível de educação. Já os homens desse mesmo baile, por apresentarem uma escolaridade mais baixa, acabam tendo menos oportunidades de escolher quais profissões desempenhar. Outro raciocínio que pode ser feito, a partir dessas informações, é que a profissões dos homens, há fortes indícios de que eles saem primeiro para o mercado de trabalho atitude que traria grande prejuízo aos seus estudos.

As mulheres do Espaço Atual, apesar de possuírem um nível de educação melhor que o dos homens deste baile, exercem profissões bem menos qualificadas que as deles. Mas a melhor qualificação dos homens do Espaço Atual não significa que estes tenham colocações muito melhores no mercado de trabalho, mesmo porque maioria deles ocupa funções como: *Office-boys*, auxiliares de montagem e serralheiros. Já as mulheres são: domésticas, babás, e auxiliares de escritório. O que notamos é que numa comparação entre os sexos, no que se refere à remuneração, ambos têm um nível bem próximo.

Estes dados demonstram, ainda, como o público do Espaço Atual é bem menos aquinhado que o público do Clube da Cidade. Tudo isso nos leva a considerar que a questão sócio-econômica é um dos principais fatores diferenciadores entre os dois bailes.

agência procuram ser atendidos por ela. Apesar de ter uma postura pró-negritude, ela afirmou que no Clube da Cidade não existe homem à sua altura.

1.3 – Renda Familiar

No Clube da Cidade, apesar de as mulheres terem um nível educacional diferenciado do dos homens e desempenharem profissões mais qualificadas, notamos que a “renda familiar dos homens é bem mais elevada que a das mulheres: 67% deles estão na faixa de 1 a 10 salários mínimos, sendo que, entre as mulheres, 88% estão na mesma faixa. Acima de 15 salários temos 22% dos homens e 11% das mulheres.

Caso juntemos a informação sobre o nível de “renda familiar” com a de que 92% dos homens do Clube da Cidade e 93% das mulheres, desse mesmo baile, vivem com a família podemos admitir que esses dados reforçam a hipótese de que os homens optem por entrar mais cedo para o mercado de trabalho, talvez para também custear as suas despesas de adolescentes mais facilmente, tais como roupas de *grife*, tênis importados, despesas com lazer, etc. Isso sem serem dispensados da pressão familiar, em busca de melhoria da renda, através do trabalho dos homens, principalmente.

Não nos esqueçamos que as mulheres não pagam nas primeiras duas horas, no Clube da Cidade. Outra informação importante é que, na maioria dos bailes, as mulheres pagam meia ou não pagam, até certa altura da noite. A própria lógica dos proprietários dos bailes reforça a idéia de que os homens devem ter sempre condições de garantir, por conta própria, o seu lazer. A mulher é utilizada como “chamariz” para atrair os rapazes, que gastam as suas economias nos bailes. Muitos deles afirmaram que freqüentavam os bailes porque neles existem muitas “gatinhas”. Apesar de tais afirmações, durante todo o tempo da pesquisa o que menos pudemos observar foi uma cena de paquera entre homem e mulher. Os casais observados não haviam sido constituídos durante os bailes, já se conheciam antes, o que não significa que não tenham se conhecido em algum outro baile.

No Espaço Atual os homens apresentam uma “renda familiar” menor que a das mulheres, condições compatível com o nível de escolaridade de ambos, mas não condizente com os dados sobre as profissões. Apesar de terem uma melhor “renda familiar” que os homens, esta posição das mulheres não é tão destacada assim, pois, enquanto 89% dos homens têm “renda familiar” entre 1 a 10 salários mínimos, dentre as mulheres 83% ficaram nesta mesma faixa. O interessante é que as profissões dos homens são bem mais qualificadas que as mulheres, mas,

pelo que parece, nesses casos este fato influencia bem pouco na “renda familiar”. Enfim, podem ser percebidos, até aqui alguns especificadores nos dois bailes analisados.

Se, no que se refere à escolaridade, o Clube da Cidade tem um público bem mais instruído, que o do Espaço Atual, é preciso que se diga que as mulheres, em ambos os bailes, são mais escolarizadas do que os homens. Quanta às profissões, no Clube da Cidade as mulheres estão também melhor colocadas no mercado de trabalho que os homens. O mesmo não é verificado no Espaço Atual, em que as mulheres, apesar de terem estudado mais, não estão em melhor posição profissional que os homens. No quesito “renda familiar”, as mulheres, apesar da melhor performance educacional (nos dois bailes), acabaram apresentando uma “renda família” menor a dos homens. Efetivamente, os homens sofrem uma pressão da família para ingressarem no mercado de trabalho, a fim de reforçar o orçamento familiar.

Enfim, a escolarização nem sempre resulta na imediata melhor colocação profissional. De toda maneira, os dados indicam especificidades importantes, sobretudo quando se referem à formação escolar das mulheres. No padrão de sociabilidade as mulheres parecem entrar como o cabedal cultural e os homens com a força de trabalho.

1.4 – Relação com as Escolas de Samba

Agora mudemos de assunto. Outras questões nos mobilizaram, gostaríamos de saber se esse público tem alguma ligação com alguma atividade cultural que o MN considera “negra”: aí está o samba. O resultado, no que se refere a essa questão, foi o seguinte: no Clube da Cidade, 85% dos homens afirmaram ter uma Escola de Samba de sua preferência. No Espaço Atual, entre os homens, 69%, responderam que tinham uma Escola de Samba “do coração”. Já 89% das mulheres do Clube da Cidade, quando indagadas, disseram que acompanhavam de perto algumas Escola de Samba, enquanto que no Espaço Atual 77% deram a mesma resposta.

As Escolas de Samba preferidas dos homens, no Clube da Cidade foram:

Tabela 07

ESCOLAS DE SAMBA	%
Vai-Vai	40,0
Camisa Verde e Branco	16,6
Rosa de Ouro	09,7
Nenê da Vila Matilde	09,7
Gaviões da Fiel torcida	06,9
Unidos do Peruche	04,1
Mocidade Alegre	01,4
Acadêmicos do Ipiranga	01,4
Unidos de São Miguel	01,4
Flor de Liz	01,4
Leandro de Itaquera	01,4
Primeira da Aclimação	01,4
Faculdade do Samba Barroca da Zona Sul	01,4
Estação Primeira da Mangueira	01,4

Para os homens do Espaço Atual:

Tabela 08

ESCOLAS DE SAMBA	%
Vai-Vai	26
Gaviões da Fiel Torcida	20
Rosas de Ouro	20
Camisa Verde e Branco	06
Nenê da Vila Matilde	60

As Escolas selecionadas pelas mulheres no Clube da Cidade foram:

Tabela 09

ESCOLAS DE SAMBA	%
Vai- Vai	29,0
Camisa Verde e Branco	20,0
Rosas de Ouro	21,0
Gaviões da Fiel Torcida	14,0
Nenê da Vila Matilde	04,0
Imperatriz Leopoldinense	03,5
Salgueiro	03,5

As agremiações favoritas das mulheres do Espaço Atual foram:

Tabela 10

ESCOLAS DE SAMBA	%
Vai- Vai	58
Gaviões da Fiel Torcida	18
Camisa Verde e Branco	08
Rosas de Ouro	08
Nenê de Vila Matilde	08

Estas respostas não demonstram, é certo, se há ou não um vínculo mais profundo deste público com o assim chamado “mundo do samba”. Até aqui só descobrimos as suas preferências e a forte presença da Vai-Vai. Por este motivo, outra pergunta foi feita, com o intuito de indagar se as pessoas que afirmaram ter uma Escola de Samba de sua predileção freqüentavam, ou não, as quadras dessas Escolas. O resultado dessa vez foi o seguinte, entre os homens do Clube da Cidade, 81 entrevistados (72%) afirmaram participar das quadras de sua Escola de Samba favorita. No Espaço Atual, 23 (51%) responderam positivamente. Das mulheres do Clube da Cidade, 81 (71%) disseram que tomavam parte das atividades desenvolvidas nas quadras de suas Escolas de Samba preferidas. Com as mulheres do Espaço Atual, 08 (23%) concluíam que tinham relações diretas com o “samba”. A maioria das pessoas, dos dois bailes afirmou, portanto, freqüentar as quadras de diferentes Escolas de Samba paulistanas.

A pergunta seguinte tinha o intuito de saber se essas pessoas desfilavam, ou não, pela sua Escola de Samba. Se por acaso a maioria respondesse positivamente, estaria confirmada, em nossa opinião inicial, uma forte relação entre essas populações e o tal “mundo do samba”. Caso dissessem que não, seria preciso refletir sobre os vínculos afirmados. As respostas obtidas foram as seguintes: entre os homens, as Chic Show, 87% informaram que não desfilavam

em qualquer Escola de Samba. Com relação aos homens da Zimbabwe, 78% afirmaram não participar. Dentre as mulheres do Clube de Cidade, 89% responderam não “sair na avenida”, junto com sua Escola de Samba. No caso das entrevistadas no Espaço Atual, vemos o mesmo perfil 85%.

As relações demonstram, explicitamente, que não existe uma relação mais profunda entre este grupo e o “mundo do samba”. Eles gostam de samba, mas suas respostas sobre as Escolas revelam que se trata de uma preferência forte, mas distanciada. Seria a mesma aproximação de uma pessoa que torce por um time de futebol, mas só vai ao estádio em final de campeonato, ou mesmo em alguns jogos clássicos. O samba parece ser importante, mas é, porém, uma espécie de modelo cultural complementar, que serve para momentos especiais.

Podemos tomar a questão sob outro prisma. Na verdade, a relação existente entre o *rap* e o samba é bastante conflituosa e estamos falando de duas expressões artísticas da maior preferência entre essas pessoas. O primeiro entende que, além de se empenhar na manifestação artística e cultural, os seus praticantes devem ser militantes anti-racistas e sempre levar a seus públicos condições para que estes se conscientizem.

De acordo com o tipo de posicionamento político, representantes do *rap* costumam afirmar que o samba é alienado, no que diz respeito à situação do negro na sociedade brasileira. O carnaval, maior expressão das Escolas de Samba, é hoje, na opinião dos *rappers* paulistanos, a melhor prova do alheamento frente à discriminação que o negro sofre em nossa sociedade. Para eles, o carnaval era o espaço do negro e atualmente só se destacam nele os bancos ricos, que compõem a parte visível d nossa sociedade.

Vale ressaltar que suas críticas estão mais voltadas para Escolas de Samba e não para o samba em geral. Temos alguns sambistas que são considerados pelo *rap*, como aliados de luta, tais como: Bezerra da Silva, cujos sambas, constantemente, trazem em suas letras duras denúncias sobre a vida do morro e a crítica à violência policial; Dona Ivone Lara, com letras que, geralmente, falam do negro; Leci Brandão, que segue, mas de forma mais radical, a mesma postura de Lara e Geraldo Filme, que não deixa de falar sobre a condição de vida dos negros, principalmente, do bairro Bixiga, da cidade de São Paulo. Esses artistas seriam alguns exemplos de sambista defendidos, em várias letras de *rap*. Lembramos que em São Paulo existe uma grande aliança entre o grupo

Negritude Jr. (samba/pagode) e os Racionais MC's (*rap*). Estes fatos demonstram que a maior cisão se dá entre o *rap* e as Escolas de Samba e não em relação aos sambistas propriamente ditos.

Os líderes das Escolas de Samba, apesar de perceberem as atitudes agressivas dos *rappers* para com eles, entendem que não vale a pena responder às ofensas que lhes fazem. Alguns dirigentes quando foram consultados acerca desta postura dos *rappers*, argumentaram que tais opiniões são fruto da pouca idade desses últimos, já que a maioria dos *rappers* estão na faixa dos vinte anos de idade. Para esses dirigentes, o samba não deve responder às provocações, porque o gênero já tem uma história muito longa, que justifica as suas posições atuais. Para “seo” Nenê – presidente e um dos fundadores da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde – o samba atualmente é mais respeitado e freqüentado pelo brancos, mas continua sendo uma “cultura negra”. Em sua opinião, as Escolas de Samba não devem qualquer explicação para esses “moleques” do *rap*, que praticam uma “cultura”, destaca ele, que “não é brasileira”. Os argumentos de “seo” Nenê, como afirma Ortiz (1994), levam a refletir que, no limite, exista uma divisão anterior. Na representação nacional o samba seria uma “cultura brasileira”, antes de ser negra⁹¹. Dessa conclusão o MN não compartilha, para ele o samba é uma cultura negra. Já para o Movimento HIP-HOP esta expressão cultural “era uma cultura negra”, atualmente não mais.

Não é, por certo, o caso de entrar nessa discussão. O que percebemos é que as populações desses dois bailes parecem não se preocupar com essa relação conflituosa entre *rap* e as Escolas de Samba. Pelo que podemos notar, a situação de embate entre estas duas expressões artísticas não traz nenhum problema para estes grupos. Afinal, eles assumem, perante ambas, uma postura idêntica, isto é, gostam do *rap*, mas não seguem o que os *rappers* defendem e têm uma Escola de Samba preferida, freqüentam suas quadras, mas também não desfilam nela. Em outras palavras, optar por estas músicas não significa um engajamento no cotidiano que eles propõem a seus praticantes.

Desta forma, podemos concluir que suas posições são simplesmente reflexo de uma preferência musical, ou de um estilo de vida e não resultado de

⁹¹ No dia 17/01/99 o grupo Racionais MC's participou de um show “Samba e Rap Homenageiam Paulo Freire”, juntamente com o grupo DMN, o que demonstra que quando a atividade é politicamente correta, na opinião dos *rappers*, eles participam até mesmo com o samba.

uma postura política. No entanto, não é possível ignorar que esta primazia carrega uma atitude bastante baseada em uma inserção sócio-étnica específica. Não há como esquecer que seus estilos de músicas preferidas são consideradas negros ou *black*, o que já é em si uma forma de identificação do grupo.

A intenção desta, e de todas as perguntas citadas anteriormente, foi tentar realizar um levantamento quantitativo sobre algumas formas de lazer dos freqüentadores dos bailes, para daí buscar compreender se, no campo do lazer, essas pessoas apresentam elementos que podem ser entendidos como definidores de sua visão de mundo. Notamos que seus gosto/preferências não são tão determinantes no momento em que elas resolvem se posicionar. Na verdade, consomem um pouco de tudo, sempre na chave do lazer. A opção pelo samba e pelo *rap* não é, como podem pretender alguns, política pragmática e mesmo imediata. Mistura-se um pouco de tudo e, nesse processo, perde-se a história para se ganhar na releitura. O samba e o *rap* são tão somente diversão, e também símbolos de uma negritude que se difere mais por estilo do que por uma opção política.

1.5 – O melhor da Sétima Arte

Uma outra forma de lazer destacada no questionário foi o cinema. A nossa intenção era saber se essas pessoas só vão a esse tipo de local para se divertir, ou se algum outro estímulo pode ser percebido: o cinema, por exemplo.

Muitos filmes americanos, ultimamente, utilizam o *rap* em suas trilhas sonoras. Além disso, a quantidade de filmes “negros” americanos aumentou significativamente nestas últimas décadas. Nas salas de nossos cinemas comerciais, Spike Lee e Ed Murphy, ambos atores e diretores, tornaram-se presenças rotineiras, além de outros. Nesse sentido, achamos importantes saber se o fenômeno cinematográfico, de alguma forma, influenciava essas populações e criava algum tipo de identificação.

Para tanto, perguntamos qual o filme que mais lhes havia marcado a memória, não importando o período em que haviam sido assistidos, nem o meio de exibição: cinema, vídeo ou televisão.

Vamos aos resultados. A maioria dos filmes apontados pelos homens do Clube de Cidade era do estilo “aventura”. Entre os quarenta e dois filmes citados, destacavam-se quinze americanos, em que os atores principais eram negros. Muitos deles fazem parte do que atualmente se denomina de cinema negro americano – “Os Donos da Rua” (Boyz n’ Hood); “Joyce”; “New Jack City”, “Malcolm X” e “Collors: Cores da Violência” – todos dirigidos por negros. Como esses filmes tiveram um grande destaque entre os homens, podemos imaginar uma certa preferência por filmes em que o negro desempenha papéis mais positivos, ou então, que a condição de vida do negro é discutida mais criticamente⁹².

No Espaço Atual os homens revelaram uma preferência bastante diversa dos seus companheiros de pesquisa do Clube da Cidade. O filme mais citado foi “Ghost”. Os diretamente voltados para a questão do negro ficaram em segundo plano: “Malcolm X”; “Os Donos da Rua” e “Collors: Cores da Violência”. Em um primeiro momento considere também a comédia “Mudança de Hábito”, já que a atriz principal Whoopi Goldberg, é negra. Percebi depois, porém, que não era o caso de enquadrar o filme dessa maneira, já que o que se destacava, sempre, era a comédia de costumes estrelada por uma atriz afro-americana.

⁹² O interessante a se destacar é que nenhum filme brasileiro foi citado.

Como “Ghost” foi um dos filmes mais citados, resolvemos perguntar a algumas por que foi este filme que mais marcou sua memória. As respostas enfatizaram o lado romântico dessa película. É preciso explicar que essa pergunta não estava no questionário e, por este motivo, não foi feita para todos os filmes. Fizemo-la a algumas pessoas, no intuito de saber se elas estavam lembrando-se do filme por causa da atuação de Whoopi Goldberg, mas ninguém respondeu dessa forma, o que demonstra como não há uma única postura estética cinematográfica, mas sim várias.

Embora as repostas sejam bem diferentes, no resultado final temos um perfil bastante próximo. Ambos os grupos citaram vários filmes do cinema “negro americano”. Aqui, diferentemente dos itens anteriores, percebe-se uma grande convergência com os dados obtidos no quesito música. Nos dois casos, a problemática negra é prioritária. As duas formas de lazer exercem muita influência no mento em que essas pessoas são levadas a pensar o mundo sob uma ótica étnica que no mento é a negra.

Entre as mulheres, nos dois bailes, a maioria dos filmes lembrados foi do tipo romântico. No Clube da Cidade, dezesseis, entre os cinquenta e oito filmes citados podem ser considerados “negros norte-americanos”, não incluindo “Ghost”. No Espaço Atual, oito, dos dezessete filmes, são românticos. Os filmes *black* não tiveram espaço tão grande entre as mulheres desse baile, apesar de “Os Donos da Rua” ter ficado em segundo lugar.

Também entre as mulheres, os resultados dos filmes mais lembrados têm grande proximidade com suas preferências musicais. Apesar de elas reservarem um bom espaço para a filmografia negra norte-americana, dão maior destaque para as fitas mais emotivas, românticas, idílicas e platônicas.

Um fato a ser relevando é que nenhum dos filmes lembrados, por ambos os sexos, foi brasileiro, a maioria é norte-americano. Outro fato interessante é que grande parte dos filmes étnicos citados, ou foram exibidos por pouco tempo no circuito comercial, ou nem mesmo foram exibido, como por exemplo: “Panthers”; “Collors: Cores da Violência” e “Joyce”. Tal fato demonstra um interesse muito específico, que se aproxima bastante da preferência musical dos grupos. Boa parte dos filmes não havia sido exibida na época da pesquisa, nem mesmo nos canais de televisão, assim, essas pessoas só puderam entrar em contato com esses filmes através de aluguel de fita de vídeo. Tal fato reforça o argumento de que as pessoas

que assistiram a essas películas o fizeram porque tinham uma atração, mais especial; isto é, a temática por eles abordada: a condição do negro nos EUA.

Quando falamos de cinema percebemos que existe grande afinidade entre os participantes dos dois bailes, tanto entre os homens como entre as mulheres. A convergência é a quantidade de filmes negros norte-americanos citados. O interessante é a total ausência de filmes nacionais. Sabemos, por outro lado, que existem poucas obras em que negros são os personagens principais, o que poderia explicar tal resultado.

A conclusão a que acabei chegando é que no campo musical e cinematográfico há uma grande afinidade. Assim como existe uma ligação entre essas populações e o mundo do samba, mas bastante distanciada: eles têm Escola de Samba preferida, freqüentam as quadras, mas não desfilam no carnaval.

A música, o cinema e o samba têm grande participação na construção identitária desses grupos étnicos. Nas duas primeiras, a escolha leva em conta o protagonista e a “negritude” está presente e é profundamente determinante.

Não se descarta ainda a influência da pesquisa na resposta do entrevistado. Muitas vezes, diante do teor da investigação, procura-se por uma “boa” resposta. Além disso, destaca-se um uso específico desses domínios. Há uma adoção, mas que isso implique uma participação mais efetiva.

Mesmo quando o filme selecionado é “Ghost”, a justificativa está a léguas de distância do tema político ou racial. Nesse caso, é o desenlace romântico do enredo que explica a preferência. Enfim, “raça” ‘ajuda’, mas não é jamais um argumento único e excludente.

2. Postura Política

2.1 – O Herói Nacional

Esta parte do questionário tinha como função principal levantar informações sobre a visão histórica dessas pessoas, suas posturas frente à discriminação racial existente em nosso país, suas informações e impressões acerca do MN e que eles sabiam e pensavam sobre as políticas oficiais que visam alterar ou acabar com o problema “étnico-racial” brasileiro. As últimas perguntas se referiam à postura dessas populações com relações aos partidos políticos e instituições religiosas, com o objetivos de tentar levantar se estas pessoas sentiam quaisquer ligações com os continentes americanos, africanos asiático e europeu. Esta última pergunta foi elaborada, portanto, visando discriminar informações acerca de como essas pessoas se viam no mundo e, sobretudo, em relação à temática negra.

A primeira pergunta deste bloco procurava saber se, para o pesquisado, havia na história do Brasil algum herói nacional. Entre os homens o resultado alcançado foi o seguinte: no Clube da Cidade, 39% e no Espaço Atual, 40% disseram existir um herói nacional. Como se vê, um número bastante pequeno⁹³. Para quem respondeu afirmativamente, foi solicitado que nos dissessem quem seria este herói nacional.

⁹³ Em minha opinião, essas pessoas, por terem uma cidadania limitada, devido à discriminação e preconceito que sofrem, acabam assumindo uma posição político-histórica bastante distante da historiografia oficial. Esta constatação não deve ser interpretada como a prova de que elas não têm qualquer postura ante a história, mas sim, que seu entendimento acerca da história é bem específico. Se levarmos em consideração o que Sahlins nos diz em *Ilhas de História* (1987), que “a cultura é justamente a organização da situação atual em termos do passado”, devemos concluir que essas pessoas constroem sua própria história e esta pouca relação com a historiografia oficial.

As respostas foram as seguintes, entre os homens do Clube da Cidade:

Tabela 11

HERÓI NACIONAL	QUANT.	%
Zumbi dos Palmares	08	24
Ayrton Senna da Silva	06	18
Tancredo Neves	04	12
Castro Alves	01	02
Dom Pedro	01	02
Dom Pedro I	01	02
Duque de Caxias	01	02
FHC	01	02
Fião	01	02
Grande Otelo	01	02
Jânio Quadros	01	02
Juscelino Kubitschek	01	02
Lampião	01	02
Meu Pai	01	02
Os Negros	01	02
Pelé	01	02
Tiradentes	01	02
UNE	01	02

No Espaço Atual os homens responderam assim:

Tabela 12

HERÓI NACIONAL	QUANT.	%
Pedro Álvares Cabral	03	16,6
Ayrton Senna da Silva	03	16,6
Tiradentes	03	16,6
Dom Pedro ⁹⁴	02	11,1
Princesa Isabel	01	05,5
Racionais MC's	01	05,5
Pelé	01	05,5
Os Caras Pintadas	01	05,5
Meu Pai	01	05,5

Percebemos que no Clube da Cidade, Zumbi dos Palmares virou o herói nacional da pesquisa, enquanto que no Espaço Atual nenhum homem citou tal personagem histórica. Nesse local tivemos um grupo de heróis bastante heterogêneo, se levarmos em conta o período e o papel histórico de cada um deles: Pedro Álvares Cabral foi o “descobridor”; Tiradentes é o herói do regime

⁹⁴ Sem especificação se estavam se referindo ao I ou II.

republicano e Ayrton Senna um herói contemporâneo. Na verdade, Senna atingiu esse *status* após o acidente mortal que sofreu no muro da curva Tamburello, no circuito de San Marino, em 01/05/1994, exatamente no período dessa pesquisa.

No caso das mulheres do Clube da Cidade, 24,6% afirmaram reconhecer um herói nacional, na história do Brasil. No Espaço Atual, 49% responderam positivamente à indagação. O que notamos é que as mulheres do segundo baile apresentam uma variedade muito maior de nomes, do que as do primeiro, quando se tratava de pensar na existência de um herói nacional. As mulheres d Clube da Cidade são inclusive as que têm a menor taxa de respostas “sim” em toda a pesquisa.

Quando solicitadas a dizer quem seria este herói, as respostas obtidas no Clube da Cidade foram:

Tabela 13

HERÓI NACIONAL	QUANT.	%
Ayrton Senna da Silva	16	39
Zumbi dos Palmares	11	27
Tiradentes	03	07
Betinho	02	05
Bezerra da Silva ⁹⁵	01	02
Dom Pedro	01	02
Grande Otelo	01	02
Meu Pai	01	02
Pedro Álvares Cabral	01	02
Princesa Isabel	01	02
Tiririca ⁹⁶	01	02
Vinícius de Moraes	01	02

⁹⁵ Sambista carioca, que só grava música composta por moradores dos Morros. A maioria de suas melodias trazem letras protestando, denunciando as injustiças sociais existentes em nossa sociedade.

⁹⁶ Quando a pesquisa foi desenvolvida, este cantor ainda não havia gravado a música “Olha o Cabelo Dela”, considerada racista pelo MN.

No Espaço Atual, os resultados foram:

Tabela 14

HERÓI NACIONAL	QUANT.	%
Ayrton Senna da Silva	08	23
Princesa Isabel	02	06
Dom Pedro	01	03
Getúlio Vargas	01	03
Lula	01	03
Tancredo Neves	01	03
Tiradentes	01	03
Zumbi dos Palmares	01	03

O herói nacional mais citado no Clube da Cidade foi “Ayrton Senna da Silva”, com 10% das indicações, seguido por “Zumbi dos Palmares”, que obteve 9%. No Espaço Atual, “Ayrton Senna” continuou, entre as mulheres, a ser o herói nacional mais citado, com 16%, seguido, à distância, por “Tiradentes” e pela “Princesa Isabel”, com 4%.

É importante destacar que, no início da pesquisa, poucas pessoas reconheciam a existência de algum herói nacional na história do Brasil. A ausência de nomes foi tal que cheguei a pensar que os entrevistados não estavam compreendendo a pergunta. Após primeiro de maio de 1994, data do acidente que resultou na morte de Ayrton Senna, este passou a ser indicado pelo que parecia ser a intensa maioria dos frequentadores desses dois bailes.

Outra questão a ser ressaltar é que esta pesquisa iniciou-se em fevereiro de 1994 e teve seu término em março de 1996. Isto é, começou um ano antes do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares e encerrou-se cinco meses após as comemorações alusivas a este personagem. Tal concomitância pode explicar a segunda colocação dele na pesquisa. Zumbi foi muito mais citado nos últimos questionários aplicados após 1996. O trabalho no baile da Zimbabwe terminou em 1995 e, por este motivo, esse mesmo fenômeno não ocorreu lá. Tudo parece indicar, portanto, que no Brasil só exista o “herói da hora”. Ou seja, a memória é curta e seleciona apenas episódios recentes.

Muitas pessoas podem pensar que Ayrton Senna só aparece devido ao acidente, ou então afirmar que ele é um herói construído pela mídia. Quanto à primeira hipótese podemos confirmá-la, mas ressaltando que existe algo mais, pois só assim será possível explicar o fato de, mesmo dois anos após o acidente,

ele continua a ser lembrado como herói nacional, em um período bem distante do acontecimento imediato de Grande Prêmio de San Marino. Já para a segunda hipótese, podemos dizer que não resta dúvida de que a mídia influenciou na construção da imagem deste desportista junto à população. Afinal de contas, a fórmula 1 é bastante divulgada pela emissora de maior audiência de nosso país.

No entanto, com certeza, existem outras questões que influenciaram a escolha dessas pessoas. Conforme demonstramos mais acima, esta população não é tão ligada em televisão e os programas esportivos são assistidos pelos homens, mas não pelas mulheres. Assim, podemos dizer que a escolha de Ayrton Senna representa um tipo de escolha bem mais profunda e que não pode ser simplesmente explicada pelo argumento da alienação. Logo, só a mídia não justificaria a posição de destaque alcançada por Ayrton Senna, nesta pesquisa.

Não é, mais uma vez, o caso de entrar nesse terreno pantanoso. O que se nota nitidamente é que a maioria dos heróis nacionais mencionados não tem ligação com a história do negro no Brasil, com exceção de Zumbi dos Palmares. O fato relevante é que esses mesmos heróis, tanto entre os homens como entre as mulheres, são, em grande parte, contemporâneos aos pesquisados, o que demonstra que esta população não tem uma reflexão frente à história, seja ela oficial ou não. Ou melhor, não é essa história que lhes mobiliza.

Apesar de a maioria das pessoas desses dois bailes demonstrar uma enorme distância entre elas e as elites de nossa sociedade, boa parte das personalidades citadas como sendo heróis na história do Brasil representam a galeria dos heróis de nossas elites sociais. Mais um paradoxo: temos um grupo que tenta assumir uma posição social e ideológica distinta da adotada pelas elites – pelo menos n que diz respeito às suas preferências musicais e cinematográficas. No entanto, no momento em que são inquiridas sobre um herói nacional, selecionam os mesmos personagens dessas mesmas elites. É nesse sentido que podemos compreender porque Adorno escreveu “seria má psicologia supor que aquilo de que se é excluído desperta tão somente ódio e ressentimento; também desperta uma espécie de amor possessivo e intolerante, e aqueles que a cultura repressiva rejeita tornam-se facilmente seus defensores mais estreitos” (1993; 45). Não digo que a partir desses questionários possamos chegar a conclusões tão abrangentes. Apenas que em termos de nacionalidade o que se impõem é um panteão de heróis misturados na cor e na classe social.

Não podemos desprezar o fato de que alguns heróis, mesmo sendo contemporâneos aos pesquisados, fazem parte do grupo dos contestadores da ordem oficial vigente, como, por exemplo: Betinho (02); Bezerra de Silva, Lampião e Lula. Fato esse que reforça as imagens contestatórias existentes nesse meio. Outro ponto a destacar é a presença dos Racionais MC's como heróis nacionais, o que pode ser entendido como uma comprovação de que eles são vistos, além de artistas, também como militantes políticos. O que se afirma é um diálogo onde mais aparecem “heróis comuns” e que não dizem respeito a só um segmento, mais uma vez, nesse grupo, vemos a força da manipulação de elementos brancos e negros e mesmo uma forma de “deselitizar” e de despolitizar a questão.

2.2 – Discriminação Racial

“No meu país o preconceito é eficaz
Te cumprimentam na frente
E dão um tiro por trás.”
Racistas Otários, Racionais MC's

Outra pergunta muito importante para este trabalho refere-se à existência, ou não, de “discriminação racial” no Brasil. Esta pergunta demonstraria, em nossa opinião, qual a posição dessas pessoas frente à situação de discriminação e preconceito que vivem os negros e os mestiços em nosso país.

O resultado obtido foi:

Tabela 15

BAILES / SEXO	SIM	%	NÃO	%
Clube da Cidade / Homens	76	90,4	08	09,4
Espaço Atual / Homens	40	89,0	05	11,0
Clube da Cidade / Mulheres	122	96,8	04	03,2
Espaço Atual / Mulheres	33	94	01	02,0

Notamos que a imensa maioria das pessoas reconhece que existe preconceito racial em nosso país. Na verdade, tanto os homens como as mulheres não vacilam ao assumir tal posição.

Perguntamos somente a quem respondeu sim se havia sofrido algum tipo de discriminação racial e as reações foram:

Tabela 16

BAILES/SEXO	SIM	%	NÃO	%
Clube da Cidade / Homens	47	65,0	29	35,0
Espaço Atual / Homens	20	50,0	20	50,0
Clube da Cidade / Mulheres	60	40,9	62	59,1
Espaço Atual / Mulheres	17	51,0	16	49,0

Como podemos notar os homens do baile do Clube da Cidade, apesar da queda, foram muito afirmativos nesta resposta que as mulheres, dos dois bailes e dos homens do Espaço Atual. Este resultado demonstra que mesmo entre as possíveis vítimas da “discriminação racial” brasileira, apesar de ser reconhecida a sua existência, a sua prática é de difícil comprovação. Podemos atribuir este fenômeno à tão decantada “democracia racial”. Afinal, nesta “chave”, conseguimos explicar o porquê de as pessoas que, teoricamente, seriam as vítimas da discriminação – já que a maioria dessas populações afirmou que sua

cor era negra – reafirmarem com tanta firmeza a existência da discriminação racial, mas no momento em que são perguntadas se já sofreram alguma discriminação, responderem sempre, com convicção, que “não”. Houve pessoas que afirmaram que se sofressem algum tipo de discriminação racial “agrediriam fisicamente o discriminador”, outras disseram que “procurariam o Gélèdes⁹⁷”.

Pode-se ler essas respostas usando as informações contidas na obra de Clóvis Moura, Sociologia do Negro Brasileiro (1988), em que o autor nos diz:

“...Pesquisa realizado pelo jornal *Folha de São Paulo*, em março de 1984, sobre o preconceito de cor, constatou que 73,6% dos paulistanos consideram que o negro é marginalizado no Brasil e 60,9% dizem conhecer pessoas e instituições que discriminam o negro (...) apenas 24,1% revelaram alguma forma de preconceito pessoal” (págs. 99/100).

Outra pesquisa realizada na USP revelou que 99% confirmava haver discriminação no Brasil, 98% dos entrevistados diziam não ter preconceitos, enquanto que 97% afirmavam conhecer pessoas preconceituosas (Schwarcz, 1996). Lembramos também os resultados da pesquisa do Datafolha em que 89% dos brasileiros disseram não existis preconceito contra negros no Brasil, mas 10% desses mesmos brasileiros admitiam ter um pouco de racismo (Folha, 1988). Esses estudos reforçam a posição de Florestan Fernandes (1965), segundo a qual o brasileiro “tem o preconceito de ter preconceito”.

Ao juntar noções e representações nacionais que aliam termos como “miscigenação”, “branqueamento” e “democracia racial”, notaremos o quanto se torna difícil combater a discriminação no Brasil. Esta é um tipo de dificuldade bem mais complicada, porque apesar de se reconhecer a existência de processos discriminatórios no Brasil, ninguém assume praticá-los ou mesmo sofrê-los. Acerca desse assunto Nogueira (1985) afirmou:

“Considerando especificamente o mito da “democracia racial”, não quero deixar de assinalar o seu caráter ambivalente, ou seja, o fato de que o mesmo tanto tem um sentido negativo como um sentido positivo, no que toca ao efeito sobre os interesses do contingente da cor da população” (pág. 26).

Tendo em mente essa ambigüidade o que temos é que a luta por uma sociedade sem discriminação, preconceito e racismo torna-se muito complicada e tortuosa. O que nos permite entender a frase dos Racionais MC’s: aqui “te cumprimentam na frente e te dão um tiro por trás”.

⁹⁷ Organização de Mulheres Negras.

Fica a pergunta: que racismo é este em que o casamento entre grupos e a miscigenação se dá com tanta frequência e pouca resistência? Afinal, o racismo é uma prática social que pressupõe uma raça superior, que defende sua pureza perante as raças inferiores. Obviamente, o problema não está na miscigenação, mas sim na maneira como parte das pessoas a pensam. No país, os modelos de branqueamento tornam o lugar do senso comum e o casamento passa a significar uma forma de ascensão social pela “cor”.

Diante desses fatos, acredito que o que temos na sociedade é uma grande desigualdade social, acompanhada de outros fatores que influenciam na identificação individual, tais como: a cor da pele, a condição econômica, sexo, etc.

As pessoas confirmavam a afirmação de que já haviam sofrido algum tipo de discriminação com frases, principalmente, referentes à atuação da polícia: “- Estava saindo de um baile com vários brancos, só ‘enquadraram’ eu”; “- A mais forte foi um, quase, espancamento pela polícia. Estava com dois amigos brancos, na Av. Brás Leme, a polícia só pediu documento para mim e dispensou os meus amigos. Na Rio Branco, em outra ocasião, numa *blitz* de dois policiais civis, eles pediram meus documentos, estava sem RG, quis mostrar a carteira da faculdade e os policiais disseram ‘- Desde quando preto faz faculdade?’”; “- A polícia já cansou de me parar e humilhar, porque tenho carro e moto. Ontem mesmo (18/01/97) aconteceu, falaram que iam cortar o meu cabelo. O policial era negro”; e “- Hoje mesmo (14/01/97), junto com meu pai, fui abordado pela polícia, que para apresentar os documentos. Perguntaram se já tenha passagem pela polícia. Foi discriminação, porque passaram outras pessoas no local e elas não foram paradas”. Muitas são as queixas com relação à oferta de emprego: “- Estava procurando emprego, a minha ficha era a mais habilitadas (sic). Não me pegaram por causa de minha cor”. O mesmo ocorre quando vão fazer suas compras: “- Fui fazer uma compra no shopping de R\$ 1.200,00, ficaram pensando que o cheque era roubado, por este motivo ficaram ligado três dias seguidos em casa para saber se ele era quente ou não”. Problemas existem também em suas relações amorosas com mulheres brancas: “- Namorei com uma branca, fiquei noivo, a família dela não aceitou”. “- Namorei com uma mina e os pais dela foram contra porque sou ‘negro’. Fomos obrigados a terminar porque ela era ‘branca’”. No campo de trabalho as discriminações são também frequentes: “- Fui a um

prédio no bairro dos jardins entregar uma mercadoria e o porteiro quis saber do que se tratava, me atendeu do lado de fora e disse que não tinha ninguém e que a pessoa estava estudando”. “- No trabalho ficam fazendo piadas que acabam me ofendendo, do tipo: ‘A Lei Áurea foi escrita a lápis, quando apagar você volta a ser escravo’, e ‘a princesa Isabel deu para um negro’. Isso ofende e muito”. Muitas são as situações constrangedoras ocorridas em festas e casas noturnas: “- Fui a uma festa de um colega meu e um branco falou que não entrava preto lá. Dei uma cabeçada nele”; “- Estava numa festa onde só tinha branco, eu era o único negro que sambava. Daí começaram a me criticar, como se fosse metido”. “- Fui a uma festa de meus padrinhos ‘claros’, chegaram uns parentes deles e eles perguntaram o que eu estava fazendo (lá) e os meus padrinhos não falaram nada. Isto me marcou muito”.

As mulheres, ao tentarem demonstrar as discriminações sofridas, priorizaram os problemas na busca de empregos: “- Procurando um emprego, o ‘coreano’ não me aceitou”; “- Procurando emprego, ao ser anunciada, o empregador disse que a vaga já havia sido preenchida. Depois uma ‘loirinha’ procurou pela mesma vaga e conseguiu o emprego”; “- Foi no banco Noroeste, tinha todos os requisitos para o cargo, nem sequer pegaram o meu *curriculum*”; etc. Relatam também problemas ao namorar com rapazes brancos: “- Namorei com um branco e a família não aceitou”. São elas que destacam ainda a prática de ofensas verbais: “- Na escola, as meninas ficaram e chamando de ‘negrinha’”. “- Quando era pequena um moleque me chamou de ‘sua negrinha’”, etc. A violência policial está quase que totalmente ausente na fala das mulheres. Somente duas mulheres referiram-se à violência policial; uma para destacar a ação contra um amigo seu preto, a outra porque os policiais lhe chamaram de ‘negra desqualificada’.

Por outro lado, apesar de acusarem e se colocarem como vítimas de discriminação, nem sempre esses frequentadores têm posições passivas diante dessas situações. Palavras como “*playboy*”, “*branquinhos*”, “*loirinhos*”, “*coreanos*”, “*japonês*”, “*alemão*”⁹⁸, etc. demonstram que elas nem sempre assumem uma postura submissa. É possível verificar aqui uma forma de usar

⁹⁸ O primeiro destes termos é muito utilizado pelos *rappers*, como forma de destacar a diferença entre os negros e os brancos que, na opinião deles, sejam racistas. Os demais são utilizados também como forma de destacar as diferenças que há entre elas e as pessoas que as discriminam.

sinais diacríticos, como uma maneira de acusar ou inventar situações de racismo. Estaria aí a primeira atitude explícita desse público, cujos componentes constroem uma imagem de um outro diferente, para daí resgatar a identidade existente entre eles.

Entre as mulheres a posição defensiva é bem maior. Vamos tomar alguns exemplos: “- Uma colega minha me **xingou** de ‘negra’”. “- Na escola, as meninas ficaram me **chamando** de ‘negrinha’”. “- Quando eu era pequena um moleque me **chamou** de ‘sua negrinha’”. As mulheres denunciam muito mais casos referentes à contratação de emprego, que os homens, que centram suas denúncias na violência policial. Elas demonstram ter mais problemas no momento em que procuram emprego, talvez porque estejam mais bem preparadas que os homens para o mercado de trabalho. Afinal, como vimos, sua formação escolar é melhor que a deles. Além disso, a imagem da delinquência está mais associada ao homem que à mulher.

Descontando-se as denúncias referentes à discriminação relacionada ao mundo profissional, o que se nota é como as mulheres voltam a ter uma postura mais individualista e idílica do que os homens. Suas frases mostram como elas priorizam, sobretudo, o lado pessoal, em detrimento do coletivo, reforçando uma atitude já demonstrada na análise de suas preferências musicais e cinematográficas.

O que é relevante é o número de denúncia contra a atitude da polícia frente aos “negros” e “mestiços”. Tal constatação é muito mais forte entre os homens, o que poderia explicar o enorme sucesso do gênero *rap* nessas populações.

Outros procuram demonstrar como tentaram uma aproximação com os “brancos” e foram repelidos em suas intenções. O mercado de trabalho é outro campo de grande frustração para essas pessoas, embora algumas falas não consigam nos convencer de que houve discriminação efetivamente. Este fato, porém, não diminui a sensibilidade que os entrevistados demonstraram frente a uma situação em que são desvalorizados. Outra queixa comum refere-se aos relacionamentos amorosos frustrados como pessoas “brancas”, um dos momentos em que a “democracia racial” é colocada em ‘xeque’, talvez ‘mate’.

Notamos que apesar de terem uma postura bastante crítica quanto à discriminação, essas pessoas não assumem uma atitude de ruptura com os

“brancos”, mas sim, de conciliação, através do namoro, freqüentando as mesmas festas, mantendo amizade, etc. O que parece é que sua maior pretensão é fim do preconceito e a condição de poderem conviver pacificamente. Podemos, a esta altura dar razão a Nogueira (1985) que, na monografia Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem, afirma que no Brasil, por não haver uma discriminação direta e assumida, o negro acaba tendo enormes dificuldades de se defender, assim como de construir uma opção de sociedade ‘própria’. Para esse autor, “onde o preconceito é de marca, a ideologia é, ao mesmo tempo, assimilacionista e miscigenacionista” (pág. 84); isto é, atitudes desenvolvidas pela população branca acabam sendo encampadas por grande parcela dos não brancos. O famoso “mito da democracia racial” é tão, ou mais, eficaz quando atinge a todos, aquele que pratica e o outro que sofre o preconceito. O outro lado da moeda afirmar é afirmar a existência da discriminação, mas negá-la para si próprio.

2.3 – O Movimento Negro (MN)

Como já foi afirmado no início deste trabalho, o MN – representado pelo MNU – foi um dos “estímulos” para a concepção inicial de minha pesquisa. Nesse sentido, achei interessante saber qual a relação existente entre os públicos dos dois bailes e o MN. Sabia, de antemão, que o MN não fazia qualquer trabalho nos bailes *black* da cidade de São Paulo, mas mesmo assim muitas de suas propostas estão presentes nessas sociedades, através da fala de seus participantes. O nosso interesse foi tentar levantar quais seriam as influências do MN nessas populações, que segundo o próprio movimento, são constituídas por seus representados.

Para tanto, foi perguntado aos frequentadores desses dois bailes se conheciam o MN. As respostas foram as seguintes:

Tabela 17

BAILES / SEXO	SIM	%	NÃO	%
Clube as Cidade / Masculino	40	47,6	44	62,4
Espaço Atual / Masculino	15	33,0	40	67,0
Clube da Cidade / Feminino	65	51,6	67	48,4
Espaço Atual / Feminino	12	34,0	23	66,0

O quadro revela um índice bastante alto de conhecimento, apesar de minoritário, o que despertou a minha curiosidade. As mulheres do Clube da Cidade demonstraram ter maior informação sobre o MN, seguidas pelos homens do mesmo baile. No Espaço Atual ocorreu um empate técnico entre os dois sexos. De toda maneira, num dos bailes o MN é bem mais conhecido do que no outro. No Clube da Cidade, cujo baile é frequentado por pessoas com maior nível de escolaridade e melhor qualificação técnica, é onde o MN é mais reconhecido. Assim, como é neste mesmo baile que o *rap* é mais citado como preferência musical.

A pergunta seguinte visava verificar quais grupos do MN eram mais conhecidos entre esse público. A minha intenção era descobrir com que tipo(s) de entidade(s) do MN essas pessoas tiveram contato ou quais elas conheciam.

Obtive o seguinte perfil entre os homens do Clube da Cidade:

Tabela 18

ENTIDADES DO MOVIMENTO NEGRO	QUANT.	%
Não se lembraram	08	20,0
MNU de São Bernardo do Campo	04	10,0
Movimento Consciência Negra na USP	04	10,0
Racionais MC's	04	10,0
Posse ⁹⁹	02	05,0
Big Boys	01	02,5
Cafundó de Pirapora ¹⁰⁰	01	02,5
Cidade Negra	01	02,5
Comunidade Negra ¹⁰¹	01	02,5
Comunidade Negra de Osasco	01	02,5
Jabaquara Break	01	02,5
Ludo África	01	02,5
Muhammad	01	02,5
Olodum	01	02,5
Rap	01	02,5

No Espaço Atual as entidades citadas pelos homens foram:

Tabela 18

ENTIDADES DO MOVIMENTO NEGRO	QUANT.	%
Não se lembraram	03	20
Movimento HIP-HOP	02	10
Câmbio Negro	01	05
Centro Cultural Jabaquara ¹⁰²	01	05
Clube do Rap ¹⁰³	01	05
Comando MC's	01	05
Dança de Rua	01	05
Racionais MC's	01	05
Raça Negra	01	05
Rio Branco ¹⁰⁴	01	05
Rudini	01	05
Sampa Crew	01	05

⁹⁹ Reunião de grupos do Movimento HIP-HOP, que engloba as seguintes atividades *rap* (canto), grafite e *break* (dança). Este nome foi escolhido, segundo Marcelinho, participante do grupo Profetas da Revolução, porque num dicionário a palavra “posse” “em inglês é o mesmo que gangue – turma de jovens agressivos e/ou armados, que atuam em determinados dos territórios” (revista *Caros Amigos Especial*, pág. 4, nº 3, setembro de 1998).

¹⁰⁰ A pessoa completou a resposta com a seguinte frase: “- Negros da África”.

¹⁰¹ A pessoa não soube informar corretamente o nome da entidade, mas como ela afirmou que essa era presidida por Eduardo Joaquim de Oliveira, ficou confirmado que ela se referia ao Conselho Estadual de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Negra.

¹⁰² A denominação deste órgão público municipal foi alterada em 1990, na administração de Luiza Erundina, para Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro.

¹⁰³ Encontro de *rappers*, que ocorre toda segunda-feira na casa noturna Sambarilove.

¹⁰⁴ Salão Green Express, local em que ocorrem bailes *black* duas vezes ao mês.

Primeiramente, 20% dos homens, que freqüentam os bailes não souberam indicar nenhuma entidade do MN. Por outro lado, entre os 80% que se pronunciaram temos os seguintes perfis de grupos. No clube da Cidade: 04 grupos de *rap* (Big Boys, Jabaquara Break e Racionais MC's¹⁰⁵) e posse, sem nomeá-la¹⁰⁶; 03 entidades do MN político (MN de São Bernardo do Campo, Movimento da Consciência Negra na SP e Comunidade Negra de Osasco); 02 grupos musicais (Cidade Negra e Olodum); 01 empresa comercial (Ludo África); 01 comunidade pública (Cafundó). 01 órgão oficial de Estado (Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra) e alguém citou um nome mulçumano (Muhammad). No Espaço Atual: 08 grupos de *rap* (Câmbio Negro, Centro Cultural Jabaquara¹⁰⁷, Clube de Rap, Comando MC's, Dança de Rua, Movimento HIP-HOP, Racionais MC's e Sampa Crew) e 01 salão de baile (Rio Branco). Como se pode ver o desconhecimento é grande e as entidades citadas variadas.

¹⁰⁵ Um citou o *rap*, que é a denominação d ritmo musical.

¹⁰⁶ Todas as posses têm uma denominação própria e cada uma é freqüentada por determinados grupos.

¹⁰⁷ Nesse espaço, todos os domingos, aconteciam encontros de *rappers*.

Como as mulheres do Chic Show tivemos citadas as seguintes entidades:

Tabela 20

ENTIDADES DO MOVIMENTO NEGRO	QUANT.	%
Não se lembraram	35	54,0
Gélêdes: Instituto da Mulher Negra	06	05,0
Racionais MC's	04	03,0
Um Núcleo de dentro da USP	02	01,5
Aristocrata Clube	01	00,8
Facção Central	01	00,8
Ghetto	01	00,8
Gostaria de entra nele ¹⁰⁸	01	00,8
Junac	01	00,8
Luís Gama	01	00,8
MNU de SBC	01	00,8
O único que conheço é este baile	01	00,8
Racismo Não	01	00,8
Santana Samba ¹⁰⁹	01	00,8
Só o Movimento HIP-HOP	01	00,8
SOS – Racismo ¹¹⁰	01	00,8
Uma no Vai-Vai ¹¹¹	01	00,8
Unegro	01	00,8
União de Mulheres Negras	01	00,8
Tilai ¹¹²	01	00,8
Tomei contato com um jornal	01	00,8

N o Espaço Atual:

Tabela 21

ENTIDADES DO MOVIMENTO NEGRO	QUANT.	%
Não lembraram	05	42,0
Racionais MC's	02	17,0
Capoeira	01	08,5
Casa de Cultura de Interlagos	01	08,5
Entidade de Mulheres Negras	01	08,5
Olodum	01	08,5
Soweto	01	08,5
União Break Rap	01	08,5

¹⁰⁸ Complementou a resposta com a seguinte frase: “- Sei que existe um em São Bernardo do Campo”.

¹⁰⁹ O nome se refere a um salão de baile. Talvez a pessoa esteja aludindo ao encontro de *rappers* que ocorria todas as quartas-feiras nesse mesmo local.

¹¹⁰ Departamento de Gélêdes.

¹¹¹ Está se referindo à Unegro – União de Negros.

¹¹² Agência de Modelos Negros.

A quantidade de mulheres que não souberam falar o nome de qualquer entidade no Clube da Cidade foi bastante alta, 54%. No Espaço Atual, apesar de a taxa ser menor, o seu número foi também elevado: 42%.

No Clube da Cidade as entidades lembradas foram as seguintes: 09 são do MN político (Gélêdes: Instituto da Mulher Negra; Um Núcleo dentro da USP, SOS – Racismo, Luís Gama, Uma no Vai-Vai, MNU de São Bernardo do Campo e Unegro – União de Negros); 04 são grupos de *rap* (Racionais MC's, Facção Central, Junac e Movimento HIP-HOP); um Clube de Negros (Aristocrata Clube); outra é uma empresa comercial (Tilai: agência de Modelos Negros); uma pessoa afirmou que aquele baile era o único MN que ela conhecia, já outra demonstrou interesse em conhecer o MN. No Espaço Atual as mulheres citaram: 02 grupos de *rap* (Racionais MC's e União Break Rap); 01 grupo musical (Olodum); uma citou “Soweto”, o problema é que este termo pode tanto denominar uma casa de dança noturna, como um grupo de samba. Outra destacou a “Casa de Cultura de Interlagos”, órgão oficial da Prefeitura. Provavelmente lá ocorriam também encontro de *rappers* nos finais de semana. Uma outra citou “Entidades de Mulheres Negras”, sem definir de qual estava falando. Por último, tivemos a referência à capoeira, de um modo igual, sem especificar se a pessoa estava se referindo ao jogo ou a alguma academia; assim ficamos sem saber se ela praticava ou não este “jogo”.

As mulheres do Clube da Cidade demonstraram ter o maior conhecimento, de fato, do MN político, já que citaram um número mais significativo de grupos. Elas revelaram ser mais informadas que suas companheiras do Espaço Atual, ou mesmo que os homens dos dois bailes.

Como podemos notar, essas pessoas consideram o HIP-HOP um Movimento Negro. Quanto ao MN tradicional, ou político, o conhecimento é residual. Também podemos destacar que existe uma grande ausência do MN nesses bailes. Durante todo o período da pesquisa nunca pude presenciar qualquer atividade do MN entre essas pessoas.

O interessante é que, dentre todos os grupos citados, nenhum deles, quando questionados, nega a condição de entidade do MN, mesmo uma empresa comercial: Ludo África. O seu proprietário, Ludovico, argumentava que uma de suas prioridades era fazer um trabalho social, no intuito de ajudar a população negra de São Paulo. Esta sua posição, segundo suas palavras, era resultado da

estadia em Angola, por alguns anos, onde procurou contribuir com o regime marxista daquele país. A comunidade de Cafundó entra na condição de MN, porque os habitantes daquela localidade entendem que são um grupo de descendentes de africanos¹¹³.

O *rap* merece um destaque especial, nesse momento da reflexão. Notamos que os Racionais MC's, além de terem obtido a melhor colocação entre as preferências musicais dessas populações, também foram os mais citados como entidade negra¹¹⁴. Nos bailes, as formas de expressão corporal assumidas pelos *rappers* são bastante diferentes das que as demais pessoas adotam. Das rodas que eles formam só formam só participam pessoas do meio HIP-HOP, além de suas danças mais parecem uma roda de capoeira, devido aos movimentos que se aproximam bastante de acrobacias ou golpes daquele jogo/dança.

Suas festas são realizadas à parte; têm dias e locais específicos para se encontrar. As outras pessoas, “negras” ou não, do baile, desde que não participem desse movimento, são denominados pejorativamente pelo termo “lagartixa”. Eles parecem se comportar como os mais conscientes entre os frequentadores dos bailes. Suas apresentações artísticas, em local aberto ou nos bailes, quase sempre são precedidas por “pregações” políticas, e as letras de suas músicas são engajadas. Nesse sentido, é bastante compreensivo que o *rap* seja considerado por essas populações como MN.

Como essas pessoas demonstraram não conhecer o N tradicional, podemos concluir que as informações que obtêm sobre as lutas contra as discriminações existentes contra o negro não vieram de atividades desenvolvidas pelo MN político, mas sim pelo *rappers* e outros grupos vinculados, de diferentes maneiras, à negritude. Ao que parece o Movimento HIP-HOP realmente tem uma função política junto a essas populações. Assim, ao confundir e descrever o *rap* como MN, essas pessoas não estão demonstrando falta de informação sobre o que seria esta forma de organização social, mas sim nos revelando uma nova expressão dela.

¹¹³ Para maiores informações consultar *Inglês Ver* (Fry; 1982).

¹¹⁴ Ao ser informado sobre este fato, Mano Brown, líder do grupo, reafirmou que eles se consideram antes de qualquer coisa uma entidade do MN. O *rap* se autodenomina “a trilha sonora do *ghetto*” (Frase dita por Mano Brown no CD lançado em 1997, pelos Racionais MC's, *Sobrevivendo no Inferno*. Os *rappers*, em sua maioria, não se limitam a simplesmente cantar, mas também assumem posições políticas no combate, principalmente, à discriminação racial e às explorações dos trabalhadores.

Fotos: Andreas

Roda do MH2O, no Clube da Cidade

Fotos: Andreas

Breaker iniciando sua performance.

Fotos: Andreas

Malabarismo breaker 1

Fotos: Andreas

Malabarismo breaker 2

Fotos: Andreas

Malabansmo *breaker* 3

A grande diferença entre o MN político e o movimento HIP-HOP é que o primeiro tem nas ações políticas a sua principal atividade, enquanto que os segundos vêm nas atividades artísticas o seu principal papel social.

Entre os homens do Clube da Cidade, 31% afirmaram que já estiveram presentes em alguma atividade organizada pelo MN. No Espaço Atual 17% deles fizeram a mesma afirmação. Com relação às mulheres do Clube da Cidade obtivemos os seguintes resultados: 20% contaram que já compareceram a alguma atividade do MN, enquanto que no Espaço Atual, 23%.

As respostas positivas são muito baixas, o que demonstra que essas pessoas não têm como prática participar de atividades organizadas pelo MN sejam elas políticas ou culturais. Provavelmente esses frequentadores vêm o MN como um “outro” grupo social, bem distinto do que eles costumam participar. Mas se eles colocam o MN em outro espaço social, não podemos esquecer que entre eles convive um grupo de pessoas que se considera do MN: os *rappers*.

Como já falamos anteriormente, os *rappers* também se sentem “diferentes”. Eles procuram reforçar as variações existentes entre eles e o público em geral através de algumas denominações e comportamentos: chamam aos demais de “lagartixas”, apresentam expressões corporais particulares, dançam e formam grupos em círculos, isso sem falar de suas indumentárias marcadas pelas calças e camisas largas.

A maioria das atividades descritas pelos homens referiam-se a festas: “- Numa festa americana, em que cada um levava uma coisa: bebida ou comida”; “- Festa no Clube de Campo do Aristocrata Clube”¹¹⁵. Debates também fazem parte da agenda: “- Fui a um debate na Vergueiro. Faz muito tempo, mais ou menos três anos atrás (1991). Estava desorganizado, o debate não aconteceu”. Essas pessoas têm, portanto, contato com o Movimento HIP-HOP, que parece ser bastante atrativos para elas. Afinal de contas, essas atividades são organizadas por pessoas que dividem com elas os mesmos bailes.

O que essas frases revelam é o grande distanciamento entre os homens dessas populações e MN político ideológico propriamente dito. Podemos argumentar que essas pessoas são “alienadas” e que só pensam em festas. Esse raciocínio é, porém, por demais, simplista. A festa não é tão somente uma

¹¹⁵ Atualmente este espaço está ocupado por um grupo do Movimento dos Sem-Teto.

expressão de estado de alienação. Isto é, quando uma pessoa vai a uma festa, ou organiza uma, esta ação social não deve ser compreendida exclusivamente como uma forma de fugir dos problemas sociais mais ou menos imediatos.

Esses homens vêem o Movimento HIP-HOP como uma atividade artística e política, o que significa dizer que, para eles, essas qualidades não são discrepantes nem contrárias entre si. Quando optam por comparecer a uma festa em que o *rap* será apresentado, sabem que além de ouvir suas “músicas” preferidas, estarão em contato com mensagens que podem trazer algum tipo de auto-estima e, que, concomitantemente, expressarão as mazelas existentes em nossa sociedade.

Diferentemente dos homens, a maioria atividades narradas pelas mulheres dos dois bailes são políticas desenvolvidas pelo MN. Este resultado é bastante interessante, pois essas mesmas mulheres que tinham apresentado um perfil bem “idílico, romântico e platônico” (quando responderam sobre suas preferências musicais e cinematográficas), nesse caso revelaram possuir uma postura política mais consciente. Suas frases, nessa altura da pesquisa, fazem cair este meu primeiro raciocínio preconceituoso. O fato é que elas mantêm uma separação bem nítida entre o baile e as suas atividades políticas.

Essa mesma postura não se apresenta entre os homens. Para eles, tanto faz estar em um baile ou em uma atividade política. O *rap* para os homens parece ter uma dupla função: é arte e é política. As mulheres, pelo que pude notar, entendem que os bailes são feitos para dançar. Quando o assunto é política, elas procuram o MN (ou qualquer grupo parecido) que, teoricamente, é “especialista” nesse assunto. Assim, ao considerarmos que a postura delas, no que concerne às suas preferências culturais, de uma maneira geral, é mais “platônica, idílicas e românticas”, não podemos concluir, daí, que tenham as mesmas posições quando o assunto é o MN. Nesse caso, elas não são menos informadas que os homens. Muito pelo contrário, demonstram uma visão mais compartilhada: talvez o baile seja para lazer. Conscientização é atividade para o MN ou para locais mais apropriados para a prática política.

Em relação às opiniões dos homens que freqüentam os dois bailes, o que se destaca é como o *rap*, de fato, é sinônimo de MN, na visão dessa população. Algumas frases fazem referências diretas a essa conclusão, como, por exemplo: “- Gosto da música ‘*rap*’ e da dança”; “- O que eles fazem tem que seguir carreira

para frente, porque assim o Brasil vai se tocando um pouco. O ‘*rap*’ sempre fala do mundo inteiro. Ele bota mais ordem no mundo”. Algumas emitiram opiniões sobre o MN que na verdade são relativas aos *rappers*, mas de forma bem indireta, tais como: “- Está de parabéns. Estão indo ao sucesso que eles têm para mostrar”; “- Nota dez, os caras não têm para ninguém. Só falam da realidade deste país” e “- Acho uma boa, é através deste pessoal que a gente sabe que existe o racismo (no Brasil”. Se não houvesse eles a gente não saberia que o racismo existia”. Boa parte desses entrevistados acha boa a existência do MN, mas complementam sua opinião com a afirmação de que não o conhecem, devido à pouca divulgação de suas atividades e opiniões. Vemos, novamente, a mesma atitude dúbia. O MN parece importante, mas não é necessário freqüentá-lo ou, muito menos, virar militante.

Algumas pessoas “seguidoras do *rap* criticam “Gabriel, o Pensador”, que para elas é um “usurpador da música negra”. Outros, apesar de acharem o movimento legal, questionam duramente a miscigenação existente entre seus militantes, principalmente entre seus líderes.: “- Acho que o próprio ‘negro’ acaba tirando proveito do MN, diminuindo ele mesmo(o negro). Este presidente (de uma entidade do MN não identificada) é Casado com uma ‘loira’. Pode casar com quem quiser, mas deve seguir o que prega. Não só prega a negritude para os outros, ou seja, ‘faça o que eu mando, não o que eu faço’”. Para muitos, mesmo que não conheçam bem essa realidade, o MN brasileiro não é tão sério quanto o MN norte-americano.

Algumas pessoas, entre os homens, assumiram uma postura de combate frente ao mito da “democracia racial”, com frase do tipo: “- Acho bom uma reunião entre os manos. É sempre bom estar unido com o povo negro, para enfrentar o mundo aí fora”; “- É um movimento bom. Espero que ele consiga acabar com a discriminação que existe no Brasil”; “- Ta ruim, deve melhorar, há muita violência contras os negros”; “- Acho que eles querem acabar com o racismo. Eles estão batalhando para um apoio que não temos”. Como se pode notar, muitos freqüentadores denunciam o “racismo” e a “discriminação” existentes no Brasil, mas continuam entendendo que a responsabilidade de combatê-los é do MN, ou de qualquer grupo exterior a eles. Esse fato talvez se dê porque, apesar de reconhecerem a existência destes problemas em nossa sociedade, a maioria afirma jamais ter sofrido qualquer ataque pessoal.

Apesar de algumas opiniões críticas em referência ao MN, a imensa maioria é bastante favorável à sua existência. Embora indulgentes e mesmos distantes, eles não se vêem, porém, como participantes deste movimento. Para essa população, o MN é (ou mesmo deveria ser) composto por outras pessoas e não por eles próprios. Quanto ao Movimento HIP –HOP, apesar de se fazer presente nos dois bailes, ao procurar reforçar as diferenças existentes entre os seus componentes e o restante dos frequentadores – através, principalmente, de seus vestuários e de suas danças -, contribui para que essas populações também o considerem como parte do MN.

Em outras palavras, o Movimento HIPHOP também é o “outro” dessas populações. Da mesma maneira como a discriminação existe, mas a maioria não admite sofrê-la, é compreensível que eles entendam que quem deve combatê-la, seja um “outro”, que provavelmente sofra seus efeitos. Outro tipo de raciocínio poder ser desenvolvido. Como eles identificam o *rap* com o MN, como o *rap* tem a vida artística entre suas atividades; como a diferença entre público e artística é muito destacada e, a todo momento, reforçada através dos seguranças que devem proteger os artistas da exaltação de seus fãs, essas pessoas acham que participar do MN é uma atividade reservada somente para pessoas especiais, como os *rappers*. Afinal, o “outro” que a pratica é tão espacial que nem comparece a seus eventos.

As mulheres emitiram um maior número de opiniões contrárias ao MN, como: “- Acho o MN pouco atuante nas suas causas que precisam urgência no país, hoje. (Por exemplo), as crianças com vírus HIV positivo, o número é muito elevado, principalmente de crianças negras, e ajudar as famílias muito pobres”; “- Está muito fraco. Muita desunião. Falta passar um pouco de interesse dos organizadores para as outras pessoas e falta divulgar o trabalho”; etc. Talvez, por elas terem demonstrado uma ligação bem maior com os Movimentos Negros em geral, esta condição lhes permita ter uma postura bem mais crítica que as dos homens. Algumas dessas opiniões são bastante duras, por exemplo: “- Hoje em dia não está esta coisa, pelo menos no Brasil. Eu não estou vendo firmeza. Tinham que dar mais força para os jovens. Não vejo nada disso”; “- Não conheço o que vocês¹¹⁶ fazem, não me falaram nada. É interessante entrar de graça nos

¹¹⁶ Nesta altura a pesquisada decidiu incluir o pesquisador entre os militantes do MN.

bailes com crachá. Só ouço que fulano do movimento que acaba fazendo com que o ‘racismo’, ao invés de diminuir, aumenta, pelas próprias pessoas que freqüentam, porque se somos contra o ‘racismo’, porque vamos discriminar as outras ‘raças’, acabamos fazendo com que o ‘racismo’ prevaleça. Se eles acham que os ‘brancos’ são ‘racistas’ contra os ‘negros’, eles são ‘racistas’ contra os ‘brancos’ dentro do ‘MN’¹¹⁷”; “- Acho que eles são muito desunidos, um negro nunca ajuda outro. Quer sempre se sobressair sobre o outro”, etc.

Nesse caso, a quantidade de depoimentos que identifica o *rap* ao MN diminuiu drasticamente, se comparado com os testemunhos dos homens, o que não deixa de confirmar que esta forma de expressão artística é considerada, também pelas mulheres, como bastante politizada. Entre essas mulheres, o MN continua sendo visto como uma expressão social composta por pessoas diferentes delas. Dessa maneira, elas reforçam a posição dos homens de que o MN, ou qualquer grupo político negro, é um “outro” frente a eles.

A função do MN é combater a discriminação, o preconceito e o racismo. Outra de suas funções é elevar ou manter elevada a consciência política dos negros sobre as suas condições de vida em nossa sociedade. Apesar dessas opiniões, a visão delas é, porém, bem mais pessimista que a dos homens. Para algumas, o problema do negro é o próprio negro. Outras dizem que a generalização da crítica ao branco, desenvolvida pelo MN, acaba levando ao mesmo erro, ou talvez, à injustiça de não relevar os brancos não racistas. Essas mulheres, através desse tipo de opinião sobre o MN, demonstram estar, de alguma maneira, mais próximas do modelo da “democracia racial”. Isto é, para muitas delas, o problema de discriminação existe, mas a melhor saída é aumentar a aproximação com os brancos e não partir para um confronto.

Temos aqui dois grupos de pessoas bem distintas, sobretudo se compararmos as suas posições a respeito da música. Um é a dos homens, que

¹¹⁷ Esta pessoa, após conceder uma das entrevistas mais crítica ao MN, por sua discriminação contra o branco, pergunta ao pesquisador se ele tinha informação de um fato que havia ocorrido na semana anterior, no salão “Projeto Radial”. Com a negativa do pesquisador ela passou a relatá-lo: “- O cantor Gabriel, o Pensador, fez uma apresentação que despertou pouca atenção do público. O DJ da casa perguntou, para o público se eles haviam gostado daquela porcaria, o público respondeu que não. O DJ perguntou o que eles queriam ouvir. O público responde ‘Racionais MC’s’, no que foram prontamente atendidas”.

O pesquisador perguntou-lhe qual a sua opinião sobre tal ocorrência. Ela respondeu: “- O público está certo, afinal, o *rap* é música negra. O que este branco pensa que é?”. O pesquisador indagou-lhe se a sua opinião não estava em contradição com o que ela havia falado do MN. Sua resposta foi: “- Ah, é! Então foda-se”, virou as costas e foi embora, despreocupadamente.

demonstraram que quando vão ao baile dão preferência às expressões musicais, e também às mensagens referentes à situação de discriminação, de preconceito e mesmo de racismo, que os “negros” e os “mestiços” sofrem no Brasil. Para esse conjunto de pessoas, o Movimento HIP-HOP, o baile tem uma dupla função: a arte e política. Outra é o grupo das mulheres que freqüentam os bailes tendo como principal objetivo o divertimento. Para elas os bailes representam um *locus* onde o que deve prevalecer é o lazer, ficando para os eventos organizados pelo MN, ou outros grupos, a parte política. Dessa maneira, apesar de boa parte delas também entender que o Movimento HIP-HOP é parte do MN, a maioria faz uma distinção bem mais nítida entre política (tarefa do MN) e o lazer, assumindo pelo HIP-HOP.

Essa situação, inicialmente, nos levou a entender que as mulheres eram mais “alienadas”, pois não tinham a mesma postura politizada dos homens. Com o desenvolvimento da pesquisa, porém, pudemos perceber o quanto era equivocada tal postura. Elas são mais “românticas”, “curtem” mais os bailes, dançando entre si, preferem as músicas lentas e ‘melosas’. Essas atitudes, no entanto, não são definidoras de como elas se colocam ou pensam o mundo. Entre os dois grupos, agora divididos por gêneros, fica a idéia comum de que a política pertence ao “outro”.

2.4 – Órgãos estatais responsáveis pelas relações raciais

Atualmente existem vários órgãos de Estado que têm como função primordial combater a discriminação racial. No município de São Paulo temos: a Coordenadoria Especial d Negro (CONE), subordinada à Secretaria Municipal de Governo e o Acervo de Memória e do Viver Afro-Brasileiro, departamento da Secretaria Municipal de Cultural. O governo do Estado de São Paulo mantém o Conselho de Participação de Desenvolvimento da Comunidade Negra, ligado à Secretaria de Governo do Estado; a Assessoria Afro, da Secretaria de Estado da Cultura e a Delegacia para Crimes de Racismo, da Secretaria de Segurança Pública. O governo federal criou a Fundação Palmares, no Ministério da Cultura¹¹⁸.

Diante da grande proliferação de órgãos oficiais criados para combater as discriminações sofridas pelos negros e mestiços brasileiros, resolvemos perguntar se esse público conhecia esse tipo de instituição. Meu intuito era descobrir se os instrumentos oficiais surgiram de um anseio das “bases”, dos setores interessados da população, ou foram simplesmente propostas do MN político ou de outros setores, abraçadas pelos governos pós-regimes militar. Em minha opinião, se estes órgãos foram resultado de um movimento de base, deveriam ter uma boa repercussão junto a essa população.

Entre os homens do Clube da Cidade, tivemos as seguintes respostas: somente 9,5% afirmaram conhecer algum órgão de governo responsável pela questão “racial”. Já no Espaço Atual, apenas 04% disseram ter ciência de algum órgão de governo interessado no tema “racial”. No caso das mulheres do Clube da Cidade, somente 7% conheciam algum órgão oficial, enquanto que no Espaço Atual, nenhuma delas tinha qualquer informação sobre a instituição de algum órgão responsável pela questão “racial”. Como podemos notar, o conhecimento é pouco significativo.

Solicitamos que as pessoas que afirmaram conhecer algum órgão de governo responsável pela questão “racial” nos contassem qual seria esta instituição. Tivemos as seguintes respostas da parte dos homens que freqüentam o

¹¹⁸ Outros Estados e Municípios instituíram órgãos similares, que não vou citar por não ser este o principal tema dessa dissertação. Este assunto vale uma pesquisa, para quem se interessar por esta matéria.

Clube da Cidade: Delegacia de Crimes Raciais, com 50%; Acervo da Memória e do Viver Afro-Brasileiro; “- Em Santana, os caras cuidam de tudo que trata sobre a questão racial” e “- Em Minas Gerais, na Bahia, li na revista Raça, não lembro os nomes”, com 12,5%. No Espaço Atual uma pessoa citou a FUNAI, já outra não se lembrava do nome. Um lembrou-se do Juizado de Pequenas Causas.

Metade dos homens do Clube da Cidade conhece pelo menos um órgão oficial especializado em relações raciais, os demais apenas têm noções da existência destes; afirmam que existem, mas não conseguem lembrar-se de nenhum. No Espaço Atual, apenas um frequentador, de fato, revelou conhecer a questão. O interessante foi ele se lembrar da FUNAI, especializada na questão indígena e não no problema negro. O outro pesquisado que afirmou ter conhecimento não soube dar qualquer indício de que, de fato, possuía experiência com algum desses órgãos. Essa população, que demonstrou ter tanto problema com a polícia com suas respostas, revelou que a criação da Delegacia de Assuntos Raciais não conseguiu sensibilizá-la. Provavelmente porque para ela este órgão oficial em nada vai melhorar a forma como a polícia lhes trata, ou a frequência com que a violência contra os negros é praticada.

Vale destacar que a Delegacia de Mulher, espalhada por quase todas as regiões do Estado de São Paulo, foi criada após ter havido profundas discussões entre o governo e as várias entidades que defendem os direitos das mulheres. Além do que, sucede-se uma demanda das mulheres, que sempre foram muito discriminadas nas delegacias policiais comuns, principalmente quando sofriam ataques sexuais. Já a Delegacia de Crimes Raciais parece não ter sido resultado de grande discussão entre o Estado e as diversas entidades do MN. O problema que o negro sofre não está centralizado nessa repartição pública, mas sim, como demonstraram os depoimentos dessas pessoas, na rua.

Entre as mulheres obtivemos as seguintes respostas: Delegacia de Crimes Raciais; “- Um grupo na USP”; “- Na Assembléia Legislativa, Mandela já esteve lá. Tenho uma carta sobre o que ele falou lá”; Conselho Estadual da Comunidade Negra e “- Não sei o nome, a mãe de umas alunas da escola que trabalha faz parte”. O que se percebe é que mesmo entre elas a imensa maioria que afirmou conhecer também não conhecia. As pessoas que falam tanto da USP, como da Assembléia Legislativa estão equivocadas, porque apesar de as atividades das

entidades por elas citadas utilizarem espaços oficiais, as mesmas são parte da sociedade civil.

A Delegacia de Crimes Raciais foi a mais citada. Lembremos que no momento em que pedimos para que falassem sobre as discriminações sofridas, a maior incidência recaiu sobre as ações policiais contra “negros” e “mestiços”.

Já que a Delegacia de Crimes Raciais é tão conhecida entre essas populações, vale informar que a quantidade de ocorrências de discriminação, de preconceito ou de racismo, que tenham sido feitas nessa delegacia e que tenham evoluído para um processo criminal é muito pequena, ou quase nula, gerando dúvidas quanto à eficácia social deste órgão público. Mas ao mesmo tempo, este fato reforça a característica fetichista de nosso preconceito que, como prática social, tem sua existência reconhecida pela maioria absoluta de nossa sociedade. Baseada nesta experiência o Governo Federal decidiu considerá-lo um “crime hediondo, inafiançável e imprescritível”, em janeiro de 1989. o resultado desta posição tão firme, radical e decisiva de nosso governo é que até nossos dias, dez anos após a sua implementação, não temos ninguém preso por praticar tal crime. Isso significa que o Estado decidiu estabelecer uma sanção para coibir uma prática social que um grande contingente populacional afirma existir e ser nefasto e terrível¹¹⁹. No entanto, como “ninguém a sofre ou pratica”, esta ação governamental demonstrou-se inócua e ineficaz¹²⁰.

Lembramos que, cinco anos após a sua criação, e até o momento, só existe uma única delegacia especializada neste crime tão abjeto, para todo o Estado de São Paulo. No restante do país, ao que parece, não foram criadas outras. Esta transgressão parece ser tão abstrata que mesmo quando se implementam sanções contra seus possíveis praticantes, esses jamais são punidos, porque parece que tais atos não existem ou acabam não sendo formalizados em nosso universo social.

¹¹⁹ Para maiores informações consultar Preconceito e Discriminação, Guimarães (1988).

¹²⁰ Consultar Schwarcz, Nem Preto Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor e Raça (1988) e Folha de São Paulo, Racismo Cordial (1995).

2.5 – Partidos Políticos

Outro ponto a ser estudado era qual seria a relação existente entre essas populações e os partidos políticos da sociedade¹²¹. Sobre esta questão foi possível levantar as seguintes informações. Dos homens no Clube da Cidade, 37% afirmaram ter um partido político de sua preferência. No Espaço Atual, 38% também responderam afirmativamente a esta pergunta.

Os partidos citados no Clube da Cidade, entre os homens, foram:

Tabela 22

PARTIDOS POLÍTICO	QUANT.	%
Partido dos Trabalhadores – PT	21	67,7
Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB	06	19,3
Partido Progressista Brasileiro – PPB	02	06,0
Celso Pitta ¹²²	02	06,0
Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado – PSTU	01	03,0
Paulo Salim Maluf	01	03,0

No Espaço Atual, os partidos referidos entre os homens foram:

Tabela 23

PARTIDOS POLÍTICO	QUANT.	%
Partido dos Trabalhadores – PT	10	58,8
Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB	05	29,4
Partido Democrata Trabalhista – PTD	01	05,8
Partido da Social-Democracia Brasileira – PSDB	01	05,8

O que se destaca é que dentre os que têm alguma preferência partidária, a maioria expressiva citou o Partido dos Trabalhadores (PT). Em segundo lugar aparece o Partido do Movimento Democrático (PMDB). Isto é, as pessoas, no

¹²¹ Para outras informações sobre este mesmo tema consultar Valente, Política e Relações Raciais (1986) e Santos, Partidos Políticos e Etnia Negra (1992).

¹²² Duas pessoas do Clube da Cidade citaram o então Secretário de Finanças da Prefeitura de São Paulo, Celso Pitta e outras duas o PPB, que administrava o mesmo município, e uma o então prefeito de São Paulo, Paulo Salim Maluf. Essas citações apareceram no final da pesquisa, no momento em que se discutia a possibilidade de Celso Pitta ser indicado para a sucessão de Paulo Maluf. Isto indica que o fato de Pitta, o pré-candidato, ser uma pessoa negra teve algum reflexo nesse grupo tão oposicionista. Como não estudei esse assunto, não posso fazer uma análise mais detalhada sobre esse fenômeno.

período em que foi feita a pesquisa, fizeram uma opção por partidos considerados “progressistas”¹²³.

Já vimos que esses frequentadores têm uma postura bastante contestadora, procurando demonstrar suas posições (principalmente os homens) através de suas preferências musicais. Com relação aos partidos políticos vemos ser confirmada uma postura de contestação semelhante, por meio da escolha do PT, e de certa preferência pelo PMDB.

Com relação às mulheres do Clube da Cidade, o resultado foi o seguinte: 35 (31%) disseram ter um partido de preferência. Já no caso das frequentadoras do Espaço Atual, apenas 09 (26%). As primeiras citaram as seguintes agremiações:

Tabela 24

PARTIDOS POLÍTICOS	QUANT.	%
Partido dos Trabalhadores - PT	30	85,7
Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB	03	08,5
Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB	01	02,8
Celso Pitta.	01	02,8

Já no Espaço Atual:

Tabela 25

PARTIDOS POLÍTICO	QUANT.	%
Partido dos Trabalhadores - PT	07	77,8
Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB	01	11,1
Partido Liberal - PL	01	11,1

As mulheres que afirmaram ter uma preferência partidária demonstraram uma postura bem mais oposicionista e de esquerda do que a revelada pelos homens. Os partidos citados por elas são todos do espectro centro-esquerda, com um predomínio bem nítido do PT. Tivemos somente uma lembrança do nome de Pitta e uma pessoa, no Espaço Atual, afirmou preferir o Partido Liberal (PL). O que podemos notar é que quando o assunto é política, as mulheres mostraram ter uma visão bem mais crítica que os homens. A possível indicação de Celso Pitta teve bem menos influência entre as mulheres do Clube da Cidade, que entre os

¹²³ O primeiro é de oposição, tanto ao governo Estadual quanto ao Federa; o segundo surgiu a partir do que sobrou do antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Uma frente política formada durante o período militar, criada pelos próprios militares. No final da Ditadura Militar, os dois partidos existentes, o MDB e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) foram extintos, alguns remanescentes do primeiro optaram por transformar o antigo Movimento em partido político, outros entenderam que deviam fundar um partido mais à esquerda, surgindo daí o PT.

homens desse mesmo baile. Afinal, entre elas não notamos nenhuma citação do PPB, de Paulo Maluf.

Neste momento, aquela visão de que as mulheres seriam mais “platônica” que os homens cai totalmente por terra. De fato, elas procura apresentar uma postura política mais definida quando comparada aos homens. Estes misturam política e lazer: durante o baile assumem posições políticas bem radicais. Quando estão diante de uma situação política, apresenta uma postura mais cambiante.

2.6 - Religiões

O “candomblé” e a “umbanda” são destacados pelo MN como sendo “cultos negros”. Nesse sentido, achei importante analisar quais, o qual, a(s) seria(m) a (s) religião(ões) de maior influência entre essas populações. Por este motivo, foi perguntado aos pesquisados se eles tinham, ou não, religião. Para os que responderam sim, solicitamos que nos dissessem qual seria. Consegui chegar às seguintes respostas: entre os homens no Clube da Cidade, 74% disseram sim; no Espaço Atual, 73%. Portanto, a maioria masculina consistente, nos bailes, afirmou ter uma religião.

Quando pedimos que nos falassem quais seriam as suas religiões, tivemos as seguintes respostas, entre os homens do Clube da Cidade:

Tabela 26

RELIGIÕES	QUANT.	%
Católica	39	63
Católica não Praticante	10	16
Espírita	04	06
Adventista	01	02
Budista	01	02
Católica ¹²⁴	01	02
Católica por consideração ¹²⁵	01	02
Congregação Cristã do Brasil	01	02
Igreja Messiânica do Brasil	01	02
Testemunha de Jeová	01	02
Umbandista	01	02

Já no Espaço Atual as seguintes religiões foram citadas:

Tabela 27

RELIGIÕES	QUANT.	%
Católica	27	82
Umbanda	02	06
Católica para a família	01	03
Crente Desviado	01	03
Testemunha de Jeová	01	03

¹²⁴ Completou a sua resposta com a seguinte frase: “- Antes ia ao candomblé, sou feita no ‘santo’ e freqüento a Renascer em Cristo”. Não vendo nenhum conflito nesta sua postura religiosa “polivalente”

¹²⁵ Complementou com “não batizada”.

Como podemos notar, a maioria dos homens afirmou ser católico. Ao percebermos a enorme quantidade de pessoas escolhendo o catolicismo, que é a religião hegemônica em nossa sociedade, solicitamos que freqüentadores do Clube da Cidade respondessem se eram praticantes ou não¹²⁶. Alguns afirmaram não ser, mas como esta pergunta não foi feita a todos, achamos por bem não considerar essas respostas e assumir a condição de que a religião católica, numa primeira análise, foi predominante.

A presença de protestantes é bem destacada, a tal ponto que as religiões negras, para o MN – umbanda e candomblé – chegam a ser superadas por estas crenças no Clube da Cidade, enquanto que no Espaço Atual, elas têm o mesmo peso. É interessante notar, como veremos mais à frente, nessa dissertação, como os integrantes do Movimento HIP-HOP, a despeito de sua proposta mais inovadora, também, no que se refere à opção religiosa fazem questão de se declarar protestantes.

Notamos que o predomínio da religião católica é amplo e que algumas pessoas não têm uma postura bem definida sobre sua opção. Ou melhor, preferem afirmar uma e praticar outra, como faz parte considerável da população brasileira.

No campo religioso eles são bem mais ecléticos, assumem vários credos: neste momento não importa a origem de sua fé, ela pode ser cristã, oriental ou africana, o que deve importar é a sua satisfação espiritual. Mais uma vez, reafirma-se a postura “sincrética” da população local. Dependendo do lugar, apela-se para o “santo mais próximo”.

¹²⁶ Esta minha posição se apóia no fato de, no censo de 1970, a Babalorixá, da cidade de Salvador, (BA) Mãe Menininha do Gantois, ter respondido que era católica.

Entre as mulheres do Clube da Cidade obtivemos as seguintes respostas:

Tabela28

RELIGIÕES	QUANT.	%
Católica	47	37,0
Católica não Praticante	14	11,0
Espírita Kardecista	14	11,0
Católica Praticante	10	08,0
Budista	07	05,0
Candomblé	04	03,0
Espírita-Candomblé	02	01,0
Igreja Evangélica	02	01,0
Cristã	01	00,5
Cristã Evangélica	01	00,5
Congregação do Brasil	01	00,5
Igreja Messiânica do Brasil	01	00,5
Seicho-No-Iê	01	00,5
Testemunha de Jeová	01	00,5
Umbanda	01	00,5

No espaço Atual as mulheres referiram-se às seguintes religiões:

Tabela 29

RELIGIÕES	QUANT.	%
Católica	26	74
Candomblé	02	06
Adventista	01	03
Católica Brasileira	01	03
Espírita	01	03
Mórmon	01	03

A religião católica continua a ser predominante em ambos os bailes, com o detalhe de que a umbanda e o candomblé têm uma presença muito maior nas respostas femininas do que nas dos homens, apesar de continuarmos notando a presença de várias igrejas protestantes. A despeito de podermos aferir uma presença das religiões afros, é interessante a referência à maior participação de religiões orientais, como: Budista; Seicho-No-Iê e Messiânica. O destaque fica por conta de uma das frequentadoras do Espaço Atual que afirmou ser do grupo de Mórmon. Percebe-se, portanto, nesse local o mesmo uso eclético da religião, que dependo do local e da situação em que se está¹²⁷. No entanto, vale a pena

¹²⁷ Quando perguntamos, após o término do questionário, para a pesquisada se ela tinha conhecimento de que aquela religião originalmente defendia que os negros eram descendentes de Satanás, ela afirmou que sim, mas que foi informada, pelos líderes da Igreja, que no Brasil eles pensam diferentes. Para ela, a explicação que lhe foi dada satisfazia. Segundo esta mesma

destacar a presença do espiritismo, ao lado, de um certo catolicismo de fachada, sempre presente nas respostas mais oficiais.

pesquisada, para a sua família foram os Mórmons que tiraram o seu irmão mais velho do vício da bebida.

CAPÍTULO 4 – ENTRE O MN E O HIP-HOP

1 – Separação entre lazer e política ou vice-versa

Como já afirmei anteriormente, comecei esta pesquisa com a proposta inicial de levantar o quanto os freqüentadores desses dois bailes *black* construíam suas identidades tendo como ponto de partida a definição de negro do MNU. Com o desenvolvimento da pesquisa fui percebendo que o MNU, ou qualquer outro ‘representante do MN político, estava praticamente ausente nestes locais: havia quase um abismo entre o discurso político e a realidade desses bailes.

Vale destacar que grande parte do público pesquisado aponta outros representantes quando se refere ao MN, tais como: Olodum, Cidade Negra, Racionais MC’s, Jabaquara Break, Sampa Crew (grupos artísticos musicais); Ludo África, Tilai (empresas comerciais); Cafundó de Pirapora, etc. Para eles, o MN tem uma significação bem mais ampla do que a entendida pelo próprio grupo, e mesmo para parte da academia, que afirma que o MN é composto somente por grupos organizados política e ideologicamente.

Aqui fica demonstrado que, apesar de terem alguma noção do que poderia ser o MN político, estas pessoas, na verdade, mantêm um contato mais constante com outro grupo de militantes políticos, que são os *rappers*. Estes, além de freqüentarem os dois bailes, são vistos pelo público, em geral, e se entendem como um grupo à parte dos demais. Os freqüentadores comuns – não militantes – vêem os dois bailes como locais de lazer prioritariamente. Já para os *rappers*, além de espaços e momentos de ócio, são também *locus* filosófico e de politização.

Diferente da grande massa¹²⁸, que prefere utilizar os bailes para dançar e namorar, os *rappers*, além de ‘curtirem’ músicas especiais, procuram utilizar os bailes para desenvolver atitudes mais grupais e comprometidas politicamente com suas visões de mundo. Para os *rappers*, os bailes são espaços de devem ser ocupados para lazer e para reforçar suas opiniões acerca das mazelas sociais a que

¹²⁸ O uso do termo massa não tem aqui uma significação pejorativa, ou mesmo crítica, na linha do pensamento frankfurtiano (1985). Trata-se de uma forma de destacar a maioria das pessoas, comparando-as com um grupo minoritário presente no mesmo espaço.

estão submetidos os “pretos” e os pobres. Assumem uma posição convergente e consistente grupalmente falando.

Eles são reconhecidos pelo conjunto mais amplo do baile como “diferentes”. Por esses motivos, podemos, sem grandes problemas, assumi-los como um grupo étnico, no sentido de Barth (1969), uma vez que seus componentes se julgam e, concomitantemente, são reconhecidos pelo outro como um grupo composto por um conjunto de sujeitos distintos deles.

Nos dois bailes estamos diante do seguinte ‘fato social’ (Durkheim, 1978), um dos grupos utiliza-os como espaço prioritariamente de lazer (é dessa maneira que ampliam as suas relações de participação social): o outro – MH2O – vê no passatempo, além de um tempo de ócio e descontração, uma forma de reforçar e divulgar suas propostas e ideologias políticas. Os limites entre lazer e política perdem sua positividade e, ao contrário, vai ficando cada vê mais evidente como ambos os termos permitem uma compreensão mais ampliada.

2 – O MN e o HIP-HOP (MH2O)

A Frente Negra Brasileira (FNB), surgida em 16 de setembro de 1931, foi a primeira grande expressão da luta dos “negros” e “mulatos”, no período republicano. A FNB traz uma nova condição na maneira de ser dos descendentes dos escravos e “negros”, e a opinião ideológica passa a ter grande peso para ela. Anteriormente o que importava era o ator social ser escravo, para justificar a sua luta contra o sistema político escravista. Aqui, só ser “negro” ou “mestiço” não basta para participar do grupo. Passa a ser fundamental concordar com suas práticas políticas e propostas ideológicas de mudanças sociais.

Apesar de ter sido um movimento que contou com grande participação popular, a FNB não foi uma unanimidade em seu período histórico. Tudo porque muitos de seus dirigentes eram monarquistas e defendiam uma ideologia direitista e autoritária, tais como apoiar Hitler, por entender que sua luta anti-semita era nacionalista, etc. (Pinto, 1993). A maior oposição à FNB foi praticada pelo grupo que formou o jornal “Clarim da Alvorada” – criado em 24 de janeiro de 1924, por Correia Leite e Jayme de Aguiar (Cuti, 1992; 33) -, que afirmavam serem de esquerda. O embate entre os dois grupos foi de tal monta que o segundo teve uma de suas gráficas “empastelada” pelo primeiro (Pinto, 1993; Cuti, 1992 e Barbosa, 1998).

A principal proposta de luta da FNB era a plena integração do “negro” e do “mulato” na sociedade brasileira. Tratava-se de um movimento nacionalista, e, por este motivo, seu maior inimigo não era o sistema político ou econômico existente na sociedade brasileira de então, mas sim os imigrantes europeus, que para cá vinham – patrocinados tanto pelo Estado como pela burguesia nacional – para ocupar o lugar do trabalhador “negro” e “mestiço”. Ante tal situação, os líderes da FNB entenderam que o melhor a fazer era apoiar a perseguição aos judeus na Alemanha, perpetrada pelos nazistas, como forma de consolidarem suas vitórias nas lutas internas no país. Para eles, que ocorria na Alemanha era visto como melhor exemplo do que o governo brasileiro deveria fazer. Na opinião dos frentes negrinas, Hitler não passava de um nacionalista que estava defendendo os interesses do povo alemão (Pinto, 1993). Não podemos deixar de levar em

consideração, porém, que em 1930 as atrocidades do nazismo contra o povo judeu, os ciganos e comunistas ainda não haviam se tornado públicas.

Na visão da FNB, o continente africano não era referência para a luta e a construção de uma identidade “negra” brasileira, nem mesmo a luta dos negros norte-americanos, e muito menos a história do Haiti (primeiro e único país em que os escravos venceram, pelas armas, um regime político escravista). Para os frentes negrinos estes eventos históricos – que atualmente são vistos pelo MN contemporâneo como exemplos a serem seguidos – não servira de modelos de lutas ou mesmo como fatos importantes, que merecessem ser referenciados ou mesmo divulgados, o que não passa de uma outra forma de interpretação da história.

No que tange a história nacional, a FNB desprezava Palmares e despejava elogios para os abolicionistas e à princesa Isabel. Que dizer, eles defendiam que houvesse mudanças na sociedade brasileira, sem alterar a estrutura sócio-política existente no país. Como podemos notar, a FNB era bastante conciliadora em seus projetos políticos, assim como em suas opiniões. Apesar disso, ela lutava para que houvesse mudanças profundas nas relações ‘raciais’ brasileiras.

Para a FNB, o parâmetro da luta dos “negros” deveria ser os “brancos”. Em seus jornais havia várias propagandas de produtos para alisamento de cabelos, clareamento de pele (Pinto, 1933; Sodré, 1999). Toda a sua direção era católica apostólica romana e não tinha, nem defendia, qualquer aproximação como o candomblé, com a umbanda, muito menos com a capoeira. O samba era a única expressão cultural de origem “negra” que eles utilizavam. Não por mera coincidência, a sociedade também não o discriminava como as outras expressões.

A FNB fechou suas portas porque seus líderes sentiram que tinham força política suficiente para transformá-la num partido político. Devido a uma contingência da história, esta transformação ocorreu pouco tempo antes do golpe de Estado conduzido por Getúlio Vargas¹²⁹ que, em 1936, criou o Estado Novo, momento em que foram postos na ilegalidade todos os partidos políticos, sem exceção.

¹²⁹ Francisco Lucrécio e Marcelo Orlando Ribeiro, dois ex-participantes da FNB, afirmam que Getúlio Vargas foi muito simpático com a aquela entidade social, chegando a apoiar muitas de suas lutas (Barbosa, 1998).

Com o fim da FNB, a luta contra a discriminação passou por um longo período sem que qualquer grupo de luta anti-racista conseguisse destaque político-social igual ao que esse grupo alcançara. Foi uma etapa em que prevaleceu o destaque individual, em detrimento dos grupos, e nesse contexto se destacaram: Abdias Nascimento, Geraldo Campos de Oliveira, Aguinaldo de Oliveira Camargo, Solano Trindade, etc. (Nascimento, 1981). O hiato não deve ser compreendido, no entanto, como um período de total ausência de grupos organizados, mas sim como um período em que as entidades existentes foram ‘aclipsadas’ pelas atuações individuais.

Como já foi dito na introdução deste trabalho, a pesquisa desenvolvida pela UNESCO, na década de 1950, sobre as relações raciais, no Brasil, trouxe para o conjunto do MN um novo alento. Isso porque ela abalou as bases de sustentação da ideologia da ‘democracia racial’, fundamento de certas práticas discriminatórias que oprimiam os “negros” e “mulatos” brasileiros. Esse trabalho como já afirmamos anteriormente, aumentou muito a legitimidade da luta do MN. Os maiores reflexos dos resultados desses estudos puderam ser percebidos nos idos de 1970 a 1990.

As décadas de setenta e oitenta foram bastante turbulentas na sociedade brasileira. A principal luta era pelo fim da Ditadura Militar e o retorno da democracia política. Vários foram os setores sociais que, devido à repressão sócio-política trazida pelo Golpe de 1964, procuraram se organizar na tentativa de ampliar seus espaços numa futura nova ordem social, que surgiria caso ocorresse o retorno da liberdade política: homossexuais, mulheres, estudantes – secundaristas ou universitários -, ambientalistas, sindicalistas, trabalhadores, negros, etc. É ‘natural’ que, perante tantas frentes de lutas, houvesse tentativas de alguns desses grupos de se apresentarem como mais legítimos, e, portanto, representantes de todos, mas esse não é nosso principal foco de estudo e, portanto, não nos aprofundaremos no tema.

Os governos militares, devido à sua política um tanto quanto aleatória de perseguição a seus opositores, levaram muitas propostas e projetos políticos antagônicos, existentes em nossa sociedade, a atuarem conjuntamente na luta pelo fim da então chamada Ditadura Militar. O maior responsável por este fenômeno político foi o bipartidarismo, imposto pelos então “donos do poder” (Faoro, 1989). Neste período histórico tivemos católicos aliados com ateus, liberais unidos com

socialistas, sindicalista junto com patrões, “negros” com “brancos”, homossexuais com heterossexuais, etc. No caso do MN não foi diferente. As pessoas, devido à total ausência de liberdade de expressão e de organização social, procuravam se unir, sem levar em consideração suas visões ideológicas divergentes internamente.

Como fim do regime autoritário e, conseqüentemente, do bipartidarismo, as pessoas e os grupos políticos puderam optar por uma atuação política junto a aliados com maior convergência ideológica. Este fato também teve imensa influência junto ao conjunto de militantes do MN. A abertura política permitiu uma maior liberdade de organização política na sociedade, que resultou na legalização dos partidos comunistas e socialistas, bem como no surgimento de novas agremiações político-partidárias. Antigos opositores da ditadura optaram por se aproximar dos seus, antes, opressores, sob a afirmação de que nada tinham de socialista ou de esquerda, ou mesmo com a social-democracia ou os democratas.

A escolha do partido político passou a significar um compromisso maior com projeto políticos que visassem a conquista do poder. No MN esta opção teve o peso de fazer com que muitas vezes os compromissos partidários ficassem à frente da luta anti-racista. A maioria dos partidos não assumia o combate à discriminação racial como algo prioritário. A esquerda entendia que o socialismo, por ela defendido, traria o fim de tal prática social nefasta. Já a direita entendia que o Brasil não era racista, mas preconceituoso, nada tão grave. Bastava uma política mais assistencialista do governo e estaria superado o problema. Isto é, os “negros” e “mestiços” passariam a ser aceitos ‘normalmente’. Os militantes do MN não concordavam com tais argumentos, mas em ambos os lados suas vozes eram ignoradas pela maioria, quase que absoluta, das lideranças.

A provável e única exceção deve ter sido o Movimento Trotskista¹³⁰, representado pelos organizadores do jornal “VERSUS”, que defendia a necessidade de haver uma frente ampla dos trabalhadores contra a Ditadura Militar e pela construção de um Governo Socialista e Revolucionário no Brasil, Baseados na proposta trotskista de organização política, estes atores políticos defendiam que o MN deveria ser uma organização de massa, com a direção de um partido político revolucionário marxista. Ou melhor, a luta anti-racista estaria

¹³⁰ Era assim que eles se identificavam publicamente.

subordinada à luta econômica-política. Em outras palavras, apesar de parecer elitista, esta proposta tinha o mérito de defender que a luta contra a discriminação deveria ser de responsabilidade de todos os brasileiros que pensavam e lutavam por uma sociedade mais justa e igualitária. O principal resultado da ação política deste grupo foi o surgimento do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, já comentado anteriormente na introdução deste trabalho.

O MN atual é composto por um número grande de grupos e organizações, sendo que cada um acredita ter o projeto mais justo e correto. São muitos os motivos para as divisões: opção religiosa, partidária, local de moradia, referência sexual, etc. Esta grande proliferação de entidades leva muitas pessoas a entenderem que aí está a maior dificuldade na luta dos “negros” e “mestiços” pelo término da discriminação racial aqui existente, como se esta fosse uma responsabilidade sócio-política unicamente deles.

O MN tem como principal luta política eliminar a discriminação, ou, segundo ele mesmo afirma, acabar com o racismo brasileiro. Os embates intrapartidários, ao irem para o interior do MN, levaram consigo, primeiramente, uma divisão que, pouco a pouco, foi ficando cada vez mais irreconciliável no conjunto de seus militantes. A escolha partidária foi, progressivamente, sufocando a participação na luta anti-racista, embora não fosse este o desejo das pessoas (Moura, 1994).

Em São Paulo, com a vitória do PMDB nas eleições estaduais de 1982, a divisão foi aprofundada. Os militantes petistas do MN assumiram uma postura de total oposição à administração de Franco Montoro, o que os colocou em oposição frontal a seus “irmãos” “negros” e “mestiços” do PMDB. A partir daí passou a ficar evidente que havia algo mais, que suplantava a tão defendida união ‘racial’ dos “negros” e “mestiços” brasileiros. Montoro, primeiro governador eleito pós-regime militar, pelo Estado de São Paulo, havia assumido um compromisso, durante sua campanha eleitoral, de que nomearia um representante dos “negros” e “mestiços” no primeiro escalão de sua administração.

Uma vez ocorrido o pleito, tendo garantido a sua vitória eleitoral, o ‘contrato’ assumido com os “negros” e “mestiços” peemedebistas não pôde ser cumprido, devido aos intensos acordos políticos contraídos durante o período pré-eleitoral. Esta situação, mais a nomeação de três secretários “negros” – Segurança, Comunicação e Assistência Social – feita pelo governador Leonel Brizola, eleito

pelo Estado do Rio de Janeiro na mesma ocasião, colocou o recém chefe do Estado de São Paulo numa situação bastante frágil perante os militantes do MN do PMDB.

Seis meses após sua posse, numa tentativa de reconciliar-se perante o MN do PMDB, Montoro decide criar o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra. Este órgão ficaria ligado ao gabinete do governante – tendo como principal função elaborar implementar políticas anti-racistas no Estado de São Paulo. Seguindo o exemplo de Montoro, Sarney, no decorrer de seu governo, decide tombar a Serra da Barriga, no Estado de Alagoas, localização provável da capital do quilombo de Palmares – denominada Macaco -, assim como criou também a Fundação Palmares, ligada ao Ministério da Cultura. Tudo como forma de contemplar os negros militantes que apoiavam seu governo.

Jânio Quadros, prefeito eleito da cidade de São Paulo, em 1985, seguindo os mesmos passos de Montoro e Sarney, cria, por Decreto-Lei, o Conselho Municipal do Negro e o Eco Museu do Negro, localizado num parque, na zona leste da cidade. Posteriormente, a administração de Luiza Erundina, prefeita petista eleita para substituir Jânio Quadro, transformou o Eco Museu do Negro em Parque Chico Mendes, homenagem a este líder dos seringueiros, assassinado em 22/12/88. Setores do MN do PT negociaram a criação de um órgão, também ligado ao gabinete da prefeita, que foi a Coordenadoria Especial do Negro (CONE), em substituição ao Conselho Municipal do Negro.

Todos estes fatos demonstram que os militantes do MN, ao fazerem uma opção partidária, conseguiram, cada um em seus partidos, sensibilizar pelo menos as cúpulas dirigentes das administrações públicas por eles apoiadas, para as suas reivindicações. Estes apoios não foram resultado de nenhuma demonstração de poder de força junto à massa “negro-mestiça” que esses grupos diziam representar. Podem muito significar uma preocupação das lideranças políticos partidárias em parecerem um pouco sensíveis à luta anti-racista levada pelo MN, que na década de oitenta já era por demais denunciada em vários estudos acadêmicos.

O único setor que demonstrava qualquer sensibilidade para esta questão, principalmente neste período histórico foi a extrema direita. Paulo Maluf, liderança deste setor político, em seu segundo mandato de governador nomeado pelos militares no poder, recebeu de um de seus assessores políticos – Sebastião

Pio da Silva – uma proposta de controlar a natalidade das populações “negra” e “mestiça” do Estado de São Paulo. Na opinião deste assessor, devido ao grande crescimento vegetativo destas populações, até o ano 2.000 elas conseguiriam eleger um governador “negro” em São Paulo. Esta proposta só veio a público porque foi ‘vazada’ para um repórter do jornal “O Estado de São Paulo”, que fazia cerrada oposição à administração de Paulo Maluf. Por ironia da história, esta mesma figura política, quando eleita prefeita da cidade de São Paulo, nomeou um negro como seu Secretário de Finanças: Celso Pitta. Posteriormente, seu apoio político garantiu a eleição deste mesmo auxiliar, que passou a ser o primeiro alcaide “negro” da cidade de São Paulo.

A atitude do jornal “O Estado de São Paulo” não foi única entre os órgãos de imprensa, muito pelo contrário. A grande imprensa, principalmente nos estertores da Ditadura Militar, passou a dar cada vez mais espaços para as reivindicações apresentadas pelo MN. Na televisão, a TV Cultura de São Paulo, no final da década de 70, fez um programa chamado “O Negro da Senzala ao Soul”, em que o samba representava uma posição conformista frente à situação de vida do negro brasileiro, enquanto que o *soul*, ritmo musical “afro-americano”, era apresentado como sendo uma expressão da consciência negra assumida pela juventude de cor. Após este programa, outras emissoras passaram a exibir cada vez mais em suas programações a imagem do negro. Nos anos oitenta, a TV Manchete exibiu dois programas em que o negro foi o tema principal: “Escrava Anastácia” e “Mãe de Santo”. Podemos dizer que o ápice desta postura televisiva ocorreu quando a TV Globo exibiu a novela “A Próxima Vítima”, às vinte horas, horário “nobre” da TV. Este folhetim eletrônico teve uma família nuclear de classe média “negra”, composta de pais e filhos, entre os seus principais atores.

No que tange à história nacional, no mês de maio temos o dia treze, que é oficialmente conhecido como a data em que ocorreu a “Abolição da Escravidão”. Já o MN define-o como “Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo”. No caso do dia 20 de novembro, que marca a morte de Zumbi de Palmares, o MN decidiu que deveria ser conhecido como “Dia Nacional da Consciência Negra”. Em função destes fatos, quase todo o conjunto da imprensa – escrita, falada e televisada – transforma o “negro” no principal tema de suas matérias jornalistas. Como podemos notar, o MN conquistou também junto à mídia um grande reconhecimento de sua luta política.

Paralelamente à conquista na mídia, o MN fez uma opção pelos partidos políticos, como forma de possibilitar que a luta anti-racista conseguisse conquistar inúmeros órgãos oficiais, que tivessem como principal função combater o racismo. Este fato aproximou o MN do poder político, mas, em contrapartida, não fez o mesmo junto à população “negro0-mestiça”, cujos interesses ele reivindicava defender. Não podemos dizer que o MN distanciou daquela ‘massa’, já que nada nos mostra que ele anteriormente tenha estado próximo dela. O fato é que há uma compreensão do “fato político” que distancia o MN do cotidiano dessas populações.

O que se pode afirmar, sem grandes problemas, é que o MN realizou acordos políticos com as cúpulas governamentais e partidárias, em nome de pessoas que sequer sabem o que estava acontecendo a seu redor. Assim, o MN repetia as práticas assumidas pelas elites políticas brasileiras, que entendem que participação política é um campo fechado e ‘minado’ para as ‘massas’ em geral. Muito provavelmente parte destas pessoas pensava em fazer uma revolução “dentro da ordem”, como afirmou Florestan Fernandes (1977). Mas os resultados de suas ações políticas mostraram-se bastante diversos.

O MN contemporâneo, com sua opção partidário-legalista, passou a ter um distanciamento da população “negro-mestiça”, maior do que o que havia no período da FN, que com suas atividades culturais procurava atrair mais e mais “negros” e “mestiços” para as hostes políticas. Nenhuma das festas que o MN patrocinou reuniu mais que quinhentas pessoas entre a população “negro-mestiça”, mesmo que contando com a presença de artistas de peso da MPB como: Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Eliana de Lima, Racionais MC’s, etc. Para se ter uma idéia do que estamos falando, a Chic Show conseguia levar em alguns bailes realizados no Ginásio do Palmeiras, na década de setenta, por volta de 20 mil pessoas em cada evento, e a Black Mad reuniu 10 mil no Estádio do Ibirapuera, na apresentação do grupo *rappers* norte-americano Public Enemy, em 1994.

No início de nossa pesquisa percebemos que as pessoas, ao serem questionadas sobre o que achavam do MN, demonstravam um desconhecimento quase que total acerca do que estávamos perguntando. Após uma pequena explicação do que seria o MN, diziam concordar plenamente com o projeto de luta desse setor social. O interessante era que, apesar de as pessoas entenderem que

sofriam as mesmas discriminações que o MN combatia, estes mesmos indivíduos não titubeavam em afirmar que a luta do MN era algo bem distante deles. Era uma atividade política que não lhes dizia respeito. Quase todos falavam do MN utilizando o pronome ‘eles’, isto é, viam-no como um ‘outro’ que pouco tinha a ver com eles. Alguns até expressaram o interesse de querer conhecê-lo, ou mesmo fazer parte dele, caso fosse possível. Outros fizeram duras críticas à total ausência do MN nos locais de grandes concentrações de “negros” e “mestiços”.

Este distanciamento talvez possa ser explicado, em primeiro lugar, pela total ausência de qualquer representante do MN junto a estas populações. Um outro motivo, talvez, possa ser colhido junto às próprias propostas e formas de atuação políticas do MN. Afinal, não podemos esquecer que a política em nosso país sempre foi praticada como uma atividade prioritariamente das elites. Mesmo grupos que defenderam uma maior democratização de nossa sociedade, no momento em que passaram a atuar no campo administrativo ou legislativo, acabaram por ser, muitas vezes, obrigados a negociar com partes das elites as suas propostas e projetos, que nunca foram aceitos em sua totalidade.

Ao fazer um acordo com as elites políticas brasileira sem maior respaldo da população “negro-mestiça”, o MN acabou propondo a criação de órgãos oficiais que em quase nada contribuíram para a melhoria da vida desta população. Os responsáveis por estes “aparelhos” oficiais, sempre advindos do próprio quadro de militantes do MN, podem ter notado alguma melhoria.

As propostas do MN talvez tenham sido aceitas tão facilmente por representantes das oligarquias políticas e econômicas brasileiras porque pouco se diferenciavam das práticas patrimonialistas e bacharelistas por elas praticadas. Afinal, o resultado social alcançado com estes órgãos, até agora foi garantirem uma participação, periférica, do MN na máquina estatal. Em outras palavras, pouco ou nada mudou no cotidiano dos “negros” e “mestiços”, explorados e excluídos. Assim como nenhum interesse das elites foi, de fato, abalado nessas situações. Esta pesquisa mostrou que mais de 90% dos pesquisados desconheciam totalmente qualquer um desses órgãos.

Talvez devêssemos reconhecer que, com o desenvolvimento econômico ocorrido na sociedade brasileira, surgiu uma classe média “negra” (Moura, 1994), que soube aproveitar bastante os espaços conquistados pelo MN, na mídia e no plano estatal. Parte deste setor social cada vez mais coloca na ordem do dia suas

reivindicações, que são mais e mais distantes dos interesses dos “negros” e “mestiços” pobres. A revista RAÇA Brasil, lançada em 1995, é uma boa fonte onde podemos conhecer algumas motivações sócio-econômicas desta classe social. Seu editor-chefe, Aroldo Macedo, afirma que o público alvo desta revista é o consumidor “negro”. Assim, a maioria das matérias mais focada por esta magazine é referentes a roupas, culinárias de luxo, entrevistas com grandes artistas e divulgação de casas noturnas próprias para as classes médias.

Quanto à capoeira, o samba e ao candomblé, pelo menos na cidade de São Paulo, se transformaram, a primeira em prática esportiva, a segunda cultural e a terceira em religiosa, com grande participação de “brancos”. Estes defendem que atualmente elas são expressões culturais brasileiras. O MN não tem qualquer ligação com nenhuma delas, políticas ou socialmente falando. O que ocorre é que alguns militantes, individualmente, optam por ter uma ligação mais profunda com o candomblé, com o samba ou mesmo com a capoeira. Apesar desse distanciamento, existem alguns mestres de capoeira (por exemplo, Gato, Rizadinha (sic), Miguel) que procuram manter uma certa relação com o MN. O mesmo ocorre no candomblé, através de algumas yalorixa e babalorixa¹³¹. Quanto ao samba, algumas lideranças até chegam a assumir algumas propostas do MN (finado Tobias, da Camisa Verde e Branco, Betinho, da Nenê da Vila Matilde, Sinvaldo, do Império do Cambuci, etc.), mas devido ao distanciamento do MN de suas práticas culturais, afirmam que não conseguem ser participante de qualquer grupo político de “negro” exclusivamente.

No que diz respeito aos bailes, vale destacar que o MN por muito pouco não teve a Zimbabwe como sua Equipe de baile, o que só não ocorreu porque os responsáveis pela sua criação não receberam um incentivo do MN para assim agirem.

Enfim, pelo outro lado, vemos como a separação entre política e lazer criou um abismo entre estas lideranças “negras” e uma juventude “morena” e “mestiça”, que pouco se identifica com esse tipo de atuação.

Talvez seja por isso que o HIP-HOP tenha alcançado, junto a esses grupos, um local privilegiado, onde voz política e voz cultural não se encontram

¹³¹ Palavras do idioma dos yorubá, grupo étnico-linguístico, que está localizado no que atualmente é a Nigéria, significa zeladora e zelador, respectivamente, de orixá.

dilacerados. Essa é talvez uma nova forma de fazer política, mais coadunada às novas gerações.

3 – Uma nova forma de fazer política e dançar

“Quatro Ps
Poder para o Povo Preto”
Saudação do MH2O

O Brasil, a gênese do movimento HIP-HOP ocorreu no interior dos bailes, através das músicas que as pessoas ouviam neles, e depois em suas casas, através dos *clips* apresentados pela MTV. Posteriormente, as próprias equipes passaram a apresentar todas as músicas com seus respectivos *clips*, em telões, nos próprios bailes. No início da década de oitenta, um grupo de jovens começou a se encontrar na Estação São Bento do Metrô, zona central da cidade de São Paulo, nas tardes de sábado e domingo. Nesses momentos, alguns dançavam o *break*, outros escreviam poesias e apresentavam-nas acompanhadas por um DJ. Havia batalha de rimas entre alguns autores. Outros apresentavam seus grafites em painéis de madeira ou de pano. Estava formado o movimento HIP-HOP de São Paulo. Em 1989, num show em comemoração ao aniversário da cidade de São Paulo, em 25 de janeiro, surgiu o Movimento HIP-HOP Organizado (MH2O).

Inicialmente estas pessoas não tiveram qualquer apoio dos responsáveis pelos vários bailes *black* de São Paulo. Estes, por se entenderem como empresários viam no movimento MH2O mais um problema para seus empreendimentos comerciais, do que uma solução. Os grupos de *rap* (canto), ou mesmo de *break* (dança), não podiam se apresentar nos bailes. O segundo grupo, através de pequenos ‘loteamentos’ que faziam nos salões, conseguia praticar sua arte nesses espaços; já o primeiro fora totalmente excluído.

A relação entre donos de bailes e o movimento MH2O continua até hoje sendo bastante tensa. Para estes últimos, os bailes deveriam ter uma função mais conscientizadora, procurando mostrar para seus públicos quem são os responsáveis pelas péssimas condições de vida a que é submetida à maioria de seus freqüentadores. Não poderiam vender bebidas alcoólicas e o preço dos ingressos precisaria ser mais baixo. Estas posições dificultaram bastante a abertura dos bailes para suas apresentações. Podemos afirmar que na verdade o sucesso que eles obtiveram fora dos bailes foi o maior trunfo para conseguirem se

apresentar nesses locais. Foi a pressão do público que garantiu ao *rap* seu espaço nos bailes *black*.

Em meados da década de oitenta, a Equipe Zimbabwe viu no *rap* uma forma de ganhar dinheiro através de suas músicas, que eram apresentadas na Estação São Bento e em alguns encontros do MH2O. Para tanto, os responsáveis desta equipe, que tinham uma gravadora, decidiram organizar várias coletâneas de grupos. Foi através dessas coletâneas que surgiram os grupos mais bem sucedidos do mundo HIP-HOP: Racionais MC's, Thaide e DJ HUM, DMN, Ndee Naudinho, etc. O crescimento do espaço nos bailes propiciou, por sua vez, o aparecimento de vários outros grupos de *rappers*.

Mas estas pessoas preferiram não ficar confinadas somente aos bailes. Dessa maneira, organizaram-se, por volta do final da década de oitenta e início de noventa, inúmeras 'posses' – reunião de grupos de *rap*, *break* e grafite – que tinham como principal função proporcionar um espaço onde eles pudessem discutir os problemas do MH2O, dos “pretos”, da sociedade em geral e, em especial, dos pobres e marginalizados, tais como: violência policial, desemprego, moradia, etc. Outra função foi a de aperfeiçoar seus dotes artísticos e organizar atividades em que fosse possível expor, sem qualquer censura, suas aptidões artístico-políticas. Em algumas dessas posses existem pequenas bibliotecas, formadas por doações dos participantes, para que os seus militantes possam se informar sobre as condições de vida dos “pretos” oprimidos e, também, sobre como melhor fazer política no Brasil. Quando não há uma biblioteca, as pessoas costumam trocar livros e revistas entre si.

A proposta política do MH2O pode ser consignada a partir da seguinte palavra de ordem: “Pode Crê, Quatro Os, Poder Para o Povo Preto”. A sua luta é prioritariamente em combate étnico-racial, que foi sendo ampliado com o passar dos tempos. Com o ingresso de muitas pessoas de pele cada vez mais clara, ou mesmo “brancas”, o movimento passou a defender a proposição de que o povo morador da periferia também era discriminado, tivesse ele pele ‘escura’ ou ‘clara’. Por este motivo, o MH2O começou a entender que os “brancos” obres também eram aliados de sua ‘guerra’, mas só os que habitavam os “fundões” da grande São Paulo, não entrando nesta aliança os *playboys*, os burgueses, ou mesmo a classe média “branca”. Por sinal, para alguns grupos mais radicais, nem mesmo a classe média “preta” poderia tomar parte.

Vários encontros gerais do movimento são organizados semanalmente. Neles são apresentadas as produções artísticas dos grupos e acontecem também discussões político-ideológicas. Inicialmente ocorriam às quartas-feiras, no salão Santana Samba, onde também aconteciam os bailes da Zimbabwe. Posteriormente, mudaram-se para o Sambarilove, no bairro do Bixiga, às segundas-feiras. Atualmente ainda continuam neste mesmo local.

Uma característica do MH2O que o torna bem distinto do MN é a grande religiosidade dos seus militantes. E é uma devoção bem cristã. Em varas capas de LP ou CD vêm estampadas fotos dos protagonistas com a bíblia nas mãos. Versículos são citados nestas mesmas capas ou nos encartes. Todas as apresentações são dedicadas aos pais dos artistas, a Deus e a Jesus Cristo. Esta postura levou muitos participantes do MH2O a ser protestantes, das mais diversas denominações. Outra religião de grande aceitação é o islamismo, por causa dos “negros” americanos. Faz-se necessário destacar que esta fé é profundamente política e ideológica. Para se ter noção deste fato, no último CD dos Racionais MC’s, Mano Brown, líder do grupo, em suas saudações finais afirma; “...eu acredito num homem de pele escura, cabelo crespo, que andava entre mendigos e leprosos. Seu nome é Jesus. Só ele sabe a minha hora. Aí ladrão, to saindo fora. Paz!”.

Apesar de serem cristãos, estes militantes não desprezam o candomblé. Muito pelo contrário, sempre encontram uma maneira de saudar os orixá em suas letras de músicas, e também não deixam de lado esta mesma religião nos instantes em que fazem suas saudações. O único senão é que o cristianismo vem sempre em primeiro lugar. Não há nenhum exemplo que tenha sido colhido por este pesquisador de qualquer capa de LP ou CD com referência a um orixá ou a outro símbolo sagrado do candomblé ou da umbanda.

Uma explicação para grande religiosidade cristão pode ser a origem sócio-econômica destes atores sociais. A quase totalidade deles mora nos bairros mais pobres e afastados da capital, ou das cidades que compõem a Grande São Paulo. Nestes locais, a violência, vinda da marginalidade, da criminalidade e da polícia é intensa. As drogas são vendidas em grandes quantidades. Diante de tal quadro, resta a eles apelar para as forças do além, na tentativa de saírem ilesos deste ‘campo minado’. A religião acaba sendo bem mais que um simples ópio. Serve mais como apoio espiritual na luta do dia-a-dia. Para se ter uma idéia do

que significa a violência para este movimento, os militantes do MH2O, a cada ano que passa, afirmam que são ‘sobreviventes’, no momento em que deveriam estar comemorando um aniversário.

Apesar de terem todos os motivos para se sentirem iguais ao grosso dos freqüentadores dos bailes *black*, os militantes do MH2O procuram diferenciar-se do público em geral, através de roupas, de suas maneiras de amarrar os cadarços dos tênis. Eles costumam trançá-los, segundo Moisés, líder do grupo Jabaquara Break, é esta é uma prática que teria começado nos EUA para diferenciar os grupos pacíficos dos violentos. Além disso, gestos especiais no momento de cumprimentarem-se e de conversarem, bem como a forma de dançar, distinguem o grupo. Vários pesquisados, quando inquiridos, faziam questão de explicar as diferenças que havia entre eles (militantes do MH2O) e o restante da ‘massa’. Alguns até demonstraram certa revolta por serem ‘imitados’, principalmente em suas indumentárias, pelos “lagartixas”; o que para ele significava um grande abuso destes ‘alienados’.

Eles também afirmavam que iam a bailes *black* porque se sentiam entre ‘iguais’ e também porque não eram discriminados. A boa recepção não os levava, porém, a criar uma identidade única, completa, ou total, com os outros freqüentadores. O baile é um *locus* em que eles podem se ‘proteger’ dos ataques dos racistas e discriminadores. No momento dessas agressões, as diferenças entre eles e o público do baile desaparecem. Fora este caso, eles são um grupo à parte. Entendem que essas pessoas são participantes de um outro grupo étnico, diverso do seu. Mas, frente à hostilidade da sociedade ‘branca’, fazem parte da totalidade bailística.

Temos aqui um fenômeno que pode ser comparado com o que ocorria entre os povos Nuers e os Dinkas. Quando a relação era só entre os dois grupos, o primeiro vivia de pilhar o segundo. Mas quando o europeu entrava em cena, o grupo passava a ser um só (Evans-Pritchard, 1978). Assim como no caso dos Yorubas, Haussas e Ibos – grupos étnicos que compõem a atual Nigéria -, que só assumem uma mesma identidade também frente aos europeus (Cohen, 1978). Quando estes estão ausentes, os primeiros entendem que devem ser os líderes políticos do país, e os segundos os comerciantes, enquanto que os terceiros são discriminados pelos dois grupos anteriores, entendidos como uma “raça” inferior.

Os *rappers*, quando estão ‘curtindo’ o baile acreditam que, por serem superiores aos demais frequentadores, formam um grupo à parte, a tal ponto que, como já informamos, dançam, conversam e mesmo bebem em separados¹³². A maioria absoluta deles não ingere bebidas alcoólicas. Na opinião deles, o álcool é um dos maiores responsável pelas péssimas condições de vida da população “preta” e pobre. São profundos inimigos das drogas e sempre procuram criticar seu consumo em suas letras de músicas e suas pinturas.

Eles argumentam que conquistaram o seu espaço nos bailes sozinhos, que não devem nada a ninguém por estarem nesses lugares. Muitas vezes contam com certos privilégios, não pagam, nem são revistados na entrada dos bailes, etc. Os próprios frequentadores ‘comuns’ consideram os militantes do MH2O um grupo à parte. Para eles, estas pessoas são identificadas como parte do MN. Podemos afirmar que, devido à quase que total ausência do MN neste espaço sócio-cultural, o MH2O cumpre nele a mesma função do MN junto a estas populações. O MH2O é o ‘outro’ – como o MN – desta ‘massa’.

Eles aceitam tal designação e procuram agir de tal forma que ela seja justificada. O MN nada tem contra o MH2O ser e se considerar praticante das mesmas ações políticas que ele. Talvez seja essa uma forma de se legitimar junto às populações “negras” e “mestiças” dos bailes. Afinal, o reconhecimento do MH2O não deixa de ser um reconhecimento indireto do MN.

Por isso, as pequenas diferenças existentes entre o MN e o MH2O - por exemplo, enquanto o integrante de um se diz “negro” o do outro se assume como “preto” – não os colocam em posições antagônicas. Ainda assim, os instantes de aliança desses dois grupos estão ficando cada vez mais raros. Esse conagraçamento ocorria nas manifestações de rua que o MN organizava, no entanto, como elas estão ficando cada vez mais escassas, na cidade de São Paulo ou em qualquer local da Grande São Paulo, é fácil entender o quanto estes grupos estão distantes.

O MH2O vê os bailes como uma nova forma de se assumir e fazer política. Eles conseguiram o que a FNB e o MN contemporâneo não atingiram: unir o lazer à política, em locais que são frequentados pela ‘massa’ de “pretos” e

¹³² Uma equipe da TV Cultura se dirigiu ao Clube da Cidade, para fazer algumas imagens daquele baile, para o programa “Visões de Liberdade”. No momento em que eles estavam gravando um grupo que treinava para se apresentar no palco, um *break* falou que eles não deviam dar tanta importância para aqueles ‘lagartixas’, pois assim que começasse a seleção de *rap* o seu grupo faria uma apresentação muito melhor.

“mestiços”. Esta conquista muitas vezes traz para os militantes do MH2O muitas preocupações, tais como estar sempre passando para seu público alvo e para os *boys* – seus inimigos – uma imagem de seriedade. Aliás, uma das principais características de todo e qualquer grupo de *rap*, *break* ou grafite é a total ausência de sorriso em suas apresentações públicas.

Na opinião desses atores sociais, os “pretos” e os pobres não têm nenhum motivo para sorrir. Em uma entrevista no programa “Fogo Cruzado”, na TV Bandeirantes, em 1997, apresentado por Paulo Henrique Amorim, um telespectador perguntou para Gog, líder do grupo *rapper* Câmbio Negro, de Brasília, por que ele mantinha um aspecto de seriedade durante toda a entrevista. Sua resposta foi curta e seca: “-Olhe ao se redor, veja se você tem motivo para sorrir. Eu não tenho”. Por este motivo, na opinião deles, as artes que praticam são, verdadeiramente, formas de militância; são atividades que visam, principalmente, conscientizar os oprimidos da situação em que vivem, bem como demonstrar que existem formas de superar as suas mazelas sociais. Muitos defendem abertamente a necessidade de ocorrer, no Brasil, uma revolução social. Existe um grupo que se denomina como “Revolucionários Radicais”. Para eles é pouco ser revolucionário, o importante é ser radical. Reforma nem se cogita.

Inicialmente o MH2O procurou uma aproximação com parte do MN, na tentativa de aumentar suas informações e melhor compreender os problemas existentes nesse seguimento da sociedade brasileira. Posteriormente, nos períodos eleitorais, ele procurou firmar uma aliança com o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), etc. – que na opinião dos principais grupos Racionais MC’s, Thaide, DMN, etc. – são os que mais se aproximam dos interesses dos pobres e oprimidos, extratos sociais compostos, em sua imensa maioria, pelos “pretos”¹³³.

¹³³ Aliança que nem sempre foi tranqüila: “em 26 de junho de 1997, um grupo de *rappers* invadiu um coquetel oferecido pela prefeitura de Santo André, do PT, e promoveu um quebra-quebra, em protesto ao que eles entendiam ser um boicote à presença da associação nas reuniões do orçamento participativo (Caros Amigos, 5).

O compromisso com os oprimidos e moradores da periferia é tão intenso que o lançamento do último CD do Racionais MC's, em 1997, foi feito pelas rádios alternativas, ou piratas. A tarde de autógrafo ocorreu num sábado, nas Grandes Galerias, localizadas no centro da cidade de São Paulo – entre o Largo do Paçandu e a rua 24 de Maio -, local onde funciona um grande número de cabeleireiros *black* e lojas que vendem exclusivamente CD e 'vinil' de *rap* – nacional e internacional. Este é também um dos pontos de encontro dos “pretos” de São Paulo. Só após este ritual é que eles passaram a fazer apresentações nos rincões da “*playboyzada*”.

A mídia colaborou muito para a divulgação do *rap* em nossa sociedade, diferentemente do que vinha ocorrendo com os outros estilos musicais que os bailes *black* importam para nosso país, tais como o *soul* e o *funk*. A abertura ocorreu principalmente pela TV, através da MTV, com seus *clips* e seu programa YO! RAP. Na rádio o pioneiro e grande incentivador foi o programa “Rap Brasil”, da emissora Metropolitana FM, que ia ao ar todas as noites, às 20 horas, de segunda a sexta-feira, apresentado por Armando Martins¹³⁴, nos idos de 1993 a 95.

Com sua proposta inovadora de militância, o *rap* trouxe à baila uma nova forma de fazer política na sociedade brasileira. O ineditismo de sua atuação não está em fazer uma arte engajada. Vários artistas já assumiram tal atitude, por exemplo: Chico Buarque de Holanda, Geraldo Vandré, Sérgio Ricardo, etc. A diferença entre o MH2O e os outros artistas é que os segundos entendiam que não era responsabilidade deles também assumir a frente a luta por uma transformação social. Para eles, esta era uma função que cabia, quase que exclusivamente, aos partidos políticos de esquerda, que no período da ditadura militar estavam todos na clandestinidade o Partido Comunista Brasileiro (PCB) – ou Partidão -, Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB). O representante legal dos excluídos no período do regime de exceção foi o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que na verdade era uma grande frente política que abrigava toda a oposição ao governo¹³⁵.

¹³⁴ Inexplicavelmente este programa foi tirado do ar, em 1995.

¹³⁵ Posteriormente, com o multipartidarismo, cada um destes artistas fez sua opção ideológica, mas com a mesma postura passiva.

O MH2O, diferentemente, assume para si, além da parte cultural – através da poesia, da dança e do grafite -, também o lado político ideológico e de convencimento, antes reservado aos partidos políticos e aos movimentos sociais. Para estes atores sociais a arte é uma maneira de divulgar suas bandeiras de luta e de persuadir o seu público – os “pretos”, os pobres e os moradores da periferia – sobre as suas condições de vida, e sobre o que é possível fazer na tentativa de forçar uma transformação radical nesta realidade. A poesia deve levar para o público letras sempre com mensagens radicais, que tratem das condições de vida dos “pretos” e dos pobres, enquanto que o *break* tem de ser uma dança que representa mais uma forma de luta e de resistência, e o grafite, sempre que possível, precisa exibir imagens sobre violência policial, discriminação e preconceito existentes na sociedade brasileira.

O MH2O entende que se ficar única e exclusivamente na arte, a sua colaboração na luta dos oprimidos será por demais limitada. Com esta posição era de se esperar que a relação entre o MH2O e o MN fosse bastante intensa, mas não foi o que aconteceu. Muito pelo contrário, o primeiro inicialmente teve uma postura de aproximação com o segundo, mas com o passar do tempo a relação entre eles passou a sofrer um processo de distanciamento político-ideológico. Inicialmente a diferença ficou restrita ao campo semântico; posteriormente, as divergências foram se deslocando para o campo ideológico e prático – talvez possamos afirmar, praxista.

Para se ter idéia deste distanciamento, o líder do grupo DMN – chamado LF – afirmou, em uma entrevista dada à revista HIP-HOP (ANO 1, Nº 1, DE 1999), que no início o nome do grupo significava “Defensores do Movimento Negro”. Com o amadurecimento, eles pararam de usar a palavra “negro”, por achá-la pejorativa, como “mulato”, “marrom bombom”, “pardo claro ou escuro”, etc. Daí o nome do grupo passou a ser uma simples reunião de três letras do alfabeto.

Para o MH2O, o MN não tem nenhuma relação com a população “preta” e pobre. Ele é composto por pequeno-burgueses, que só pensam em seus próprios interesses. Durante um certo tempo era bastante normal o MH2O participar das atividades desenvolvidas pelo MN. Atualmente a ligação entre estes setores sociais é cada vez mais rara, segundo depoimento de militantes do MH2O,

“porque o MN não vem assumindo uma atitude que justifique uma ligação entre eles”.

Como podemos notar, o MH2O procura assumir uma postura bem radical, revolucionária, apoiando, quase que exclusivamente, um partido de esquerda, o PT. Quando os partidos favorecidos por ele ganham as eleições, as relações entre o MH2O e a administração nova nem sempre têm sido amistosas. Em Diadema, a mais longa administração petista no país, na penúltima administração foi desenvolvido um projeto com vários grupos do MH2O. Esta postura não impediu que ocorressem vários conflitos entre o grupo e o Estado. Tudo porque na opinião deles o importante é defender os interesses dos oprimidos, seja em que governo for, numa postura que poderia ser, equivocadamente, definida como anarquista. Inicialmente eles participaram da campanha eleitoral, apoiando um candidato. Essa atitude nada tem a ver, portanto, com uma postura anarquista, ou libertária¹³⁶. Podemos definir a posição do MH2O como independente, ideologicamente, do Estado, seja quem for que estiver ocupando o principal cargo. Não podemos saber até que ponto eles sustentarão esta posição, mas até o momento esta tem sido a atitude por eles assumida.

O que se verificou aqui foi, na verdade, uma “surpresa”. Fomos ao baile tentado encontrar o Movimento Negro político, o que descobrimos foi a sua ausência, ao menos física, contrastando com a forte presença desse novo grupo que é o Movimento HIP-HOP Organizado.

¹³⁶ Uma boa obra sobre a ideologia anarquista ou libertária é Anarquista e a Democracia Burguesa, Malatesta e outros (1980).

4 – Que tipo de identidade podemos ver nesses bailes

Neste ponto podemos notar que estamos diante de dois grupos sociais – o público em geral e os *rappers* – bem distintos. Apesar de compartilharem do mesmo espaço público, são diferentes entre si. Uma das distinções está no fato de que o segundo grupo utiliza-se do termo “preto” para se identificar, enquanto que o outro faz uso de diversos qualificativos, tais como: “mulatos”, “morenos”, “pardos”, negro”, etc.

Interessante é notar que apesar de haver uma plasticidade maior entre o grupo que compõe a maioria, não é possível afirmar com toda a convicção, como fez Clóvis Moura (1988), que estas pessoas estão procurando uma estratégia de negação de uma possível “negritude”, presente em sua ascendência. Isso porque este conjunto de pessoas ao serem inquiridas sobre o motivo de frequentarem aqueles espaços não titubearam em afirmar que assim agiam porque se sentiam entre “seus iguais”, porque lá não eram discriminados. Além dos preconceitos que elas denunciam existir em outros espaços, definidos por eles muitas vezes como de “boys”, de “brancos”, não deixam de enfatizar que é nesses bailes *black* que se sentem entre iguais.

Entre os dois grupos existentes nesses bailes há uma espécie de hierarquia social, em que o “público/massa” – chamemos assim – está na base, e o MH2O no topo. Ou seja, “às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existências” (Bourdieu, 1994; 82). O público/massa entende que o MH2O, como parte politizada do grupo, é a elite político-cultural, ou seja, um tipo de vanguarda.

O MH2O reivindica para si uma condição especial frente ao conjunto dos frequentadores ‘comuns’. Em contrapartida, a maioria reconhece a legítima esta postura. Através de várias colocações feitas por alguns dos pesquisados, tais como “eles denunciam o racismo brasileiro”, “mostram para os ‘brancos’ que eles não são melhor que os ‘negros’”, notamos que o MH2O é visto como a parte consciente destes públicos. Ser militantes do MH2O significa ter consciência das condições de vida dos “pretos” e dos moradores das zonas geográficas mais

pobres e abandonadas do Brasil, o que traz para tais militantes responsabilidades e compromissos na luta pela superação desta situação.

O MH2O responde às opiniões sobre si assumindo uma posição bem definida. Para tanto, seus militantes entendem que são diferentes e melhores que a ‘grande massa’. Por este motivo, também se refere ao seu público admirador, composto em sua maioria de “pretos”, com termos pejorativos, tais como ‘lagartixas’, ‘negros limitados’, etc. Revoltam-se quando esses ‘inferiores’ acham-se no direito de imitarem suas vestimentas e formas de dançar.

Estas posturas nos mostram que para o MH2O todos os frequentadores que possuem “na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos” (MNU, 1988; 18) da ‘raça preta’ são “pretos”. Mas esta condição não lhes garante uma igualdade social junto a seus militantes, que também são “pretos”, mas conscientes. Além de “preto” a pessoa precisa ter atitude, ‘assumir a luta’, ‘ter consciência da realidade em que vive a maioria dos “irmãos”’. Sem estas qualidades o sujeito estará prejudicando a luta, “jogando no time contrário”. Em outras palavras, não serve para nada. Consequentemente, não é um ‘igual’.

Enfim, para MH2O não importa a cor da pele, todos são “pretos”, mas desiguais entre si, o que importa é o compromisso com a luta política. Em outras palavras, estas pessoas por serem ignorantes quanto à existência do racismo e da discriminação no Brasil também lhes faltam uma consciência quanto à sua identidade étnica. Essa posição é bem diversa da do MN. Ou seja, o MH2O, com esta opinião, não entende que seja necessário que os “pretos” sejam uma maioria na sociedade brasileira, para assim adquirirem a legitimidade de sua luta contra o racismo. O importante é eles serem conscientes da sua condição de vida e daí partirem para o combate, a legitimidade de sua pugna política está na sua própria prática.

As pessoas dos dois bailes falam do MH2O da mesma forma como se referem ao MH (este totalmente ausente dos bailes), para tanto utilizam sempre o pronome ‘eles’, designando-os como um ‘outro’. Esta situação é assumida pelo público, porque ele entende que uma das várias funções sócio-culturais do MH2O – além de danças, cantar e ‘grafitar’ – é lutar contra o racismo, a violência policial, a exploração econômica e social em que vivem a maioria dos frequentadores dos dois bailes e a população “negra-preta-mestiça” e pobre, em geral.

O MH2O é, por meio de sua arte, um verdadeiro *griot*¹³⁷, que procura leva para seu público a história dos “pretos” no Brasil. Além disso, busca denunciar as péssimas condições de vida em que estes foram jogados.

Já o MN tem como principal proposta unificar todos os “negros” e “mestiços” num mesmo grupo, na intenção de conseguir o apoio de uma maioria populacional, e assim validar a sua luta contra a discriminação, o preconceito e o racismo. Seu objetivo é atingir, o quanto mais rápido possível o fim destas práticas sociais nefastas na sociedade brasileira e no mundo. Esta posição é bastante diversa da assumida pelo MH2O que, no convívio com o seu público alvo, acaba procurando destacar as diferenças existentes entre eles, como forma de validar a sua luta política. Já o MN, ausente, assume um discurso de igualdade entre ele e seu povo.

Apesar de veicular posições que priorizam a plena igualdade entre os “negros” e os “mestiços”, a prática política do MN o levou a distanciar-se dos locais onde esta massa se concentra. Dificilmente se vê um militante do MN nas Escolas de Samba, ou nas academias de capoeira, ou terreiros de candomblé e umbanda, até mesmo em bailes *black*. Os espaços político-sociais em que ele mais atua (partidos políticos, sindicatos e órgãos estatais – secretarias, assessorias e empresas) são os que contam com uma grande ausência do seu público alvo.

Nos dois bailes temos uma parte da população que se reúne todos os finais de semana para prioritariamente se divertir, e outra que se junta para, além de dançar, fazer política. Tudo porque os segundos entendem que este é o local mais apropriado para poderem curtir seu lazer e também conscientizarem outras pessoas, que seriam os “pretos” e os pobres, das suas condições de existência.

A despeito da grande afinidade existente entre eles, o que os une é o fato de se sentirem, não “negros” ou “pretos”, mas discriminados, perseguidos por suas aparências e condições de existência, que muitas vezes denunciam alguma ligação ancestral com os temo da escravidão. Quando a pessoa é explicitamente “branca”, parece que o estímulo para ir a estes espaços é uma solidariedade ou mesmo ‘cumplicidade’ para com esses oprimidos.

¹³⁷ Termo, de origem francesa, recobre uma série de funções no contexto da sociedade africana. Numa sociedade em que os conhecimentos eram tradicionalmente transmitidos pela palavra – de forma oral – o **oral** tinha uma posição de destaque, pois lhe cabia transmitir a tradição histórica: era o cronista, o genealogista, o arauto, aquele que dominava a palavra, sendo, por vezes, excelente poeta; mais tarde passou também a ser músico e a percorrer grandes distâncias, visitando povoações onde tocava e falava do passado” (*História Geral da África*, apud Niane, 1982).

Por tudo que foi demonstrado, não é possível afirmar que os indivíduos que na pesquisa se disseram “mulatos”, “pardos”, “morenos” ou “jambos” estavam simplesmente tentando se aproximar do “branco”¹³⁸. O que percebemos foi a utilização de formas de identificação aceitas pelo conjunto geral da sociedade brasileira.

Embora os dois bailes sejam bem distintos entre si, os seus públicos utilizam argumentos idênticos para justificar as suas preferências por tais expressões culturais. Embora valha a pena destacar que no Espaço Atual há uma homogeneidade maior entre os seus (no que diz respeito à posição sócio-econômico-cultural) do que a existente no Clube da Cidade, em ambos os casos as pessoas demonstraram ter nesses bailes *black* de São Paulo seu espaço preferido de lazer musical e dançante.

Este fato mostra que, para além da questão social, o que motiva essas pessoas a irem a esses e outros bailes *black* na grande São Paulo é uma forma de prevenção contra as possíveis agressões sociais a que imaginam estarem sujeitas caso decida ir a outros locais se distrair. O que temos é uma escolha de lazer baseada muito mais em prevenção e cautela que em preferências musicais, pura e simplesmente. Isso porque, na opinião da maioria, são os bailes *black* que os garantem frente a adversários que estão espalhados por toda a sociedade brasileira ou, mais precisamente, pela “realidade paulistana”. Cohen (1978), Cunha (1985 e 1987) e Barth (1969) afirmam que atitudes similares a essas assumidas por esses atores sociais devem ser entendidas como estratégias políticas, isto é, formas étnicas de se identificar, que o grupo assume para melhor poder usufruir dos prazeres sócio-culturais à sua disposição.

Apesar de esses dois bailes serem denominados pelo termo norte-americano *black*, e de a diversidade entre seus freqüentadores em seus interiores ser bastante grande, se formos analisar esses espaços com relação à sociedade em geral, também podemos concluir que eles constituem-se como grupos étnicos. E que uma certa “negritude” faz parte do ‘cimento’ que dá consistência a esses conjuntos.

Um bom exemplo do que estou afirmando foi um fato ocorrido na EEPG Ângelo Bortolo, no bairro de Tremembé, quando fui convidado a dar uma

¹³⁸ Embora muitas vezes este fato possa acontecer. Para melhor exemplo consultar Silva, 1996.

palestra sobre “Questão do Negro no Brasil”, no mês de agosto de 1999. Lá encontrei dois irmãos “negros”, que freqüentavam o Clube da Cidade, no período em que fiz a minha pesquisa. Perguntei-lhes se continuavam a ir àquele local e ambos responderam que não. Indaguei aonde estavam indo no momento.

A resposta resultou no seguinte diálogo entre eles:

O primeiro afirmou “- Estamos indo a um salão de dança, aqui no Horto Florestal”.

O segundo cobrou do primeiro uma maior objetividade em sua informação.

O primeiro perguntou o que faltava informar.

O segundo disse-me “- Professor, estamos indo a um baile de branco”.

O primeiro replicou “- Mas estamos tendo grande sucesso com as mulheres de lá”.

O segundo reafirmou “- Mas o baile é de branco. Ou seja, deixamos de ir a um baile de negro para irmos a um baile de branco”.

Este diálogo fraterno, e outras falas colhidas na pesquisa, tais como: “- Aqui estou entre iguais”, “- Aqui não sou discriminado”, etc. demonstram que as pessoas que freqüentam estes bailes assumem que eles são uma expressão cultural de “negro”. Talvez pela música, pelas danças, ou mesmo pelo próprio público.

É possível compreender que uma pessoa vá a um baile de “negro” simplesmente por gostar das músicas que tocam lá, das danças executadas naquele local, das pessoas que o freqüentam, ou mesmo do ambiente, e não se entender como “negra”.

O fato de não se perceber como tal não significa que ela esteja necessariamente tentando negar qualquer vínculo com este setor social. Se assim fosse, como entender a atitude do pesquisado que usava o *bottom* com a inscrição “negro é lindo” e, quando respondeu inicialmente e com convicção que sua cor era “negra”, e logo depois, ao ser indagado sobre sua “raça”, entendeu que era melhor corrigir a cor para “morena” e assumir a “raça” “negra”. Estaria ele negando o que assumira anteriormente? Se fosse este o caso, então estaríamos diante de uma contradição.

Mas, se analisarmos bem, notaremos que não é o que está acontecendo. Afinal, além de ele estar portando citado *bottom*, inicialmente assumiu ser “negro”, mas somente quando foi indagado sobre sua “raça”, passou a entender

que a cor de sua pele é, se levarmos em consideração unicamente a percepção visual, melhor definida como “morena”. Já sua “raça”, que é muito mais fruto de uma posição político-ideológica, poderia ser a “negra”.

Poderíamos ser levados a afirmar que sua conscientização, no que diz respeito à ‘negritude’, é bastante volúvel e instável. Mas isso também não é verdade, pois em nenhum momento ele contrapôs ser “negro” a ser “moreno”. Acontece que ao assumir a “raça negra” ele passa a entender que não precisa mais ser da mesma cor, pois a segunda definição, *per si*, já determina a sua postura ideológica no mundo, a primeira é como ele é visto pelo público em geral.

Este fato mostra o quanto “raça” e cor são conceitos fluidos para o pesquisado (Sansone, 1992, Maggie, Guimarães, 1999 e Da Matta, 1999). É certo que frente ao termo ‘cor’, “raça” ganhe uma outra conotação. É possível, para as pessoas pesquisadas, pensar que são “morenas”, “marrons”, “pardas” na cor – fenômeno que pode ser percebido e constatado empiricamente – e “negra” na “raça” fato nem sempre comprovado visualmente, mas que pode ser resultado de uma opção simbólica ou ideológica.

Lembremos que a maioria dos entrevistados no Clube da Cidade não soube responder qual a sua “raça”, muitos sequer entenderam a pergunta, uma grande evidência de que este conceito é também muito distante da realidade deles. Outro fato a ser destacado é o circuito cultural que essas pessoas constroem quando decidem onde ir dançar. Nesse momento, elas levam em conta o fato de o salão ser um local em que, preferencialmente, ocorrem bailes *black*. Ou seja, além desses dois bailes, os pesquisados procuram sempre outros locais similares, para poderem ‘curtir’ um lazer de fim-de-semana ou feriado. Essa parece ser uma forma de sociabilidade que, no caso, leva a uma maneira de delimitar uma identidade.

Não bastasse a preferência pelos bailes *black*, esse gosto prossegue quando o assunto é cinema e rádio. As películas mais citadas são as que fazem parte da filmografia *black* norte-americana, nem sempre porém tematizando a questão “racial”. Os programas de rádio mais indicados são os que tocam preferencialmente músicas *black* norte-americana (*Soul, funk, R&B, Rap* e *Pop*) e a negra brasileira (Tim Maia, Sandra de Sá, Jorge Benjor, etc.), o *rap* nacional e o samba (este concentrado ao pagode). Quanto à TV, onde a presença “negra” é bem mais escassa, a receptividade é bastante baixa entre eles. Estas mesmas

peessoas, quando decidem ir a um cabeleireiro, optam pelos salões *black* que cuidam prioritariamente de cabelos crespos.

Nesse sentido, a minha conclusão é radicalmente contrária à que chegou Vianna em seu trabalho, O Mundo Funk Carioca. Para esse autor, os bailes *funk* carioca não servem, de maneira nenhuma, para construir uma identidade entre seus freqüentadores (1988; 105). Aqui em São Paulo, como nos mostram os dois bailes pesquisados, ocorre exatamente o oposto. O que notamos é que através dessa forma de lazer as pessoas procuram destacar uma identidade étnica e por isso política. Mas essa identidade não é única, nem fechada, mas bastante plástica, elástica e diversificada. Tudo isso bem de acordo com o jogo criado pela sociedade brasileira ao longo de nossa história.

Assim, as pessoas quando vão a esses bailes *black* o fazem porque é neles que encontram um espaço social onde podem ter a certeza de que não serão discriminadas, poderão ampliar as suas relações sociais através de novas amizades, assim como procurar parceiros afetivos que partilhem de sua concepção de mundo. Tal situação é resultado da forma como a sociedade brasileira fixou suas relações ‘sócio-raciais’. Nelas os “negros” e os “mestiços”, apesar de serem considerados atores sociais diferenciados, terminam discriminados por não serem “brancos”. Embora seja preciso considerar que a discriminação entre eles é bastante distinta – quanto mais ‘escura’ maior será a opressão (Ribeiro, 1995; Schwarcz, 1998) -, não é possível desconsiderar que os dois grupos sofrem o “preconceito racial”.

Isso faz com que esses dois sujeitos sociais assumem uma postura próxima, mas ambígua. Num instante suas condições são convergentes, em outro, divergentes. Apresentarei dois exemplos dessa discrepância. O primeiro ocorreu em uma mesa de bar, na quadra da Escola de Samba Camisa Verde e Branca, localizada no bairro da Barra Funda, na zona Norte da cidade de São Paulo, num sábado.

Enquanto um grupo cantava samba no palco, estávamos conversando sobre amenidades sambísticas, quando um companheiro de pele clara, militante do MN, dirigiu-se a mim falando: “- Batista, nós os negros ...”.

Ao ouvir tal comentário, um outro, de pele escura, não militante do MN, perguntou-me ao ‘pé-de-ouvido’ “- Ele disse nós os negros?”

Respondi que sim.

Ele replicou, também em tom baixo, “- Mas ele não é negro”.

Disse-lhe que era melhor que conversasse diretamente com a pessoa em questão.

O segundo indagou ao primeiro sobre o porquê de ele falar “nós, os negros”. Afinal, no entender dele, o mesmo não era “negro”, já que sua pele era muito clara.

O questionado indignado, revoltado e nervoso, passou a gritar que era “negro”, sim, e que não admitia ser questionado quanto a esse fato. Para ele, o tom de sua pele não importava nada. Assim, ele exigia que fosse reconhecida a condição de igualdade entre todos da mesa.

A resposta, à sua posição foi que todas as pessoas que estavam na mesa afirmaram ser muito difícil vê-lo como “negro”, pois a cor de sua pele não era tão escura quanto a da maioria dos participantes da conversa.

Devemos destacar que, neste diálogo, os ‘mais escuro’ não estavam reivindicando qualquer condição de superioridade frente ao interlocutor ‘mais claro’, nem demonstravam nenhuma intenção de o estar ‘discriminando’, devido à sua cor. Só mostraram dificuldade em ‘vê-lo’ como um igual: “negro”. Pois, no entender dessas pessoas não militantes do MN, ele seria “mulato”, “moreno”, talvez “pardo”. Jamais “negro”. Eles não estavam fazendo, pelo menos aparentemente, uma discussão sobre valoração em que o “negro” era melhor ou pior que os mais “claros”, mas simplesmente constatando a existência de uma diferença entre um e outros.

Já o militante do MN tem outra posição, para ele não importa a opinião dos mais escuros, não participantes do MN. Em sua opinião, não existe qualquer diferença entre toda e qualquer pessoa que tenha algum ascendente “afro”, e não se deve relevar a cor e suas peles, mas somente a parte afro de sua origem. Isto é, enquanto o militante do MN procurou defender a existência no Brasil de uma forma bipolar de identificação – negra e branca -, as demais pessoas argumentavam exatamente o contrário, isto é, em nossa sociedade os indivíduos podem fazer uso de um amplo leque de maneira de se ver no mundo.

O segundo fato, já relatado anteriormente neste trabalho, mas que gostaria de resgatar, foi o instante em que as meninas ‘mais escuras’ no Clube da Cidade ficaram cobrando a ‘mais clara’ sobre o que ela responderia quando indagava sobre sua cor. Aqui a questionada, diferentemente do anterior, ficou em dúvida e pedia ajuda, insistentemente, ao pesquisador sobre o que responder. Vale dizer que as

‘mais escuras’ não afirmavam abertamente que ela era “negra”, mas ficavam falando: “- Vamos ver o que ela vai responder agora, depois de andar tanto com a gente”.

Estes fatos talvez possam ajudar a compreender o quanto são complexas as relações ‘étnico-raciais’, numa sociedade em que a discriminação é do tipo de ‘marca’, como defendeu Oracy Nogueira (1985), e retroativa Fernandes (1965). Nesse tipo de agrupamento social, prevalece muito mais a fenotípia que a origem do sujeito. Assim é possível encontrar pessoas de pele bem escura que se assumam como “morenas”, e outras com a pele clara que se digam “negras”. Diante desses fenômenos poderíamos achar que as pessoas não sabem como se identificar, mas tentaremos demonstrar que não é este o caso.

No primeiro caso, o sujeito ‘mais claro’, militante do MN, assume a identidade “negra”, mas é questionado pelos mais ‘escuros’, por entenderem que ele não era um igual a eles. Já na segunda situação, as meninas ‘escuras’, não militantes do MN, procuram ‘cobrar’ da segunda uma resposta que as aproxime da ‘mais clara’, sem explicar, em momento algum, que ela fosse uma igual, ou seja, “negra”.

Esta grande diversidade de identificação é utilizada pelo conjunto da sociedade brasileira, e significa muito mais do que uma simples forma de negação. por este motivo, alguns - Sansone (1995), Maggie (1998), Silva (1996) e Schwarcz (1995) – entendem que deva ser vista e analisada como um fato social relevante.

Ante tal ‘caldo cultural’ diversificante, a postura bipolar assumida tanto pelo MN como pelo MH2O (não esquecendo que o segundo grupo tem uma postura mais próxima da pluralidade nacional, uma vez que sua intenção não é uma plena união de todos os não-brancos num mesmo grupo étnico) acaba não tendo grande penetração junto a estas duas populações. Um dos motivos é a grande propagação do mito da “democracia racial” e do modelo da “cordialidade” brasileira (Holanda, 1979), que resulta em uma relação social que tende muito à negociação seguida de um conflito (Reis, 1989) entre seus ‘opositores’: os “brancos” e os “não-brancos”.

Só dessa maneira é que podemos compreender porque uma mesma pessoa pode condenar um discurso radical contra os “brancos”, feito por uma liderança do MN e, posteriormente, rejeitar com toda a veemência o *rapper* carioca Gabriel, o Pensador, por ele ser “branco”. O mesmo ocorre no caso da entrevistada que afirmava que quebraria os discos do grupo *rap* Racionais MC’s porque dois dos seus

componentes só namoram com “brancas”, e que apoiava o namoro do DJ Vira-Lata “negro” com sua amiga “branca”, porque, em sua opinião “- Ela é muito legal.

O que se pode concluir é que as pessoas que se encontram nestes locais, além do lazer, vêem os bailes como uma forma de se organizar contra uma sociedade discriminadora e a sua maneira racista. Diferentemente dos EUA, aqui no Brasil os mesmos “adversários sociais” preferem ouvir iguais gêneros de músicas. Não só em suas casas particulares, mas em locais públicos em que eles, os adversários, são a maioria. Por este motivo é que podemos ver muitos “brancos” cantando *rap* e samba aqui. Já nos Estados Unidos, quando os *White* passam a preferir as expressões musicais *black* estes passam a não mais considerá-las *black*. O maior exemplo deste fenômeno é o rock.

Para a grande maioria dos pesquisados não é preciso atacar os seus ‘adversários’ sociais para conseguir uma melhor condição de existência, basta ficar afastado deles. Em alguns momentos até chegam a tentar uma aproximação com os “brancos” mas, segundo seus testemunhos, não são muito felizes: “- Fui a uma festa em que a maioria era ‘brancos’ e fui discriminados”, “- Tentei namorar uma ‘branca’ seus familiares foram contra”, “- Meus **amigos**¹³⁹ na escola vivem fazendo brincadeiras racista comigo”. Para muitos dos pesquisados, o MN e M2O, muitas vezes, se mostram incoerentes, denunciam o racismo e a discriminação brasileira, assumem um discurso radical contra os “brancos”, acusando-os de serem os maiores inimigos dos “negros”, mas muitos de seus militantes namoram ou mesmo são casados com “branco(a)s”.

No meu entender estas pessoas, por viverem nua sociedade que fez opção por não assumir as suas contradições explicitamente, procuram levar a vida da melhor forma possível, isto é, “combater e negociar” muitas vezes pode ser o melhor caminho. Quando sofrem qualquer revés, dão alguns passos para trás, mas não desistem de continuar tentando melhorar as suas relações com os “brancos”, que no limite representam o poder. Muitos deles ao ingressar em um dos grupos do MN ou do MH2O, disponíveis na sociedade, possivelmente abandonam a negociação, pelo menos aparentemente.

Enfim, se quisermos comparar estes dois bailes à sociedade envolvente, notamos que estamos diante de um grupo étnico que procura se garantir contra a

¹³⁹ Destaque meu.

hostilidade de outros. Neste momento, as suas diferenças intensas são totalmente esquecidas. Quando olhamos internamente o que temos é um grupo bem heterogêneo. Esta diversidade precisa ser entendida como uma forma legítima de existência. Assim, não é legítimo assumir que todos são simplesmente “negros”, mesmo porque, como vimos, este termo não consegue unificá-los. Primeiro, porque alguns entendem que não são “negros”, mas sim “preto” e melhores que os demais. Segundo, porque a própria compreensão da experiência de ser “negro” no Brasil passa por crivos, argumentos e projeções diferentes, dependendo muito das ligações sociais de cada grupo.

CONCLUSÃO

Propomos que os estudos sobre identidade levem em conta, definitivamente, este ‘arco-íris’ como forma característica brasileira de proceder em nossa sociedade. Ela não é só uma maneira de não-dizer, de não-ser, muito pelo contrário. Muitas vezes, esta nossa particularidade afirma e revela muita coisa.

Quanto ao conceito “raça”, em algumas análises ele pode ajudar, mas com certeza é preciso ter um imenso cuidado ao aplicá-lo. Guimarães (1999) entende que sociologicamente “raça” pode ser utilizado para se comparar os “não-brancos” com os “brancos”. Para este autor, as desigualdades sócio-econômicas brasileiras estão baseadas nas origens das pessoas, os “negros” e os “mestiços” compõem a maioria da base de nossa pirâmide social. Este fato ocorre porque os primeiros são ‘explicitamente’ descendentes dos escravos, enquanto, que os mestiços têm ligações com os “opressores” e os “oprimidos”.

Ultimamente podemos perceber que o MN está se conscientizando de que o termo “negro”, utilizado por ele, não serve para ‘juntar’ todas as pessoas “não-brancas” num único grupo. Por este motivo, o MN está tentando encontrar um novo termo que consiga unificar todos os discriminados. A primeira tentativa foi o uso do termo ‘afro-brasileiro’.

Até o momento, esta proposição também não foi aceita pela maioria do conjunto de pessoas que deveria designar. Atualmente o que está em voga é o termo “afro-descendente”, muito utilizado por grande parte do MN, pela imprensa e por parte da academia. Esta preocupação dá uma falsa impressão de que o grande problema da luta anti-racista e anti-discriminação brasileira seja meramente semântico.

Por colocar como princípio legitimador de sua luta a condição *sine qua non*, de os “negros” serem maioria na sociedade, o MN entende que de qualquer maneira precisa atingir esta condição. Como no cotidiano tal situação está difícil de ser alcançada, ele tenta, através de mudança na terminologia, demonstrar que esta circunstância social é real. Até o momento, “afro-descendentes”, apesar da grande receptividade obtida no mundo militante, não vem demonstrando a mesma desenvoltura entre a população ‘não-branca’. Afinal, ninguém, neste trabalho, utilizou tal termo para se auto-identificar.

O MN procura justificar sua luta contra o racismo com argumentos anti-racistas. Acontece que o seu ‘inimigo’ não assume uma forma de ataque direto e aberto. Muito pelo contrário, sua atuação sempre foi bastante dissimulada. Esta situação faz com que os discriminados, em sua reação, também procurem disfarçar suas atitudes, ou mesmo sequer perceberam que estão sendo discriminados.

O MN utiliza os argumentos anti-racistas, como forma de acabar com o racismo, a discriminação e o preconceito na sociedade brasileira. Desta maneira, ele procura positivar o que é negativo nas mãos dos racistas, simplesmente altera o sinal dos postulados de seus inimigos.

Assim, qualidades que poderiam ser melhor compreendidas se fossem analisadas como resultados das relações sociais e culturais brasileiras passam a ser vistas como ‘naturais’, isto é, biológicas: fenotipia passa a determinar a “raça”. Em outras palavras, o conceito “raça”, tão combatido devido, principalmente, às ações nefastas dos nazistas na Segunda Guerra, é ressuscitado e valorizado pelo MN. Isto é, “raça” que antes era um termo estatístico a ser abolido, principalmente nas ciências sociais, passa a ser o grande legitimador do raciocínio que defende que os “mestiços” são “negros”. O interessante é que tal ‘recauchutagem foi feita, muitas vezes, sem grandes reflexões.

Quando digo que a aula inaugural de Marilena Chauí inspirou esta minha pesquisa, é porque concordo com as proposições que defendem que termo “raça” deva ser abandonado, o máximo possível, nos trabalhos acadêmicos, como conceito explicador fundamental de nossas relações étnicas. Já está mais do que demonstrado que para as ciências humanas “raça” tem pouco ou, na maioria das vezes, nada a acrescentar. A existência de “raça”, até o momento, não foi confirmada por nenhum estudo científico. Muito pelo contrário, todas as tentativas de provar sua existência não tiveram sucesso¹⁴⁰. Um dos últimos fracassos foi a obra *Bell Curve* (1994), de Hernstein e Murray, que tentaram provar cientificamente que os “asiáticos” e os “brancos” são superiores aos “negros” e “índios”. A UNESCO já publicou em português pelo menos dois livros, frutos de dois Congressos Mundiais Contra o Racismo, que são *Raça e Ciências I e II* (1990), tentando demonstrar que “raça” é um conceito que não tem qualquer coerência científica. Além desses livros a UNESCO publicou vários artigos em sua revista oficial sobre este mesmo tema.

¹⁴⁰ Boas foi um dos antropólogos que mais procurou demonstrar a ineficácia do conceito “raça” para as ciências sociais (1976 e 1986).

Um exemplo de como o anti-racismo pode desembocar em uma nova forma de preconceito, aqui em nosso país, ocorreu no “Fantástico”, da Rede Globo. Um dos repórteres deste programa, Maurício Kubrusly, fez uma matéria em que procurava mostrar o grande sucesso que os ‘pagodeiros’ faziam junto às loiras. Os argumentos que as mulheres e os artistas utilizavam para justificar o motivo de ‘tamanho’ êxito desses músicos era que os “negros” são ‘mais bem dotados’ que os “brancos”. O que explicava o fato de as “loiras” gostarem mais deles não era a sua arte, mas sim a parte ‘animalesca’ destes artistas; isto é, elas imaginavam que eles tinham um ‘sexo enorme’.

O interessante foi que, na reportagem, ninguém explicou por que a pessoa tinha que ser ‘pagodeira’ para despertar tanto *frisson* naquelas meninas, se o que mais lhes atraía era não era a arte apresentada, mas uma ‘qualidade’ anatômica ocultada. Afinal, pela lógica do argumento, todo e qualquer “negro” deveria ser assediado, mas não foi o que se falou na matéria.

O que antes era forma de discriminação – deformação estética – passa agora a ser uma qualidade a ser legitimada e propagandeada, até pelos meios de comunicação de massa. Em outras palavras, seguindo este pensamento, os racistas não estavam errados ao afirmarem que os negros eram superdotados, mas SM e, tornar pejorativa tal condição física.

Após a aula inaugural de Marilena Chauí, passei a concordar com o raciocínio apresentado por ela. Neste sentido, podemos imaginar que o anti-racismo assumido pelo MN aqui no Brasil, se não nos levou a um neo-racismo, fez com que as próprias vítimas passassem a achar que os argumentos, antes combatidos com tanto vigor, de seus inimigos só estavam invertidos, positivavam o que deveria ser negativizado, e vice-versa, nada mais que isso.

Com certeza o resultado em nosso país será diferente do que ocorreu na Europa, nosso ‘racismo’ é uma adaptação das teorias e práticas surgidas naquele continente. Logo, é legítimo pensar que as reações também não serão as mesmas que ocorreram lá. Mas esta diferença não significa que nosso “anti-racismo” aqui seja melhor. Pelo que estamos notando não está sendo.

Como parte de nossa sociedade entende que nosso ‘racismo’ é melhor que o americano, o sul-africano, e o europeu é compreensível que também entendam que a nossa reação, isto é, o anti-racismo brasileiro seja mais benevolente que o europeu. Se não era possível concordar com a posição de haver ‘racismo’ melhor que outro,

também achamos que suas contrapartidas têm mais probabilidade de ser nefastas que benéficas.

Nos EUA, matriz da forma política e ideológica ‘racialista’ assumida pelo MN, a situação é diferente. Lá o racismo em geral não é visto como um grande problema – nem pelos opressores, nem pelos oprimidos -, mas somente o seu lado negativo, que é a sua utilização para exploração e humilhação, principalmente, dos “negros” e dos “índios” (Guimarães, 1999). Podemos afirmar que todo norte-americano se vê no mundo como participantes de um grupo ‘racial’. A América do Norte é composta por um conjunto de “raças” à parte. Lá “negros”, “mestiços” e mesmos “brancos” dos países localizados ao sul do Equador são vistos como latinos, hindus, caribenhos, e constituem um grupo “racial” à parte, não importando que venham ascendência européia ou africana.

Para eles, *black and White* são somente os norte-americanos. Os descendentes de europeus, com exceção dos vindos da Inglaterra, são antes ítalos, francos, irlandês, etc., para depois serem americanos. Já os habitantes do então chamado ‘terceiro-mundo’ são hispânicos, latinos, africanos, asiáticos, etc. Um exemplo da postura ‘imperial’ daquele país foi a discriminação que uma bailarina “negra” sofreu em um hotel, na cidade de São Paulo, na década de 50 (Bastide e Fernandes, 1971 e Nascimento, 1978)¹⁴¹. O governo norte-americano protestou veementemente contra tal ousadia, isto é, tratar com desrespeito uma cidadã daquele país. O interessante é que naquela nação, na ocasião, os “negros” não tinham respeitados os seus plenos direitos civis. O *black* lá era tratado como inferior ao *White*, mas frente aos povos dos países ‘subdesenvolvidos’, eles deviam ser vistos como superiores, simplesmente porque eram norte-americanos.

Ao optar pelo modelo americano, o MN não tem a obrigação de assumi-lo como um todo, quem copia não tem a obrigação de copiar tudo, pode fazer recortes, assim como escolher o que vai utilizar (Schwarz, 1987). O MN brasileiro, como era de se esperar, procurou adaptar à sua sociedade o ‘racialismo’ norte-americano. Em sua aplicação, o MN procurou respeitar a postura ‘fenotípica’ brasileira, em detrimento do ‘geneticismo’ norte-americano. Isto é, aqui passam a valer muito mais as ‘heranças’ aparentes, percebidas, que as ocultas, não compartilhadas pelo conjunto maior de nossa sociedade.

¹⁴¹ Este fato resultou na implementação da Lei Afonso Arinos, que classificava os atos de racismo e discriminação como contravenção penal.

No Brasil para o MN, é “negro” quem parece e assume ser “negro”, embora haja algumas negociações com pessoas que, pelo menos mais diversos motivos, decidem ser “negras”, não importando o momento em que ocorra esta posição. Seguindo o mesmo raciocínio, se nos EUA há os “brancos-negros”, pessoas de pele clara que procuram esconder possíveis relações de ascendência com ‘ex-escravos’ para serem tratadas como “brancas”, no Brasil teríamos os “pardos”, “mulatos” e “morenos” que tentam afastar para o mais longe possível suas ligações com a ‘negritude’.

O problema é entender que todas as pessoas que utilizam as mais variadas formas de se identificar na sociedade brasileira estão, por princípio, tentando negar uma ligação com um certo passado africano. Devido à opção ‘arco-íris’ assumida pela sociedade brasileira, as pessoas muitas vezes não conseguem perceber, imediatamente, a qual grupo pertence se ao dos “pretos”, dos “morenos”, dos “pardos”, etc. Esta situação faz com as pessoas se identifiquem de acordo com a sua fenotipia. Só que esta comunicação não ocorre de forma tranqüila e sem percalços: muitos pelo contrário.

Para se ter uma idéia do que estamos falando, aqui vai mais um exemplo. Para não constranger ninguém, não revelaremos o nome do protagonista desses fatos. em um entrevista concedida à Universidade Federal do Rio de Janeiro, um militante do MN disse que até seus trinta e quatro anos de idade não se achava “negro”. Procurava até mesmo não falar sobre a questão. Para todos se dizia “mulato”. Só mostrava para as pessoas a foto de sua mãe “branca” e espanhola.

Em 1976, ele ingressou num seminário. No primeiro treze de maio naquele espaço, um grupo de seminaristas oriundo da região sul do país (em sua opinião, descendentes de alemães) decidiu preparar as mesas de refeição de forma que s “brancos” ficassem em uma e os “negros” na outra. Esta foi chamada de ‘navio negreiro’. Ele sentou-se na mesa dos “brancos” e ficou gozado os “negros”.

Alguém reparou que uma cadeira estava vazia, denunciou ainda que ela estava reservada para ele. Quando foi questionado sobre por que não estava ocupando, respondeu que não era “negro” para sentar-se lá. Seus ‘amigos’ “brancos” compulsoriamente colocaram-no no ‘navio negreiro’. Sua primeira reação foi querer abandonar o seminário imediatamente, ante tamanha ‘ofensa’. O pároco, chefe do seminário, afirmou entender a posição dele. Pediu-lhe que antes de ir embora lhe mostrasse uma foto de sua mãe. Ao tomar contato com o retrato da mãe do

seminarista o pároco não demonstrou surpresa por a genitora ser “branca”. Imediatamente solicitou-lhe que também lhe mostrasse uma foto pai. Sua resposta foi que não tinha nenhuma, no momento. O pároco disse que esperaria, que não precisava ter pressa.

Ele foi até seu quarto e lá percebeu que tinha uma foto do genitor – velha e desgastada – no fundo de sua mala. A muito custo, segundo o depoente, ele procurou o pároco e mostrou-a. Este também não comentou nada, simplesmente olhou-a. Neste momento, o depoente afirmou que passou a perceber que não era “branco” e que estava negando sua parte “negra”.

Resumindo este enredo, atualmente este indivíduo é um militante radical do MN, para quem não existe, na sociedade brasileira, “mulato”, “pardo”, “moreno”, etc. Toda a sua vida anterior foi deletada por ele. Na opinião desse militante, inclusive pessoas que tiveram ou têm a mesma experiência que ele devem ser consideradas como co-participantes do seu antigo ‘problema’ de identidade. Ele sequer admite que possa ocorrer com elas o mesmo que lhe aconteceu.

Como podemos ver, uma sociedade que ‘abraçou’ o ‘branqueamento’ como forma de superar o seu ‘problema racial’, não poderia, em concomitância, assumir totalmente nem as teorias racistas da Europa, nem o modelo bi-racial norte-americano. Esta situação atingiu tanto as elites da sociedade, como os setores submetidos política e socialmente, o que impediu que qualquer dos possíveis grupos ‘raciais’ pudesse se consolidar como ‘puro’ ou único. É voz corrente que não existe brasileiro ‘puro’. Darcy Ribeiro afirma que “O Mestiço é que é o Tal” (1997), Caetano Veloso afirma ser “mulato”, sem qualquer problema. Não foi à toa que Sílvia Romero (1943) afirmou que todo brasileiro é mestiço nem que seja só na alma.

Com quase toda a certeza, para melhor podermos entender a nossa sociedade, deveríamos, ao invés de ficar negando esta diversidade de formas identificatórias assumi-las como possibilidades não anômicas, mas funcionais e práticas (Schwarcz, 1999), e desta forma estudá-las juntamente com as dominantes – “negra” e Branca”. Lévi-Strauss (1988) afirma que os totens que ocupam os extremos nem sempre servem para explicar as relações sociais, e que, na maioria das vezes, é mais interessante utilizar os intermediários, pois estes, muitas vezes, por trazerem a instabilidade, são mais interessantes para explicar a sociedade. Pode ser esse o caso dos “mestiços” brasileiros, como afirma Schwarcz, no artigo Complexo de Zé Carioca, de 1995. Muitas vezes, este grupo de pessoas é discriminado por não

pertencer ao grupo “branco” dominante e, continuamente, também nem sempre é aceito pelo dominado e discriminado grupo “negro”.

Na lógica oficial do Estado, passa-se o tempo todo acenando para os “mestiços” com a possibilidade de obterem uma condição de vida melhor se não forem entendidos como “negros”, assim como utiliza-se com frequência a ideologia do branqueamento na tentativa de convencer que o fato de portar na epiderme uma faixa concentração de melanina torna alguns melhores que outros. Já o MN mantém a postura de apelar para que os “mestiços” sejam seus aliados na luta pelo término do racismo no Brasil. Por fim, ambos os grupos acabam vendo no “mestiço” simplesmente um aliado futuro. Nunca um igual.

Para terminar, afirmo que já passou da hora de se encarar mais profundamente o significado da pesquisa do PNAD de 1970, em que surgiram as 136 cores. Os estudos sobre esta diversidade podem parecer bastante complexos, o que não deve ser entendido como um obstáculo insuperável. Afinal, a sociedade brasileira só tem a ganhar com o aumento das explicações sobre este fenômeno particular.

BIBLIOTECA

- ADORNO**, Theodor. 1993, *MINIMA MORALIA*. São Paulo, editora Ática.
- ADORNO**, Theodor e **HORKHEIMER**, Max. 1985, *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.
- ANDRADE**, Eliane Nunes de. 1996, *MOVIMENTO NEGRO JUVENIL: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. São Paulo, Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (em Xero).
- APPIAH**, Kwame Anthony. 1997, *NA CASA DE MEU PAI: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- ARAÚJO**, Ricardo Benzaquen de. 1994, *GUERRA E PAZ: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- ASSOUN**, Paul-Laurent. 1991, *A ESCOLA DE FRANKFURT*. São Paulo, Editora Ática.
- AZEVEDO**, Célia Marinho. 1987, *ONDA NEGRA, MEDO BRANCO: o negro no imaginário das elites, século XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BARBOSA**, Márcio (org.). 1998, *FRENTE NEGRA BRASILEIRA: depoimentos*. São Paulo, Quilombhoje.
- BARTH**, Fredrick. 1969, *ETHNIC GROUPS AND BOUDARIES: The Social Organization of culture difference*. Bergen-Oslo, Universitets Forlaget.
- BASTIDE**, Roger e **FERNANDES**, Florestan. 1971, *BRANCOS E NEGROS EM SÃO PAULO: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo, Brasileira.
- BERKELEY**, George. 1973, *GEORGE BERKELEY E DAVID HUME*. Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural.
- BERRIEL**, Maria Maia de Oliveira. 1988, *A IDENTIDADE FRAGMENTADA: as muitas maneiras de ser negro*. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo (em Xerox).
- BANTON**, Michael. 1977, *A IDÉIA DE RAÇA*. Lisboa, Edições 70.
- BOAS**, Franz. 1976, *THE MIND OF PRIMITIVE MAN*. New York, The Macmillan Company.

- 1986**, RACE, LANGUAGE AND CULTURE. New York, the Free Press.
- BONFIM**, Manoel. 1993, *A AMÉRICA LATINA: Males de origem*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- BOURDIEU**, Pierre. 1992, *A ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- 1994, *PIERRE BOURDIEU*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Editora Ática.
- BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. 1977, *IDENTIDADE E ETNIA: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo, Brasiliense.
- CARNEIRO**, Edison. 1988, *O QUILOMBO DE PALMARES*. SÃO Paulo, Editora Nacional.
- CARDOSO**, Fernando Henrique. 1960, *COR E MOBILIDADE SOCIAL EM FLORIANÓPOLIS: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil*. São Paulo, Brasiliense.
- CAVALCANTI**, Pedro Celso Uchôa e **RAMOS**, Jovelino (coordenadores). 1976, *MEMÓRIA DO EXÍLIO: Brasil 1964-19??*. São Paulo, Editora e Livraria Livramento Ltda.
- CHAU**, Marilena. 1993, *RACISMO E CULTURA*, São Paulo, FFLCH.
- CLEAVER**, Eldridge. 1971, *ALMA NO EXÍLIO*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- COHEN**, Abner. 1978, *O HOMEM BIDIMENSIONAL: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- COMAS**, Juan e outros. 1960, *RAÇA E CIÊNCIAS I*. São Paulo, editora Perspectiva.
- CUNHA**, Euclides da. 1995, *OS SERTÕES: campanha de canudos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves (37ª Edição).
- CUNHA**, Manuela Carneiro da. 1985, *NEGROS ESTRANGEIROS: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo, Editora Brasiliense S.A.
- 1987, *ANTROPOLOGIA DO BRASIL: mito, história, etnicidade*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- CUTI** (org.). 1992, *...E DISSE O VELHO MILITANTE JOSÉ CORREIA LEITE: depoimentos e artigos*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.
- DA MATTA**, Roberto. 1983, *CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- 1999, *O QUE FAZ O Brasil BRASIL*. Rio de Janeiro, Rocco.

- DEGLER**, Carl N. 1976, *NEM PRETO NEM BRANCO: escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, editorial Labor do Brasil.
- DOUGLAS**, Mary. 1976, *PUREZA E PERIGO*. São Paulo, editora Perspectiva.
- DURKHEIM**, Émile. 1978, *ÉMILE DURKHEIM*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural.
- DUNN**, I. C. e outros. 1960, *RAÇA E CIÊNCIAS II*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- EVANS-PRITCHARD**, E. E. 1978, *OS NUERS: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- FANON**, Franz. 1979, *OS CONDENADOS DA TERRA*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.
- 1983, *PELE NEGRA MÁSCARA BRANCA*. Rio de Janeiro, Fator.
- FAORO**, Raimundo. 1989, *OS DONOS DO PODER: formação do patronato político brasileiro*. Rio de Janeiro, Globo.
- FÉLIX**, João Batista de Jesus. 1996, Pequeno Histórico do Movimento Negro Contemporâneo, in *NEGRAS IMAGENS: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- FERNANDES**, Florestan. 1965, *A INTEGRAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE DE CLASSES: o legado da “raça branca”* (volume I). São Paulo, Dominus Editora / Editora da Universidade de São Paulo.
- 1965, *A INTEGRAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE DE CLASSES: no limiar de uma nova era* (volume II). São Paulo, Dominus Editora / Editora da Universidade de São Paulo.
- 1977, *CIRCUITO FECHADO: quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo, HUCITEC.
- 1985, *SIGNIFICADO DO PROTESTO NEGRO*. São Paulo, Cortez: Autores Associados.
- FOLHA DE SÃO PAULO & DATA FOLHA**. 1995, *RACISMO CORDIAL*. São Paulo, Ática.
- FREYRE**, Gilberto. 1978, *CASA-GRANDE & SENZALA: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro, José Olympio (1933 1ª edição).

- 1985, *SOBRADOS E MOCAMBOS: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora (1936 1ª edição), 2 Tomos.
- 1947, *INTERPRETAÇÃO DO BRASIL: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raça e cultura*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio editora.
- 1990, *ORDEM E PROGRESSO processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república*. Rio de Janeiro, Record.
- FRY**, Peter. 1982, Feijoada e Soul Food in *PARA INGLÊS VER*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HASENBALG**, Carlos Alfredo. 1979, *DISCRIMINAÇÃO E DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL*. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- HERRNSTEIN**, Richard J. e **MURRAY**, Charles. 1994, *THE BELL CURVE: intelligence and class struture em american*. New York, Free Press.
- HOBSBAWM**, Eric e **RANGER**, Terence. 1984, *A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque de. 1979, *RAÍZES DO BRASIL*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- IANNI**, Octávio. 1988, *AS METAMORFOSE DO ESCRAVO: apogeu e crise da escravatura no Brasil*. São Paulo, HUCITEC; Curitiba, Scientia ET labor (2ª ed. rev. e aum.).
- GREIMAS**, A. J. 1981, *SEMIÓTICA E CIÊNCIAS SOCIAIS*. São Paulo, Editora Cultrix.
- GUERREIRO**, A. L. Mário. 1989, *O DIZÍVEL E O INDIZÍVEL: filosofia da linguagem*. Campinas, Papirus.
- GUIMARÃES**, Antônio Sérgio Alfredo. 1998, *PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil*. Salvador, Novos Toques.
- 1999, *RACISMO E ANTI-RACISMO NO BRASIL*. São Paulo, Editora 34.
- LÉVI-STRAUSS**, Claude, s/d, *ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

- MAGNANI**, José Guilherme Cantor. 1984, *FESTA NO PEDAÇO*. São Paulo, Brasiliense.
- MAGGIE**, Yvonne. 1991, *A ILUSÃO DO CONCRETO: análise do sistema de classificação racial no Brasil*. Rio de Janeiro, Tese defendida banca como parte dos requisito para o concurso de professor titular de Antropologia, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (xerox).
- 1998, Cultura e Preconceito: raça, igualdade e diferença in *CULTURA IMAGINÁRIO*, **ROCHA**, Everardo (org.), Rio de Janeiro, Mauad.
- MALATESTA, BAKUNIN, KROPOTKIN, ENGELS e D. GUÉRIN**. 1980, *O ANARQUISMO E A DEMOCRACIA BURGUESA*. São Paulo, Global Editora.
- MAIO**, Marcos Chor. 1997, *A HISTÓRIA DO PROTESTO UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese de doutorado (xerox).
- MAUSS**, Marcel. 1988, *ENSAIO SOBRE A DÁDIVA: com introdução de Claude Lévi-Strauss*. Lisboa, Edições 70.
- MENDONÇA**, Luciana Ferreira Moura. 1996, *MOVIMENTO NEGRO: da marca da inferioridade racial à construção da identidade étnica*. São Paulo, dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Antropologia da FFLCH da USP (xerox).
- MOURA**, Clóvis. 1981, *REBELIÕES DA SENZALA: quilombos insurreições guerrilhas*. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas.
- 1983, *RAÍZES DO PROTESTO NEGRO*. São Paulo, Global Editora.
- 1988, *SOCIOLOGIA DO NEGRO BRASILEIRO*. São Paulo, Editora Ática.
- 1994, *DIALÉTICA RADICAL DO BRASIL NEGRO*. São Paulo, Editora Anita.
- MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO**. 1988, *1978-1988 10 ANOS DE LUTA CONTRA O RACISMO*. São Paulo, Confraria do livro.
- MUNANGA**, Kabengele. 1999, Mestiçagem e Experiências Interculturais no Brasil in *NEGRA IMAGENS: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo, Editora da universidade de São Paulo.
- 1999, *REDISCUTINDO A MESTIÇAGEM NO BRASIL: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, editora Vozes.
- NASCIMENTO**, Abdias. 1978, *O GENOCÍDIO DONEGRO BRASILEIRO: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- 1982, *O NEGRO REVOLTADO*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- NASCIMENTO**, Elisa Larkin. 1981, *PAN-AFRICANISMO NA AMÉRICA DO SUL: emergência de uma rebelião negro*. São Paulo, editora Vozes.
- NASCIMENTO**, Maria Ercília. 1988, *A ESTRATÉGIA DA DESIGUALDADE: o movimento negro dos anos 70*. Dissertação de Mestrado defendida na PUC/SP, São Paulo (xerox).
- NIANE**, Djibril Tamsir. 1982, *SUNDJATA ou A EPOPEIA MANDIGA*. São Paulo, Ática.
- NOGUEIRA**, Oracy. 1985, *TANTO PRETO QUANTO BRANCO: estudos de relações raciais*. São Paulo, T. A. Queiroz.
- 1955, Relações Raciais no Município de Itapetininga in *RELAÇÕES RACIAIS ENTRE NEGROS E BRANCOS EM SÃO PAULO*. São Paulo, UNESCO, Anhembi.
- 1992, *NEGROS POLÍTICO, POLÍTICO NEGRO: a vida do doutor Alfredo Casemiro da Rocha, parlamentar da "República Velha"*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- NOVAES**, Sylvia Caiuby. 1993, *JOGOS DE ESPELHOS: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA**, Roberto Cardoso. 1976, *IDENTIDADE, ETNIA E ESTRUTURA SOCIAL*. São Paulo, Pioneira.
- PEREIRA**, João Baptista Borges. 1967, *COR PROFISSÃO E MOBILIDADE: o negro e o rádio de São Paulo*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora da Universidade de São Paulo.
- PIERUCCI**, Antônio Flávio. 1999, *CILADAS DA DIFERENÇA*. São Paulo, Editora 34.
- PINTO**, Regina Pahim. 1993, *O MOVIMENTO NEGRO EM SÃO PAULO: luta e identidade*. São Paulo. Tese de doutorado defendida no Departamento de Antropologia da faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (xerox).
- RIBEIRO**, Darcy. 1995, *O POVO BRASILEIRO: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- REIS**, Eneida de Almeida dos. 1997, *MULATO: negro-não-negro e/ou branco-não-branco (um estudo psicossocial sobre identidade)*. São Paulo. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (xerox).

- REIS**, João José e **SILVA**, Eduardo. 1989, *NEGOCIAÇÃO E COFLITO: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo, Companhia das Letras.
- RODRIGUES**, Nina. 1957, *AS RAÇAS HUMANAS E A RESPONSABILIDADE PENAL NO BRAZIL*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.
- 1982, *OS AFRICANOS NO BRASIL*. São Paulo, Editora Nacional, Brasília, Editora de Brasília.
- ROMERO**, Sílvio. 1943, *HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA: contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora (3ª edição aumentada).
- ROSE**, Arnold. 1968, *NEGRO: o dilema americano (versão condensada de NA AMERICAN DELMMA de MYRDAL, Gunnar)*. São Paulo, IBRASA.
- ROSENFELD**, Anantol. 1993, *NEGRO. MACUMBA E FUTEBOL*. São Paulo, Perspectiva, Editora de Universidade São Paulo, Campinas, Editora da Universidade de Campinas (Debates, v 258).
- SAHLINS**, Marshall. 1990, *ILHA DE HISTÓRIA*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- SANTOS**, Gevanilda Gomes dos. 1992, *PARTIDOS POLÍTICOS E ETNIA NEGRA*. Dissertação de Mestrado defendida no departamento de Ciências Sociais da PUC/SP.
- SCHWARCZ**, Lilia Moritz Katri. 1987, *RETRATO EM BRANCO E NEGRO: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo, Companhias das Letras.
- 1993, *O ESPETÁCULO DAS RAÇAS: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- 1995, Complexo de Zé Carioca: sobre uma certa ordem da mestiçagem e malandragem in *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, Nº 29. SÃO Paulo.
- 1996, Questão Racial no Brasil in *NEGRAS IMAGENS: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- 1998, Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e a raça na intimidade in HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL: contraste da intimidade contemporânea. São Paulo, Companhia das Letras.
- SCHWARZ**, Roberto. 1978, *QUE HORAS SÃO?: ensaios*. São Paulo, Companhias das Letras.

- SILVA**, Nelson do Valle. 1996, MORENIDADE: modo de usar in *ESTUDOS AFRO-ASSIÁTICOS* Nº 30. Rio de Janeiro, publicação do Centro de estudos Afro-Asiáticos.
- SKIDMORE**, Thomaz E. 1976, *PRETO NO BRANCO: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- 1994, *O BRASIL VISTO DE FORA*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- SOUZA**, Neusa Santos. 1983, *TORNA-SE NEGRO: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda.
- TAUSSIG**, Michael. 1993, *XAMANISMO , COLONIALISMO E O HOMEM SELVAGEM: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VALENTE**, Ana Lúcia E. F. 1986, *POLÍTICA E RELAÇÕES RACIAIS: os negros e as eleições paulistas de 1982*. São Paulo, FFLCH-USP.
- 1994, *O NEGRO E A IGREJA CATÓLICA: o espaço concedido, em espaço reivindicado*. Campo Grande, MS, CECITEC/UFMS.
- VIANNA**, Hermano. 1988, *O MUNDO FUNK CARIOCA*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- VIANNA**, Oliveira. 1938, *RAÇA E ASSIMILAÇÃO*. São Paulo, Companhia Editora Nacional (Brasília) (3ª edição aumentada).
- WEST**, Cornel. 1994, *QUESTÃO DE RAÇA*. São Paulo, Companhia das Letras.

ANEXOS

Fim de Semana no Parque (Mano Brown)

(A toda comunidade pobre da zona sul)

Chegou o fim-de-semana todos querem diversão

Só alegria nós estamos no verão

Mês de Janeiro São Paulo zona sul

Todo mundo à vontade calor céu azul

Eu quero aproveitar o sol

Encontrar uns camaradas prum basquetebol

Não pega nada

Estou a uma hora da minha quebrada

Logo mais

Quero ver todos em paz

Um, dois, três carros na calçada

Feliz e agitada toda a playboyzada

As garagens abertas

Eles lavam os carros

Desperdiçam a água

Eles fazem a festa

Vários estilos, vagabundas, motocicletas

Coroa rico, boca aberta isca predileta

De verde fluorescente queimada sorridente

A mesma vaca loira circulando como sempre

Roda branca dos playboys do Guarujá

Outros manos se esquecem

Na minha não se cresce

Só assim to legal até me leve a mal

Malicioso e realista sou eu Mano Brown

Me dê quatro dois motivos prá não ser

Olha o meu povo nas favelas e vai perceber

Daqui eu vejo uma caranga do ano

Toda equipada e um tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado estão indo ao parque

Eufórico, brinquedos eletrônicos

Automaticamente eu imagino

A molecada lá da área como é que ta

Provavelmente correndo prá lá prá cá

Jogando bola descalços nas ruas de terra

Hé, brincando do jeito que dá

Gritando palavrão é o jeito deles

Eles não tem vídeo-game, às vezes nem
televisão

Mas todos eles tem um São Cosme e São
Damião

A única proteção, proteção

No último natal Papai Noel escondeu um
brinquedo prateado

Brilhava no meio do mato

Um menininho de dez anos achou o presente

Era de ferro com doze balas no pente

O fim de ano foi melhor para muita gente

Eles também gostariam de ter bicicletas

De ver seu pai fazendo Cooper tipo atleta

Gostam de ir ao parque e se divertir

E que alguém os ensinassem a dirigir

Mas eles só querem paz

E mesmo assim é um sonho

Fim de semana no Parque São Antônio, São
Antônio

Refrão

Vamos passear no parque

(Deixa o menino brincar)

Vamos passear no parque

(Eu vou rezar prá este domingo não chover)

Olha só aquele Clube que dá hora

Olha aquela quadra olha aquele campo, olha

Olha quanta gente

Tem sorveteira cinema piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina

Afoga essa vaca dentro da piscina

Tem corrida de kart, dá prá vê

É igualzinho o que vi ontem na TV

Olha só aquele Clube que dá hora

Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora

Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
 Do seu pai gritando bem loco dentro o bar
 Nem se lembra do ontem de hoje o futuro
 Ele apenas sonha através do muro
 Milhares de casas amontoadas ruas de terra
 Esse é o morro, minha área me espera
 Gritaria na feira “- Vamos chegando!”
 Pode crê eu gosto disso, mais calor humano
 Na periferia a alegria é igual
 É quase meio-dia, a euforia é geral
 É lá que moram meus irmãos, meus amigos
 E a maioria por aqui se parece comigo
 Eu também sou bam, bam, bam
 E o que manda o pessoal desde às dez da manhã
 está no samba
 Presta atenção no repique atenção no acorde
 (Como é que é Mano Brown)
 Pode crê pela ordem
 A número, número um em baixa renda da
 cidade
 Comunidade zona sul é dignidade
 Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o
 morro
 Polícia a morte, polícia socorro
 Aqui não vejo nem um Clube Poliesportivo
 Prá molecada frequentar nem um incentivo
 O investimento no lazer é muito escasso
 O centro comunitário é um fracasso
 Mas aí se quiser destruir está no lugar certo
 Tem bebida, é cocaína sempre por perto
 A cada esquina, cem duzentos metros
 Nem sempre é bom ser esperto
 Schmidt, Taurus, Rossi, Dreher ou Campari
 Pronúncia agradável estado inevitável
 Nomes estrangeiros que estão no nosso meio prá
 matar...
 M.E.R.D.A
 Como se fosse hoje, ontem ainda me lembro
 Sete horas sábado quatro de dezembro
 Uma bala uma moto com dois imbecis

Mataram o nosso mano que fazia o morro mais
 feliz
 E indiretamente ainda faz
 Mano Rogério esteja em paz
 Vigindo lá de cima
 A molecada do Parque Regina

Refrão

To cansado dessa porra
 De toda essa bobagem
 Alcoolismo, vingança treta malandragem
 Mãe angustiada filho problemático
 Famílias destruídas fins de semanas trágicas
 O sistema qué isso, a molecada tem que aprende
 Fim de semana no Parque Ipê

Refrão

(Pode crê, Racionais MC's e Negritude Jr
 juntos. Vamos investir em nós mesmos,
 mantendo distância das drogas e do álcool. Aí
 rapaziada do Parque Ipê, Jardim São Luís,
 Jardim Ingá, Parque Arariba, Vaz de Lima,
 Morro do Piolho, Vale das Virtudes e
 Pirajuçara. É isso aí, Mano Brown.
 É isso aí Netinho. Paz a todos).

Não daquela maneira
Crianças, gatos, cachorros
Disputam palmo a palmo seu café da manhã
Na lateral da feira
Molecada sem futuro eu já consigo ver
Só vão na escola prá comer
Apenas nada mais.
Como vão aprender
Sem incentivo de alguém
Sem orgulho, sem respeito
Sem saúde e sem paz.
Um mano meu tava ganhando um dinheiro
Tinha comprado um carro
Até rolex tinha
Foi fuzilado a queima roupa num colégio
Abastecendo a playboyzada de farinha.
Ficou famoso virou notícia
Rendeu dinheiro aos jornais, cartaz a polícia.
20 anos de idade alcançou os primeiros lugares
Super star no Notícias Populares.
Uma semana depois chegou o crack,
Gente rica por trás, diretoria
Aqui periferia miséria se sobra
Um salário por dia garante a mão-de-obra
A clientela tem grana e compra bem.
Tudo em casa, costa quente de sócio:
A playboyzada muito louca até os ossos
Vender droga por aqui grande negócio.
Sim ganhar dinheiro, ficar rico enfim.
Quero um futuro melhor.
Não quero morrer assim,
Num necrotério qualquer
Um indigente sem nome sem nada.

Um homem na estrada

Assalto na redondeza, levantaram suspeitas
Logo acusaram a favela prá variar
E o boato que corre é que o homem está com o
seu nome lá,

Na lista dos suspeito, pregada na parede do bar.
A noite chega e o clima estranho no ar
E ele sem desconfiar de nada vai dormir
tranquilamente
Mas na calada caguetaram seus antecedentes
Como se fosse uma doença incurável
No seu braço a tatuagem, DVC
Uma passagem 157 na lei,
Ao seu lado não tem mais ninguém
A Justiça Criminal é implacável
Tiram sua liberdade, família e moral.
Mesmo longe do sistema carcerário
Te chamaram prá sempre de ex-presidiário.
Não confio na polícia, raça do caralho.
Se eles me acham baleado na calçada,
Chutam minha cara e cospem em mim
eu sangraria até a morte
(Já era, um abraço).
Por isso a minha segurança eu mesmo faço.
É madrugada, parece estar tudo normal.
Mas esse homem desperta pressentindo o mal.
Muito cachorro latindo, ele acorda ouvindo
Barulho de carro e passos no quintal.
A vizinhança esta calada,
Insegura premeditando um final que já
conhecem bem,
Na madrugada da favela não existe leis,
Talvez a lei do silêncio.
A lei do cão talvez,
Vão invadir o seu barraco, é a polícia.
Vieram prá arregaças cheio de ódio e malícia.
Filhos da puta. Comedores de carniça.
Já deram a minha sentença.
E eu não estava na treta.
Não são poucos e já vieram muito loucos
Matar na crocodilagem. Não vão perder viagem.
Quinze cara lá fora, diversos calibres
E eu apenas com uma treze tiros automática.
Sou eu mesmo e meu Deus e meu Orixá.
No primeiro barulho eu vou atirar.

Se eles me pegam meu filho fica sem ninguém
O que eles querem, mais um pretinho na
FEBEM.

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico enfim,
A gente sonhe a vida inteira e só acorda no fim.
Minha verdade foi outra.
Não dá mais tempo prá nada não.
(Tiros e rajadas).
(uma voz em *off*, como se fosse de um jornalista
diz: “- Um homem aparentando 30 anos foi
morto a tiros no Capão...).

JURI RACIONAIS (Mano Brown)

Você não tem amor próprio fulano
Nos envergonha
Pensa que é o maior,
Não passa de um sem vergonha.
Seus atos, por si só, definem sua personalidade.
Mas é inferioridade,
Que você sente no fundo
Dá aos racistas imundos
Razões o bastante,
Prá prosseguirem nos fodendo como antes,
Ovelha branca da raça, traidor.
Vendendo a alma ao inimigo renegou a sua cor.
Mais nosso júri é racional e não falha,
Não somos fãs de canalhas.
Existe um velho ditado que diz:
Que o negro sem orgulho é fraco e infeliz
Como uma grande árvore, que não tem raiz
Mas se assim você quis, então terá que pagar
Porém, agora os playboys querem mais é que se
foda
Você e sua raça toda
Eles não pensam em te ajudar então
Olhe prá você e se lembre dos irmãos
Com sangue espalhado fizeram muitas notícias
Mortos na mão da polícia
Fuzilados de bruços no chão.

Me causa indignação a sua indiferença
Contra nossa destruição.
Mas o nosso júri é racional
E não falha
Não somos fãs de canalha.
As vagabundas que você a vida toda elogiara
Se divertem e riem da sua cara.
Aqueles vacas usufruíram,
Usaram do pouco que você tinha.
Até a última gota,
No entanto, não há outras
E agora você foi desprezado jogado fora.
Você na precisa delas.
Se existem negras tão belas,
Se pode ter as melhores.
Porque ficar com as piores,
Burguesas cadelas.
Estou falando sobre nossa auto-estima.
Você despreza seu irmão, não dá a mínima.
Mas nosso júri é racional e não falha.
Não somos fãs de canalha.
Gosto de Nelson Mandela,
Admiro Spike Lee.
Zumbi, um grande herói, o maior daqui.
São importantes prá mim,
Mas você ri e dá as costas.
Então acho que sei da porra que você gosta.
Se vestir como playboy frequentar danceteria,
Agradar as vagabundas, ver novelas todo dia.
Que merda.
Se esse é seu ideal é lamentável
É bem provável que você se foda muito.
Você se auto-destrói.
Também quer nos incluir.
Porém, não quero, não gosto, não devo,
Não posso, não vou admitir.
De que valem roupas caras
E não ter atitude.
De que vale a negritude,
Se não pô-la em prática

A principal tática,
Herança da nossa mãe África
A única coisa que não puderam roubar
Se soubesse o valor, que a nossa raça tem
Tingia a palma da mão pra ser escura também.
Mas nosso júri é racional, não falha.
Não somos fãs de canalha.
Quero nos devolver o valor,
Que a outra raça tirou.
Esse é meu ponto de vista. Moro?
Escravizaram sua mente
E muitos da nossa gente.
Mas você infelizmente sequer demonstra
interesse
Em se libertar.
Essa é a questão.
Auto-valorização.
Esse é o título da nossa revolução

Capítulo Um:

O verdadeiro negro tem que ser capaz de remar
contra a maré
Contra qualquer sacrifício,
Mas no seu caso é difícil,
Você só pensa no seu benefício.
Desde o início,
Me mostram indícios
Que seus artifícios
São vícios,
Poucos originais, anormais, artificiais
Esbranquiçados demais,
Ovelha branca da raça, traidor.
Vendeu a alma ao inimigo renegou a sua cor,
Mas nosso júri é racional e não falha.
Não somos fãs de canalhas.
(Por unanimidade o júri deste tribunal decide
que o réu é culpado. Por, conscientemente
ignorar as lutas dos antepassados negros,
humilhar e desmoralizar a cultura negra milenar.
Caso encerrado. “Bate-se o martelo!”)

AGRADECIMENTOS 2

Agora, parafraseando os Racionais MC's, gostaria de mandar um salve para todos os manos da quebrada, que me ajudaram na realização dessa fita tão embaçada. Aos aliados do outro lado do 'muro', a luta continua.

Aí, Mano Brown, KL Jay, Ed Rock e Ice Blue, firma! Sem vocês, esta parada, com certeza, não seria o que é. Continuem na luta, pois só quem é sente! Outro 'truta' do HIP-HOP, que muito me ajudou foi Thaide, um abraço. Não posso deixar de lembrar do *breaker* Moisés do Jabaquara Break e do *rapper* CAB, de diadema, pela força que deram.

Quero mandar um abraço para o Luiz Alberto da Silva (Luizão), por ter aberto as portas do Clube da Cidade, para este seu amigo e pesquisador, atitude que garantiu a existência e o desenvolvimento deste empreendimento. Assim como, para Élcio Silva (Fião), Carlos Henrique da Silva (Família), Marco Antônio (Macun), José Amâncio (Quitão), Flavinho, todos da Chic Show, no período em que foi desenvolvido este trabalho, um abraço para todos.

Também contribuíram, com toda a certeza, Williams Carlos Santiago, Luís Antônio Serafim e Paulo Bonifácio, por terem permitido meu trabalho no Espaço Atual. Um abraço para Paulo Brown, que atualmente leva o programa "Balanço do Rap", juntamente com Ice Blue, na 105 FM.

Gostaria de lembrar aqui de Antônio Carlos, da Nenê de Vila Matilde, que me ajudou, principalmente nos momentos de descontração. Você deixou muita saudade, amigo. Ao Tadeu, da Vai-Vai, obrigado pela ajuda na prefeitura e a força nos instante que precisei, firma! Um abraço para 'seo' Nenê, para o finado Tobias, da Camisa Verde e Branco, para o Valtinho e Carlão, da Peruche, para o Mercadoria e Basílio, da Rosas de Ouro, 'seo' Juarez, da Mocidade Alegre, para o Chicle, da Vai-Vai. Não posso deixar de fora Do Carmo, meu *griot*, do mundo do samba. Toniquinho do pandeiro, que soube me receber com carinho e sabedoria. Foi no mundo do que comecei a me imaginar na pós-graduação.

Abraço para Adomair e Luís Orlando da Silva, baiano arretado. Diogo Gomes dos Santos, pela força, no período do cineclubismo. A Rubens Fortunato, grande incentivador.

Para todos as demais pessoas, que apesar de não participarem da academia, são de profunda importância para o desenvolvimento de nossos estudos. Deixaram de ser simples ‘objetos’ de estudos, para serem atualmente colaboradores. Sem a contribuição de vocês este trabalho não teria sequer iniciado, quem dia terminado.

Axé para todos e PAZ!!!